



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

**FELIPE AURÉLIO EUZÉBIO**

**PEDAGOGIA DOS PRAZERES:**  
**APREENDENDO FORMAS DE COMPREENDER E MODOS DE ESTAR**  
**EM PREP NO BRASIL**

Salvador

2023

---

**FELIPE AURÉLIO EUZÉBIO**

**PEDAGOGIA DOS PRAZERES:**

**PEDAGOGIA DOS PRAZERES: APREENDENDO FORMAS DE  
COMPREENDER E MODOS DE ESTAR EM PREP NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Guillermo Vega Sanabria.

Salvador

2023

---

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

E91 Euzébio, Felipe Aurélio  
Pedagogia dos Prazeres: apreendendo formas de compreender e modos de estar em PrEP no Brasil) / Felipe Aurélio Euzébio, 2023.  
120 f.: il.

Orientador: Profº. Drº. Guillermo Vega Sanabria

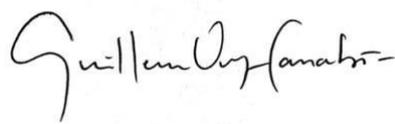
Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

1. Antropologia. 2.HIV (Vírus) – Prevenção - Brasil. 3.Homossexuais masculinos. 4. Identidade de gênero. 5. Pré-Seleção do sexo – Prática de ensino. I. Sanabria, Guillermo Vega. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

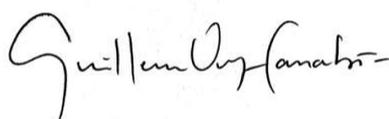
CDD: 301

---

Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA (PPGA), realizada em 12/05/2023 para procedimento de defesa da Dissertação de MESTRADO EM ANTROPOLOGIA no. 11, área de concentração Antropologia, do(a) candidato(a) FELIPE AURÉLIO EUZÉBIO, de matrícula 2021110812, intitulada Pedagogia dos prazeres: apreendendo formas de compreender e modos de estar em PrEP no Brasil. Às 14:30 do citado dia, por videoconferência, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Prof. Dr. GUILLERMO VEGA SANABRIA que apresentou os outros membros da banca: Profª. Dra. CECILIA ANNE MCCALLUM e Prof. Dr. FERNANDO SEFFNER. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(à) examinado(a) para apresentação do trabalho de Mestrado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo(a) candidato(a), tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.



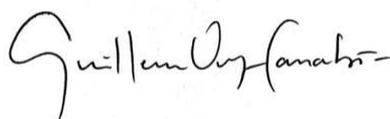
**Dr. FERNANDO SEFFNER, UFRGS**  
Examinador Externo à Instituição



**Dra. CECILIA ANNE MCCALLUM, UFBA**  
Examinadora Interna



**Dr. GUILLERMO VEGA SANABRIA, UFBA**  
Presidente



**FELIPE AURÉLIO EUZÉBIO**  
Mestrando(a)

---

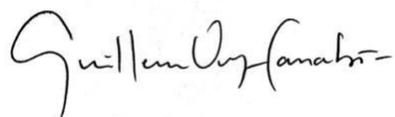
**FOLHA DE CORREÇÕES**

**ATA Nº 11**

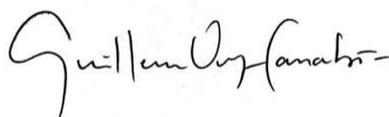
**Autor(a): FELIPE AURÉLIO EUZÉBIO**

**Título: Pedagogia dos prazeres: apreendendo formas de compreender e modos de estar em PrEP no Brasil**

**Banca examinadora:**



**Dr. FERNANDO SEFFNER, UFRGS**  
Examinador Externo à Instituição



**Dra. CECILIA ANNE MCCALLUM, UFBA**  
Examinadora Interna



**Dr. GUILLERMO VEGA SANABRIA, UFBA**  
Presidente

---

Os itens abaixo deverão ser modificados, conforme sugestão da banca

1.          INTRODUÇÃO
  
2.          REVISÃO BIBLIOGRÁFICA
  
3.          METODOLOGIA
  
4.          RESULTADOS OBTIDOS
  
5.          CONCLUSÕES

---

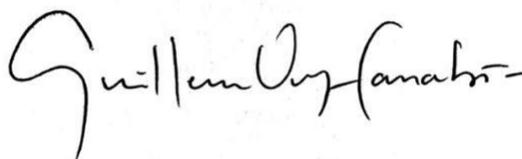
COMENTÁRIOS GERAIS:

---

A banca considera o trabalho suficiente tendo em vista as exigências formativas do mestrado e não tem sugestões de alterações referidas à introdução. Pertinência do tema e do trabalho para a antropologia, a educação e as ciências da saúde. O trabalho dá conta dos objetivos propostos e coloca assuntos que não teriam como ser esgotados, mas, ao contrário, assinalam caminhos de pesquisa para o futuro. A banca sugere que o mestrando invista na publicação em revistas especialistas, eventos acadêmicos e mesmo nas redes sociais que fizeram parte do seu campo de pesquisa.

---

Declaro, para fins de homologação, que as modificações, sugeridas pela banca examinadora, acima mencionada, foram cumpridas integralmente.



**Prof. GUILLERMO VEGA SANABRIA**

Orientador

Este trabalho é dedicado...

À todas as pessoas LGBTQIAP+ que vieram antes de mim  
e às que ainda virão.

À todas as pessoas que tiveram suas vidas interrompidas  
pela epidemia de HIV.

E à minha criança viada, que hoje já não precisa mais ter  
tanto medo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Guillermo Vega Sanabria, pela confiança que depositou em mim e pela liberdade que me concedeu para que eu pudesse percorrer meus próprios caminhos. Sua orientação e apoio foram imprescindíveis para que eu pudesse concluir esta dissertação.

Agradeço a minha banca, Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cecilia McCallum e Prof. Dr. Fernando Seffner, por sua disponibilidade, cuidado, orientações e palavras de incentivo. Minha estima e admiração a ambos. Este trabalho é fruto das trocas que fizemos. Muito obrigado!

Agradeço ao corpo discente e docente, secretaria e demais funcionários do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia (PPGA/UFBA), pela minha formação. As parcerias e o tempo que vivi em Salvador terão sempre um lugar especial em minha memória.

Agradeço a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), pela bolsa de pesquisa que me sustentou e me permitiu viver o mestrado com dedicação exclusiva. Sem este apoio financeiro às ciências e à educação, mesmo em um contexto de sucateamentos absurdos, eu não estaria me tornando um antropólogo.

Agradeço ao Prepdifusor que abriu as portas da sua casa e me permitiu utilizar e mergulhar de cabeça nas suas experiências e produções sobre PrEP. Seu modo de estar e compreender PrEP foi um dos muitos e importantes fios que trançaram esta dissertação.

Agradeço a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Louise Alfonso, por todo o suporte, amizade e aconselhamento que vem me dando nesses anos todos. Se hoje sou um profissional mais atento às demandas e sensibilidades das comunidades com as quais trabalho, é pela formação ímpar que tive nos seus projetos de pesquisa, ensino e extensão. Você foi a primeira pessoa que me deu oportunidade de assumir responsabilidades, de estar à frente das ações que eu considerava necessárias, de vivenciar a Antropologia em todas as suas dimensões, e por isso eu serei eternamente grato.

Agradeço as amigas que me carregaram até aqui. Vagner Barreto, Luana Amaral, Martha Ferreira e Anne Plein. Nos momentos de maior aflição, vocês me ajudaram e carregam um pouco do peso comigo. Meu amor e admiração por cada um(a) de vocês. Obrigado!

Agradeço a minha família pelo apoio e amor incondicional. Meu pai, Volnei Euzébio, minha mãe, Rosane Euzébio, e meus irmãos, Renan Euzébio e Millena Euzébio. Sem vocês, com certeza não estaria onde estou hoje.

E, por fim, agradeço a minha namorada, Nina Acacio, minha leitora mais crítica, por tudo que você representa na minha vida. Por todo o seu amor, confiança e apoio. Você nunca deixou de acreditar em mim e isso me deu forças para seguir nesse processo, concluir esta pesquisa e dar os próximos passos da vida. Te amo, obrigado!

Obs.: Quase esqueci de agradecer a minha cachorra, Carmen Tereza; minha companheira de todas as horas. Sentado no sofá, nas horas sem fim exigidas por essa dissertação, minha única certeza era sua cabeça em meu colo e o barulho de seu ronco.

***PrEP MANIFESTO (WHY PrEP?)***

*[...] Because gay desire shouldn't be confined by moralism, religion, stigma, and shame*

*Because we should fuck whoever and however many people we want*

*Because we want to bareback and get loaded, seeded, and bred without being shamed*

*Because our desire is the backbone of our communities*

*Because PrEP has changed digital cruising culture*

*Because PrEP has altered the representation of sexual identities*

*Because PrEP has shifted the negotiation of sexual encounters*

*Because PrEP has affected the disclosure of status*

*Because PrEP has influenced practices of consent*

*Because PrEP has changed gay porn and the sex industry*

*Because PrEP regimes have made permissive what was once considered 'transgressive' [...]*

**SPIT! (Sodomites, Perverts, Inverts Together!)**

Carlos Motta, John Arthur Peetz, Carlos Maria Romero, 2017

**MANIFESTO DA PrEP (POR QUE PrEP?)**

[...] *Porque o desejo gay não deve ser confinado pelo moralismo, a religião, o estigma e a vergonha*

*Porque devemos foder quem e quantas pessoas quisermos*

*Porque queremos fazer no pelo, receber leitada, jatada, e levar gozada sem ser julgados*

*Porque nosso desejo é a espinha dorsal de nossas comunidades*

*Porque a PrEP mudou a cultura da pegação digital*

*Porque a PrEP alterou a representação das identidades sexuais*

*Porque a PrEP mudou a negociação de encontros sexuais*

*Porque a PrEP afetou a revelação do status sorológico*

*Porque a PrEP influenciou as práticas de consentimento*

*Porque a PrEP mudou a pornografia gay e a indústria do sexo*

*Porque os regimes da PrEP tornaram permissivo o que antes era considerado 'transgressivo' [...]*

SPIT! (Sodomitas, pervertidos, invertidos juntos!)

Carlos Motta, John Arthur Peetz, Carlos Maria Romero, 2017

(Tradução minha)

EUZÉBIO, Felipe Aurélio. *Pedagogia dos Prazeres: apreendendo formas de compreender e modos de estar em PrEP no Brasil*. Orientador: Guillermo Vega Sanabria. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Bahia.

## RESUMO

Esta dissertação analisa aspectos dos processos de ensino e de aprendizagem de homens que fazem sexo e/ou mantêm relações homoafetivas/homoeróticas com outros homens (HSH) a partir das suas práticas de prevenção e o uso da Profilaxia Pré-Exposição ao HIV. Política pública iniciada no ano de 2017, a PrEP consiste na tomada diária de um comprimido que permite ao organismo estar preparado para enfrentar um possível contato com o HIV. A pesquisa tem como objetivo comparar modos de estar e formas de compreender o método de prevenção ao HIV, a partir de um trabalho de campo etnográfico com usuários de PrEP em rede sociais – *Facebook*, *Whatsapp*, *Instagram* e *Grindr* – e das campanhas institucionais e dos materiais audiovisuais de divulgação e incentivo ao método de prevenção. Assim, na busca por uma multiplicidade de narrativas, diferentes espaços, instituições e sujeitos entram em cena e auxiliam no exercício de desvelar os conflitos morais ao redor do uso da PrEP. Com uma abordagem que dialoga com a Antropologia, a Saúde e a Educação, é possível a construção de uma perspectiva mais complexa sobre os fenômenos socioculturais que envolvem o sexo, o prazer e as práticas de saúde sexual.

**Palavras-chave:** Antropologia; Pedagogia dos Prazeres; Profilaxia Pré-Exposição (PrEP); HSH; HIV.

EUZÉBIO, Felipe Aurélio. Pedagogy of Pleasures: apprehending ways of understanding and ways of being in PrEP in Brazil. Mentor: Guillermo Vega Sanabria. Master Thesis (Master in Anthropology) – Graduate Program in Anthropology, Federal University of Bahia.

## ABSTRACT

This dissertation analyzes aspects of the teaching and learning processes of men who have sex and/or homoaffective/homoerotic relationships with other men (MSM) based on their prevention practices and the use of Pre-Exposure Prophylaxis (PrEP). A public policy started in 2017, PrEP consists of taking a pill daily that allows the body to be prepared to face a possible contact with HIV. The research aims to compare different ways of being and understanding the HIV prevention method, based on an ethnographic fieldwork with PrEP users on social networks - *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram*, and *Grindr* - and institutional campaigns and audiovisual materials promoting and encouraging the prevention method. Thus, in the search for a multiplicity of narratives, different spaces, institutions, and subjects come into play and assist in uncovering the moral conflicts surrounding the use of PrEP. Through an approach that dialogues with Anthropology, Health, and Education, it is possible to construct a more complex perspective on the sociocultural phenomena involving sex, pleasure, and sexual health practices.

**Keywords:** Anthropology; Pedagogy of Pleasures; Pre-Exposure Prophylaxis (PrEP); MSM; HIV.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01</b> – Pílula Azul .....	18
<b>Figura 02</b> – Centro de Especialidades .....	21
<b>Figura 03</b> – “Local livre de preconceito”, 2021 .....	22
<b>Figura 04</b> – “Rápidos e práticos, testes fornecem resultados em, no máximo, 30 minutos” ..	24
<b>Figura 05</b> – Potes para a coleta de amostra de urina, 2022 .....	28
<b>Figura 06</b> – Fluxograma para avaliação de indicação de PrEP em adultos sexualmente ativos .....	44
<b>Figura 07</b> – “Sobre este grupo” .....	56
<b>Figura 08</b> – “Membros e atividade” .....	56
<b>Figura 09</b> – “Responder às perguntas” .....	58
<b>Figura 10</b> – Regras dos administradores para o grupo .....	60
<b>Figura 11</b> – “Efeitos indesejáveis” .....	62
<b>Figura 12</b> – “Perfil” .....	72
<b>Figura 13</b> – “ <i>Blue Shower</i> ” .....	76
<b>Figura 14</b> – Folder explicativo: o essencial sobre a PrEP (pág.1).....	83
<b>Figura 15</b> – Folder explicativo: o essencial sobre a PrEP (pág.2).....	84
<b>Figura 16</b> – Campanha de Prevenção às IST – Carnaval 2023 (1).....	85
<b>Figura 17</b> – Campanha de Prevenção às IST – Carnaval 2023 (2).....	86
<b>Figura 18</b> – Campanha de Prevenção Combinada e PrEP – UNAIDS Brasil 2021 (1) .....	87
<b>Figura 19</b> – Campanha de Prevenção Combinada e PrEP – UNAIDS Brasil 2021 (2) .....	87
<b>Figura 20</b> – Campanha de Prevenção Combinada e PrEP – UNAIDS Brasil 2021 (3) .....	88

## LISTA DE PRANCHAS

<b>Prancha 1</b> .....	64
1. “A PrEP altera o sabor?” .....	64
2. “Por quanto tempo ainda tenho que tomar?” .....	64
3. “Toma PrRP, mas mal transa?” .....	64
4. “Alguma reação sinistra?” .....	61
5. Será que ainda faz efeito?” .....	61
6. “A cartilha de proteção da PrEP sob demanda, por favor?” .....	61
<b>Prancha 2</b> .....	91
1. “PrEP and the City” .....	91
2. “Prevenção Combinada” .....	91
3. “Chuva de Truvada” .....	91
4. “Pós-pornografia e prevenção” .....	88
5. “Pergunte-me sobre PrEP” .....	88
6. “Presente de aniversário” .....	88

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIA	Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS
AIDS	Acquired Immunodeficiency Syndrome (Síndrome da imunodeficiência adquirida)
ATV	Ativo na relação sexual (aquele que penetra)
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CEPEE	Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
DCCI	Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
FAPESB	Fundação de Amparo à pesquisa do Estado da Bahia
HIV	Human Immunodeficiency Virus (vírus da imunodeficiência humana)
HSB	Homens que fazem sexo e/ou mantêm relações homoafetivas/homoeróticas com outros homens
IPARGS	Instituto de Pesquisas em AIDS do Estado do Rio Grande do Sul
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
MS	Ministério da Saúde
PASS	Passivo na relação sexual (aquele que é penetrado)
PCDT	Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas
PEP	Profilaxia Pós-Exposição ao HIV
PPG	Programas de Pós-Graduação
PrEP	Profilaxia Pré-Exposição ao HIV
REBEH	Revista Brasileira de Estudos da Homocultura
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNAIDS	United Nations Program on HIV/AIDS

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>18</b>
1.1 A primeira consulta: o paciente vem ao SAE, por livre demanda.....	20
1.2 Os exames: as medicações podem afetar a função renal ou hepática.....	27
1.3 O retorno: o paciente é orientado a retornar em 30 dias.....	31
1.4 A pesquisa: o que se entende por fazer científico em uma área ou outra.....	34
<b>2. ENTENDENDO CONTEXTOS.....</b>	<b>39</b>
2.1 PrEP no Brasil: embora o Brasil tenha sido um dos países pioneiros.....	39
2.2 PrEP na Antropologia: ocupa um lugar outro no campo.....	47
<b>3. APREENDENDO FORMAS DE ESTAR E MODOS DE COMPREENDER.....</b>	<b>55</b>
3.1 Com um grupo de Facebook: para conversarmos e aprendermos mais sobre PrEP.....	55
3.1.1 Com publicações e comentários: amor, penetração, toque, saliva, gozo e fetiche...	61
3.1.2. Com administradores do <i>F PrEP</i> : a prestação de cuidados de forma remota.....	67
3.2. Com Prepdifusor: é um trabalho né, porque produz um efeito no mundo.....	71
3.2.1. Com campanhas e materiais: a responsabilidade de informar, acolher, apresentar e ofertar a PrEP.....	82
3.2.2. Com um grupo de WhatsApp: o diálogo é frenético e constante.....	92
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>98</b>
<b>5. REFÊRENCIAS .....</b>	<b>101</b>
<b>Apêndice A .....</b>	<b>111</b>
<b>Apêndice B .....</b>	<b>113</b>
<b>Apêndice C .....</b>	<b>116</b>

# 1. INTRODUÇÃO

É preciso começar explicando que os acontecimentos expostos aqui não são o ponto de partida de minha trajetória para esta pesquisa de mestrado. Na verdade, se fosse para traçar uma linha do tempo, tudo que estou prestes a escrever e descrever se passaria mais para a metade do meu trabalho de campo. A minha relação com meu tema de pesquisa – a Profilaxia Pré-Exposição ao HIV (PrEP) e as experiências de homens que fazem sexo e/ou mantêm relações homoafetivas/homoeróticas com outros homens (HSH) – não se inicia comigo me tornando usuário deste método de prevenção. Começa com o desejo de me tornar e a caminhada para chegar até esse momento.

O Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis (DCCI) define a PrEP enquanto “novo método de prevenção à infecção pelo HIV”. Em matéria no site oficial do DCCI é dito que a PrEP “consiste na tomada diária de um comprimido que permite ao organismo estar preparado para enfrentar um possível contato com o HIV, ou seja, o indivíduo se prepara antes de ter uma relação sexual de risco<sup>1</sup> para o HIV”<sup>2</sup>. No Brasil, o nome comercial de PrEP é Truvada. Um medicamento composto por dois antirretrovirais (ARV), Tenofovir e a Emtricitabina, no formato de uma pílula azul.

**Figura 01** – Pílula Azul



Fonte: Foto de Capa do Grupo *F PrEP*. Acesso em: 29/03/2023

<sup>1</sup> Segundo o Guia de Terminologias do UNAIDS (2017, p.21): “No contexto do HIV, é o risco de exposição ao vírus ou a probabilidade de que uma pessoa possa contrair o HIV. São os comportamentos, e não o pertencimento a um determinado grupo, que colocam os indivíduos em situações que podem expô-los ao HIV. Certos comportamentos criam, aumentam ou perpetuam o risco”.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.AIDS.gov.br/pt-br/publico-geral/prevencao-combinada/profilaxia-pre-exposicao-prep>. Acesso em: 05 dez. 2021

Portanto, enquanto uma intervenção biomédica pautada no uso de drogas antirretrovirais anterior a uma exposição de risco, a PrEP possibilita novas dinâmicas corporais e relacionais entre sujeito, exposição e prevenção ao HIV. Como explica Ferrari (2017, p.142), “o que vai distinguir a PrEP em relação a outras intervenções biomédicas no campo da prevenção é a questão da chamada adesão, do quanto a pessoa consegue aderir à recomendação médica do uso diário do antirretroviral”.

Nesta dissertação de mestrado busquei descrever modos de estar e formas de compreender a PrEP<sup>3</sup> para esboçar algum entendimento de como se dão os processos de ensino e de aprendizagem entre HSH, a partir das suas práticas sexuais e de prevenção ao Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV, na sigla em inglês). Por fazer parte do mesmo universo simbólico, histórico e médico, é possível que, eventualmente, sejam feitas referências a outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) no decorrer da pesquisa.

Neste contexto, entendo os processos de ensino e de aprendizagem enquanto parte da produção de significados que marcam e constituem não apenas o sujeito e as práticas “normais”, mas, também, as significadas na cultura como “desviantes”, “não-autorizadas”, “anormais” (FURLANI, 2008). Dessa forma, me propus a realizar um trabalho de campo etnográfico junto a usuários de PrEP em redes sociais – *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram* e *Grindr* – com o intuito de analisar como os modos de estar e as formas de compreender a PrEP afetam as práticas sexuais e noções de prazer HSH.

No entanto, antes, tomarei a liberdade de narrar especificamente o processo que vivenciei ao começar com a PrEP pelo Sistema Único de Saúde (SUS) na cidade de Canoas/RS, na região metropolitana de Porto Alegre. Acredito que esse relato pode preparar o terreno para as muitas explicações, reflexões e desilusões que tenho guardadas para esta dissertação ou que, de algum modo, já estão contidas nela.

Os momentos que descreverei a seguir também não são ao acaso. Além de possibilitarem explanações objetivas sobre o conteúdo, abordagem e discussões desta dissertação, são acontecimentos que foram guiados por um “textinho orientador”. Esse material, compartilhado comigo por um de meus interlocutores, sobre o “fluxo” ou “passo a passo” necessários para se tornar usuário de PrEP em Canoas, foi fornecido pela própria Secretaria Municipal da Saúde da

cidade e me instigou a realizar o processo e investigar os caminhos da PrEP por meio do SUS. Decidi por manter a linguagem utilizada pelo texto original encaminhado pelo Secretário Municipal de Saúde de Canoas, direta e sem muitas explicações, mas buscarei explicitar alguns desses termos e procedimentos adiante.

Segundo o material: (1) O paciente vai ao Serviço de Atendimento Especializado (SAE), por livre demanda, e é encaminhado direto para a psicóloga para entrevista para ver se se enquadra dentro do perfil de usuário do programa; (2) É encaminhado ao Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA), no mesmo local, para realização de testes rápidos; (3) Após isso, o paciente já sai com sua primeira consulta agendada; (4) Na consulta médica, o médico já solicita todos os exames de protocolo uma vez que as medicações podem afetar a função renal ou hepática. Também já sai com a prescrição para ir direto na farmácia pegar as medicações (no mesmo local). A dispensação inicial é para 30 dias; (5) Após isso, o paciente é orientado a retornar em 30 dias, lembrando que o paciente na primeira entrevista já tem a garantia da consulta de retorno não precisando ter que ir no local para marcar; (6) Na consulta de retorno, estando os exames “tudo ok”, bem como o paciente não ter relatado nenhum desconforto por causa da medicação, só precisará realizar os exames e consultas a cada três meses.

Vejamos, de fato, como o processo ocorreu comigo.

### **1.1 A primeira consulta: o paciente vem ao SAE, por livre demanda...**

Dia 09 de maio de 2022, Canoas, Rio Grande do Sul. Tento acordar cedo, pois imagino que passarei o dia em função do processo para me tornar usuário de PrEP e imagino, também, que quanto mais cedo eu chegar ao SAE da cidade, mais ágil será o atendimento. Chego lá às 10h da manhã, depois de pegar um ônibus e caminhar cerca de cinco quadras do ponto de ônibus até o local. O SAE ou CEM (Centro de Especialidades Médicas) fica em uma esquina, na Rua Brasil, 438, Centro. É um prédio térreo, amarelo e bastante “geométrico”. Sua recepção é toda envidraçada, com janelas grandes do teto ao chão, de uma parede a outra, uma sala quadrada e espaçosa com cadeiras de espera dispostas nas extremidades e viradas para o centro.

**Figura 02** – Centro de Especialidades



Fonte: Prefeitura Municipal de Canoas. Acesso em: 19/09/2022.

Lembro que durante a primeira vez que entrei neste prédio fui tomado por um sentimento de exposição e vulnerabilidade, pois da forma como os móveis foram colocados, todes<sup>4</sup> que entram naquele espaço têm de passar por esse “corredor” de olhos entediados de quem está ali esperando por atendimento. As janelas remetiam a uma vitrine, nada ali parecia ser projetado para criar um espaço de acolhimento. Com as mesas e computadores das recepcionistas no fundo da sala, não há chance para privacidade à medida que todo primeiro contato acontece em um mesmo espaço e você se encontra no centro da sala. Ali se misturam todo tipo de gente, de gestantes às pessoas ansiosas pelos resultados de um teste de HIV, por exemplo. Na porta há uma cartaz colado no vidro que diz “Local livre de preconceito. Unidade capacitada”.

---

<sup>4</sup> Em alguns momentos desta dissertação adotarei o sistema de conjugação com final “e”, para enfatizar a possibilidade de existência – nas cenas e discussões – de pessoas com identidades que fogem à binaridade de gênero. Sendo está uma pesquisa em que o campo se desenvolveu em espaços e com pessoas LGBTQIA+, a adoção deste tipo de linguagem se faz necessária e auxilia na construção de um imaginário menos cisheteronormativo em torno do universo pesquisado.

**Figura 03** – “Local livre de preconceito”, 2021



Fonte: Acervo do Autor.

É preciso dizer que, desde o início de minha trajetória nesta temática de pesquisa, compreendi que os riscos em relação ao HIV e demais ISTs passam por relações de raça, de gênero, de classe e de geração – relações sociais que são históricas e situadas, não fixas nem universais, como indica Leal (2008). Neste texto, portanto, os marcadores sociais da diferença serão parte significativa da análise que proponho, pois auxiliaram na apreensão dos modos de estar e formas de compreender a PrEP e os sujeitos aos quais ela se destina.

Entro, falo com a recepcionista, digo que estou ali porque desejo iniciar com a PrEP. Ela pede um documento de identidade e começa a digitar coisas em seu computador até o momento em que me pede para aguardar. Não demora muito, sou chamado para passar com uma psicóloga. Ela é uma mulher branca, de meia idade e com cabelos castanhos. Eu a acompanho de um corredor a outro, até chegarmos em sua sala. É uma sala pequena, com uma escrivaninha no centro, um computador, um armário de madeira em um canto e uma maca para atendimento no outro. Não parece uma sala específica para um atendimento com a psicóloga ou pertencente a alguém específico, quase genérica, tirando alguns poucos itens que pareciam mais pessoais sobre a mesa.

A psicóloga em questão é simpática e começa o atendimento querendo saber sobre mim: quem eu era? de onde eu era? qual era a minha sexualidade? com quantas pessoas eu transei nos últimos dias? “O básico”<sup>5</sup>. Ela pergunta se eu sei o que é PrEP, digo que sim, mas ela segue com uma explicação rápida. A psicóloga pergunta por que estou interessado em começar a usar PrEP e eu conto que vivo um relacionamento aberto há cinco anos e que seria uma forma de me sentir mais seguro com relação às pessoas com quem eu e minha namorada saímos. Em nossa conversa descubro que a PrEP começou a ser distribuída em Canoas em outubro de 2021 e ao explicar sobre os exames que eu teria de fazer para começar o tratamento – exames para ver como estão as minhas funções hepáticas e renais – ela me aconselha a fazer por plano de saúde ou em atendimento particular. Segundo a profissional da saúde, nem sempre é possível marcar todos os exames solicitados pelo SUS e, muitas vezes, o tempo entre uma consulta, os exames, seus resultados e a consulta de retorno não cabem na mesma “janela” temporal disponibilizada pelos serviços do SUS. Estranho o conselho, então explico para ela que não possuo condições financeiras para isso, que para mim todo o processo teria de ser pelo SUS.

Os investimentos no Brasil, tanto para distribuição quanto para incentivo ao medicamento e a prevenção combinada, ou seja, “a estratégia adotada por um indivíduo para se prevenir do HIV combinando diferentes ferramentas ou métodos (ao mesmo tempo ou em sequência), conforme sua atual situação, risco e escolhas” (UNAIDS, 2017, p. 19) são uma questão de saúde pública que vem ganhando cada vez mais espaço na mídia e nas agendas políticas devido aos avanços biotecnológicos de prevenção da epidemia. Segundo matéria publicada no Agência de Notícias da AIDS<sup>6</sup>,

em 2018, a profilaxia já estava em todos os estados do país. Para lançar o programa, o Ministério trabalhou com redes de homens que fazem sexo com homens e pessoas trans para desenvolver vídeos e mensagens que alcancem as pessoas que podem se beneficiar da PrEP, incluindo aquelas que vivem no entorno dos grandes centros ou em baixas condições sócio-econômicas. Para ampliar a distribuição da profilaxia, no mês de outubro de 2020, a Secretária Municipal de Saúde do Município de São Paulo, junto ao Programa Municipal de DST/AIDS de São Paulo atribuiu a cirurgiões-dentistas e farmacêuticos a função de prescrever as Profilaxias Pré e Pós-Exposição ao HIV (PrEP e PEP),

---

<sup>5</sup> Escrevo “o básico”, entre aspas, pois acredito que aqui cabe uma pequena problematização: só são perguntas “básicas” para mim, pois já passei por esse mesmo tipo de entrevista inúmeras vezes. E só passei por esse processo inúmeras vezes, pois pertenço ao mesmo grupo com o qual estou desenvolvendo esta pesquisa, cuja sexualidade é alvo de políticas de diminuição de riscos e gestão estatal. Essas mesmas perguntas talvez não sejam “básicas” para aqueles que são impelidos a recorrer aos testes para ISTs apenas em situações de extremo “risco”.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://agenciaAIDS.com.br/noticia/brasil-e-unico-pais-da-america-latina-a-distribuir-prep-gratuitamente/>. Acesso em: 05 dez. 2021.

assim como solicitar exames necessários de acordo com o Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas (PCDT) (Agência de Notícias da AIDS, 17 out. 2020).

Assim, após esse acolhimento inicial com a psicóloga, fui encaminhado para realização dos testes rápidos para diagnóstico do HIV, sífilis e das hepatites virais B e C. Posteriormente, ao buscar mais informações sobre os testes rápidos para a escrita desta dissertação, descobri que o *site* oficial do Ministério da Saúde explica que os testes rápidos imunocromatográficos “são aqueles cuja execução, leitura e interpretação dos resultados são feitas em, no máximo, 30 minutos. Além disso, são de fácil execução e não necessitam de estrutura laboratorial”<sup>7</sup>. E, de fato, a realização dos testes foi extremamente rápida, o que demorou foi me chamarem para fazer os testes.

A técnica de enfermagem que me atendeu em uma outra sala, após convidar para que me sentasse próximo de sua mesa, começa a montar uma “estação” de testagem. Primeiro, ela põe sobre a mesa um pedaço longo de papel toalha e então começa a abrir uma série de embalagens de plástico para, em seguida, a cada nova embalagem aberta, organizar os materiais lado a lado na mesa. São pequenos objetos brancos de plástico, retangulares e finos, que acompanham uma pipeta específica para cada um deles. Com a mesa arrumada, a técnica de enfermagem utiliza um dispositivo para furar o meu dedo médio da mão esquerda e utiliza as pipetas para coletar o sangue e depositar a quantidade específica para cada um dos quatro testes.

**Figura 04** – “Rápidos e práticos, testes fornecem resultados em, no máximo, 30 minutos”



<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.AIDS.gov.br/>. Acesso em: 12 jan. 2023.

Fonte: Diário de Canoas<sup>8</sup>, Pablo Reis. Acesso em: 15/10/2022.

Menos de 10 minutos se passaram e eu já estou na recepção novamente, aguardando os resultados. O HIV, causador da Síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS), é um vírus que ataca o sistema imunológico e que pode ser transmitido por meio de relações sexuais desprotegidas, compartilhamento de seringas contaminadas ou durante a gravidez e a amamentação, quando não adotada nenhuma estratégia de prevenção. Sendo o primeiro caso de AIDS no Brasil notificado retrospectivamente em 1980, na cidade de São Paulo (MS, 1999), a epidemia que se seguiu desencadeou um fenômeno global, dinâmico e instável (BRITO; CASTILHO; SZWARCOWALD, 2000).

Sobre os primeiros anos da epidemia de HIV e AIDS no Brasil, nas palavras de João Silvério Trevisan,

em resumo, salvo prova em contrário, o doente de AIDS era culpado de sua doença. Se diante da fatalidade do câncer as pessoas sadias sentiam pena, em relação à AIDS elas tendiam a sentir raiva, a partir de um julgamento moral que a via como *doença do corpo* resultante de uma alma *conspurada* (TREVISAN, 2018, p. 400, grifos no original).

No campo das ISTs, o site do Ministério da Saúde (MS) do Brasil também conta com uma explicação<sup>9</sup>. Segundo consta, as ISTs são causadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos e são transmitidas, principalmente, por meio do contato sexual (oral, vaginal, anal) sem o uso de camisinha masculina ou feminina, com uma pessoa que esteja infectada. A transmissão de uma IST pode acontecer, ainda, da mãe para a criança durante a gestação, o parto ou a amamentação, assim como no caso do HIV (ver JOAQUIM, 2012). De maneira menos comum, as IST também podem ser transmitidas por meio não sexual, pelo contato de mucosas ou pele não íntegra com secreções corporais contaminadas. A terminologia atual passou a ser adotada em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST),

---

<sup>8</sup> A reportagem “No Dezembro Vermelho, população tem acesso a exames gratuitos”, veiculado no Diário de Canoas, principal jornal da cidade, narra as movimentações e estratégias do município para atendimento e prevenção de HIV e outras ISTs no mês de dezembro de 2019. Segundo a matéria, o “Dezembro Vermelho”, mês de conscientização da epidemia de HIV no Brasil, mobilizou as unidades de saúde da cidade. Durante todo o mês, daquele ano, foram realizadas palestras, distribuição de materiais informativos, incentivo a realização de testes rápidos e outras ações em Unidades Básicas de Saúde (UBS), no Serviço de Atendimento Especializado (SAE), no Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e nas Unidades de Pronto Atendimento (UPAs). Disponível em: <https://www.diariodecanoas.com.br/noticias/canoas/2019/12/13/no-dezembro-vermelhos--populacao-tem-acesso-a-exames-gratuitos.html>. Acesso em: 15 out. 2022.

<sup>9</sup> Ministério da Saúde - Saúde de A a Z. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z>. Acesso em: 11 jan. 2022.

pois destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas.

É interessante que, mesmo já estando habituado aos procedimentos narrados, por realizá-los, no mínimo, uma vez por ano desde que comecei a me relacionar com outros homens, achei difícil encontrar as palavras para descrever tais acontecimentos. São 10h55min agora, estou aguardando me chamarem para conversar com a psicóloga novamente. Se os resultados deram “não reagente”, estarei “qualificado” para começar com a PrEP. Não sinto tanta apreensão ou nervosismo com a espera como costumava acontecer em outras ocasiões. Já tinha feito os testes em dezembro do ano anterior, 2021, eu e minha namorada fazemos todos os fins de ano, então esperava que estivesse “tudo ok”, como diria o material da Secretaria Municipal de Saúde de Canoas. Acredito que esta seja uma das muitas vantagens de fazer esse tipo de acompanhamento com mais frequência, o próprio procedimento que antecede a PrEP acaba diluindo os medos em relação às ISTs.

Às 11h30min sou chamado pela psicóloga. Os exames deram “não reagente”. Estou apto a começar com a PrEP e sou informado de que terei de fazer os testes rápidos sempre que vier ao SAE, um modo de ter certeza, segundo a psicóloga, de que farei uso da PrEP como uma “profilaxia PRÉ-exposição”, com ênfase no “pré”. Com essa etapa “concluída”, ou seja, a entrevista para determinar se faço parte do “grupo chave” estabelecido pelo protocolo nacional de PrEP – gays e outros homens que fazem sexo com homens (HSH), pessoas trans e trabalhadores(as) do sexo – e os resultados dos testes rápidos assegurando que não estou com ISTs, sou encaminhado para a enfermagem para marcar os exames de sangue e urina. São 12h07min.

A sala de espera para o atendimento na “enfermagem” é basicamente um corredor com uma fileira de cadeiras de frente para as portas onde estão sendo atendidas pessoas aguardando todo tipo de procedimento: triagens, consultas, testes rápidos etc. Quando cheguei, várias pessoas já estavam aguardando por atendimento e as reclamações tomavam todo o espaço e as conversas. Escuto uma conversa entre duas senhoras que afirmam haver apenas dois médicos para atender os mais de 10 mil pacientes que procuram o atendimento do SAE e que isso estava fazendo com que todos os outros atendimentos demorassem para acontecer. Sou chamado para marcar os exames às 12h40min.

No momento da marcação de exames, estou sentado em uma das salas da “enfermagem” de frente para uma moça que digita avidamente em um computador, enquanto consulta um papelzinho colado na parede. Percebo que no papel estão listados todos os exames que devem ser feitos a partir do sangue e da urina de alguém que deseja começar a PrEP, uma “colinha”. Mais tarde, descubro que na confusão meu sangue foi testado, inclusive, para gravidez.

Enfim, com os exames marcados, aguardo para marcar as consultas de retorno quando finalmente poderei retirar os comprimidos na farmácia. Para isso, preciso falar novamente com a psicóloga e fazer uma estimativa de quanto tempo levaria para o laboratório disponibilizar os resultados dos exames, a partir da data da coleta de sangue e urina. Saio do SAE às 13h30min, com muitos exames para fazer, consultas marcadas para retorno, várias expectativas e cansado. Fico pensando que se eu não quisesse muito começar a PrEP, acho que não teria suportado toda a espera. Afinal, mesmo com tudo marcado e de graça, só seria possível começar de fato a PrEP dali a mais de um mês.

## **1.2 Os exames: as medicações podem afetar a função renal ou hepática...**

Os exames de sangue e urina também foram marcados pelo SUS para o dia 25 de maio, 16 dias após a minha ida ao SAE. A consulta para retorno, quando deveria apresentar os resultados dos exames, seria no dia 15 de junho, visto que me disseram que os resultados dos exames demoram cerca de 15 dias para saírem. Para a realização de um dos exames de urina solicitados, eu teria de ir dois dias antes do marcado para pegar os potes de coleta. Assim, no dia 23 de maio me dirigi ao Hospital Nossa Senhora das Graças – onde faria os exames dois dias depois – para pegar os potes. Fui de ônibus, porém o “Gracinha”, como o hospital é conhecido em Canoas, fica em um bairro “vizinho” e não há uma linha de ônibus que conecte minha casa e o hospital. Desta forma, peguei o ônibus, descii o mais próximo possível e caminhei o resto do caminho, cerca de seis quadras. Enquanto caminhava até o hospital pensava como faria aquele mesmo trajeto com as amostras de urina ou como seria ter que voltar para casa após o exame de sangue, que com certeza faria minha pressão baixar e quase desmaiar em decorrência do meu pavor de agulhas.

Chego no hospital e pergunto pela sala indicada no papel que me deram no SAE para o dia do exame: Nada! Ninguém parecia saber ao certo aonde eu deveria ir e que pote era aquele

que eu deveria pegar. Depois de passar uns 15 minutos perdido pelos corredores do hospital e já tendo perguntado para umas cinco pessoas diferentes, consigo achar o local. Neste dia, eu deveria ir até o laboratório, que ficava em uma área separada do atendimento às pessoas subindo dois níveis de escadas. No topo, apenas uma porta fechada e uma “janela” de atendimento. Explico para a moça que atendia na “janela” que estou começando PrEP pelo SAE de Canoas e que me orientaram a ir ali para pegar os potes de coleta. Entrego os papéis que descreviam os exames que deveriam ser feitos e ela começa sua explicação. Eu teria que coletar urina de dois modos: um pote grande, que mais parecia uma jarra de suco, eu deveria coletar urina durante 24h; e, com um potinho menor, coletar a primeira urina da manhã descartando o primeiro jato.

A moça da “janela” me devolveu os papéis e me entregou os dois potes. Não sei bem como descrever o que se passava na minha cabeça naquele momento. Ansiedade, receio, um pouco de nojo talvez. No dia seguinte teria de passar um dia em casa, com um pote de urina no banheiro, para que, toda vez que sentisse vontade de urinar, eu pudesse coletá-la. Fiquei preocupado com o cheiro de urina que poderia ficar no meu banheiro e com vergonha também. Cancelei todos os meus planos e me mantive dedicado aquela tarefa no dia seguinte.

**Figura 05** – Potes para a coleta de amostra de urina, 2022



Fonte: Acervo do Autor.

Não foi tão ruim quanto achei que seria, mas houve “percalços”. O pote que me entregaram, apesar de grande, não foi suficiente para as 24h e, perto da meia-noite, parei de coletar minha urina. Também descobri mais tarde que deveria ter guardado o “jarro” dentro da geladeira, coisa que nem me passou pela cabeça e que acredito que, mesmo sabendo das orientações, não faria. Não ficou cheiro no banheiro e, depois de umas três horas, a presença do “jarro” já não me incomodava mais.

No dia 25, meus exames estavam marcados para as 10h. Cheguei próximo das 9h30min e fiquei aguardando. Fui de *Uber* e coloquei o “jarro” e o pote menor dentro de duas sacolas de papel de uma loja de roupas que tinha guardadas em casa, para que ninguém pudesse ver o que carregava. Quando me chamaram para o exame de sangue fiz o que já estou acostumado a fazer e comecei explicando que poderia acontecer de eu desmaiar após a coleta. Desde pequeno tenho muito problema com agulhas e, apesar de nunca ter chorado como as outras crianças, eu passava mal. Ficava mais branco, minha pressão caía, minha visão começa a ficar escura e demorava alguns minutos para retomar minha consciência. Isso aconteceu naquele dia e, quando acontece, todo o processo parece se estender mais do que deveria. Eu acabei ficando mais tempo na sala e atrasando o atendimento dos próximos pacientes enquanto aguardava um copo de água e que minha pressão regularizasse. Após se assegurar de que eu estava bem, a técnica de enfermagem me liberou e informou que os resultados dos exames ficariam prontos em até 10 dias úteis, mais rapidamente do que haviam me informado anteriormente.

Dia 15 de junho, minha consulta está marcada para 13h. Tenho que chegar antes das 12h30min, pois preciso fazer os exames rápidos de ISTs. Essa já é a terceira vez que eu realizava os exames rápidos desde o início do ano, uma quantidade muito maior que a habitual para mim. O percurso eu conhecia e até os rostos eram familiares. Os resultados dos exames rápidos deram “não reagente” e, assim, tinha tudo de que precisavam para poder começar com a PrEP. Tinha imprimido no caminho as sete páginas dos resultados dos exames de sangue e urina. O PDF disponibilizado no site do hospital continha “valores de referência”, então tinha uma ideia de que os resultados estavam bons. Entre os exames de sangue solicitados estavam: Creatinina Sérica; Uréia Sérica; TGO/AST – Aspartato Aminotransferase; TGP/ALT – Alanina Aminotransferase; anti-HBc IgG; Hepatite B – anti-HBc IgM; Beta HCG – Gonadotrofina Coriônica (Molécula Intacta + Fração Beta); Hepatite B – HBsAg; VDRL (Venereal Disease Research Laboratory/Estudo Laboratorial de Doenças Venéreas); FTA – ABS – Anticorpos IgG; FTA – ABS – Anticorpo IgM; anti – HBs. Entre os exames de urina: Proteínas Totais;

Creatinina; EQU – Exame Qualitativo De Urina (Exame Físico-Químico e Exame Microscópico do Sedimento).

Não tendo formação na área da saúde, minha interpretação sobre os exames que me foram solicitados foi e segue sendo limitada. A quantidade à “primeira vista” é assustadora, mas também assegura um lugar de cuidado em relação ao corpo e a saúde integral dos sujeitos. Com os exames é possível comparar como o corpo reagirá à PrEP. Sendo um medicamento que devo ingerir todos os dias, sem exceção, e que pode causar diversos efeitos para além da prevenção ao HIV, é, para mim, reconfortante saber que quem acompanhará esse processo terá acesso a uma visão geral de “como meu corpo vem funcionando” para depois lidar com o “como meu corpo pode vir a funcionar” após o início da PrEP.

Aqui gostaria de voltar a observar a importância de entender esses processos e explicar que, no decorrer desta dissertação, minha experiência será amarrada à de meus interlocutores em uma construção de sentidos que auxiliaram na compreensão do que entendemos por PrEP no Brasil. O que estou chamando de construção de sentidos em torno de PrEP, portanto, serão apreensões que surgiram a partir de um trabalho de campo que articulou os relatos e as vivências de sujeitos que utilizam PrEP, assim como das campanhas e materiais de divulgação produzidas pelo MS e, inclusive, pelos próprios usuários de PrEP com quem realizei esta pesquisa. Esse recorte se dá a partir do entendimento de que o MS é o maior órgão público, no Brasil, de implementação de políticas pública de saúde e de lançamento de campanhas de incentivo a métodos de prevenção ao HIV e demais ISTs; nessas campanhas têm destaque as peças publicitárias veiculadas em escala nacional.

Desta forma, acredito ser possível realizar uma análise comparativa e refletir sobre como aos processos de acesso e de uso, relacionados à PrEP, se somam à constituição do que aqui refiro como pedagogias dos prazeres. Ou seja, um conjunto de entendimentos sobre o corpo, o sexo e o prazer que são aprendidos e ensinados no cotidiano das práticas sexuais e de prevenção ao HIV/ISTs. Compreendo as atitudes e manifestações ligadas à sexualidade, o sexo e o prazer enquanto aspectos da vida cotidiana que acompanham cada indivíduo desde o seu nascimento e constituem os elementos básicos de um processo denominado “educação sexual” (MAIA; RIBEIRO, 2011). Almejo aqui, portanto, uma investigação que dê conta de observar, por um lado, como discursos relacionados à saúde sexual são construídos em torno da PrEP; por outro,

da troca de saberes entre usuários do medicamento e como dita troca afeta a experiência e os sentidos de prazer em questão.

Nesse quadro, as campanhas institucionais são aliadas à investigação da construção desses saberes, pois integram um processo plural e permanente de construção de sentido a partir dos quais educam-se os corpos. As peças publicitárias são constituídas e constituem percepções de gênero, sexualidade e prazeres “aceitáveis” e “seguros”. Afinal, como diria Foucault (1988, p.135), “uma sociedade normalizadora é o efeito histórico de uma tecnologia de poder centrada na vida” e a sexualidade “encontra-se do lado da norma, do saber, da vida, do sentido, das disciplinas e das regulamentações” (1988, p.139).

Para realizar tal empreitada, uma das estratégias que utilizei foi identificar campanhas institucionais de divulgação e incentivo ao método de prevenção do HIV. O objetivo era comparar processos de construção de sentido em torno da PrEP. Assim, considerando que tais materiais tratam de uma mesma temática a partir de abordagens distintas, é preciso levar em conta quais os elementos que estão sendo utilizados e que compõem as campanhas institucionais de órgãos como o Ministério da Saúde. Tais peças publicitárias sintetizam e expõem os conteúdos do que se pretende “ensinar” e serão partes significativas na construção do entendimento da PrEP no Brasil.

Guacira Lopes Louro (2013), por exemplo, dirá que um significativo investimento é posto em ação para que se efetivem os comportamentos e os modos de ser que são “gravados” nos sujeitos. Família, escola, mídia, igrejas e leis aparecem de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas, enquanto subordinam, negam e recusam outras (acrescente-se também, aliás, as campanhas governamentais, as redes sociais e a pornografia). Contudo, segundo a autora, essas instâncias, em momentos distintos, podem disponibilizar representações divergentes, alternativas e contraditórias. Dito de outro modo, há rotas de fuga para outras pedagogias. Daí a possibilidade de, junto às pedagogias da sexualidade, encontrarmos uma pedagogia dos prazeres, como tentarei mostrar neste trabalho.

### **1.3 O retorno: o paciente é orientado a retornar em 30 dias...**

A consulta com a médica infectologista aconteceu na mesma sala em que eu estive com a psicóloga que iniciou meu processo para PrEP no SAE. Ela era uma mulher jovem, branca e

de uns 30 e poucos anos. Atendeu-me com bastante simpatia, fazendo diversas perguntas sobre mim, sobre o que eu sabia sobre PrEP, perguntas muito similares às que respondi a primeira vez que estive naquela mesma sala. Apesar de ter sido atendido em diferentes dias, horários e locais, do início do processo até aquele momento, houve uma constância: sempre fui atendido por mulheres brancas. Quais as implicações dessa observação? Talvez mais à frente consiga responder.

Conversamos por cerca de 30 minutos. Nessa conversa, disse à infectologista que eu estava realizando uma pesquisa sobre PrEP e ela ficou muito interessada. Segundo ela, ali no SAE, o número de pessoas que estavam em PrEP ainda não era muito grande, mas vinha crescendo, sendo a maioria homens brancos e de classe média que se relacionavam com outros homens. Seus comentários pareciam buscar algum tipo de validação em mim, questionando a todo novo comentário se eu concordava com o que ela estava dizendo. Eu concordava, não por pressão ou algo do tipo, mas porque suas observações eram similares às minhas. Para ela, há um descompasso em relação à oferta e à procura da PrEP porque não existem companhias fortes de incentivo ao método de prevenção como, por exemplo, tem com relação à camisinha.

Ciente de que os modos de aprender e vivenciar os prazeres aparecem nos mais variados contextos, observo que o que se diz, pelo menos no meio HSH, sobre busca por prazer, a falta de prazer, os excessos e consequências provenientes de um momento de prazer, por exemplo, parecem estar em diálogo ininterrupto, conflito e disputa com os discursos biomédicos de prevenção e cuidado. Isso porque, em diversos relatos de experiências e vivências referentes ao cuidado e prevenção ao HIV e outras ISTs entre os usuários de PrEP, é corriqueiro que o uso da medicação, o estar em PrEP, seja acompanhado de discussões sobre o uso – ou a falta de uso – da camisinha. Essa não-utilização da camisinha por parte daqueles que já são usuários do método, por sua vez, está relacionada diretamente, em grande parte, à busca pelo prazer “pele com pele”, “no pelo” (sem o uso da camisinha), ou mesmo ao desconforto com o uso da camisinha durante as relações sexuais<sup>10</sup>. Em um dos grupos que observei, encontrei relatos do tipo: “*Acredito que seja psicológico, mas a camisinha impossibilita que eu consiga penetrar*”<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Referências a sexo “no pelo”, ou seja, sem o uso de preservativo (camisinha), têm aparecido em músicas de artistas contemporâneos, como em *Nossa música*, do ator e *rapper* MC Cabelinho com participação de Gloria Groove, de 2023: “[...] *Tudo no pelo, puxa o cabelo/A gente fode, me satisfaz./ E se dormir com ficante é um erro./ Eu não quero acertar nunca mais. [...]*”.

<sup>11</sup> Grupo sobre PrEP no *Facebook*, 03 dez. 2020. Interlocutor HSH.

e “*Geralmente minha posição é atv [ativo], e quando faço pass [passivo], na tentativa de minimizar os danos, uso camisinha. Só que quando sou ATV não uso em nenhuma. Estou me sentindo péssimo. Odeio camisinha*”<sup>12</sup>.

Ao final de minha consulta, a infectologista me dá uma receita para 30 dias de PrEP e um encaminhamento para realização de novos exames de sangue e urina para o retorno. Eu teria de fazer os exames com bastante antecedência para estar com os resultados em mãos antes do dia 15 de julho, o que não acontece. Primeiro, porque ao tentar marcar os exames naquele dia o sistema estava fora do ar; segundo, porque ao voltar lá alguns dias depois as datas já não coincidiam mais e só seria possível marcar para realizar os exames no dia 13 de julho. Com apenas dois dias entre a realização dos exames e o retorno agendado, fui aconselhado a voltar lá no dia em que acabassem os comprimidos e tentar “negociar” uma receita com a infectologista para mais 30 dias com mediação da psicóloga. Isso, de fato, aconteceu.

Entre os percalços desse processo para iniciar a PrEP via SUS, me deparei com um protocolo bastante rígido e ainda não totalmente assimilado por aquelas pessoas que deveriam executá-lo. Também vivenciei os problemas que enfrentam aqueles que, assim como eu, dependem exclusivamente do SUS para atendimento de saúde. Constatei o que já desconfiava, que para iniciar com a PrEP é preciso ter tempo e disponibilidade. É preciso passar horas no SUS, sentado ou de pé, aguardando para agendar cada uma das etapas, submeter seu corpo a furos, agulhas, coletas e outras mãos. Sem mencionar a vontade necessária para persistir no processo e a rede de conhecimentos e trocas com outros usuários para decifrar a linguagem utilizada pelos especialistas da Saúde.

O que percebo e gostaria de esboçar, para desenvolvimento posterior, é que a PrEP é um método de prevenção ao HIV que tem forças para ressignificar relações de corpo e sexo entre HSH. Porém, por se tratar de um medicamento, exige um outro tipo de engajamento para com a saúde sexual. Neste sentido, as narrativas que estão sendo construídos em torno da PrEP esbarrarão em estigmas que antecedem sua materialização enquanto política pública de saúde no Brasil. Ideias sobre a “promiscuidade”, o “prazer”, o “corpo” e o “desejo” são elementos desta construção. Minha experiência enquanto usuário de PrEP se misturará com a de meus interlocutores em uma construção conjunta. O trabalho antropológico permite atentar para as nuances desses universos socioculturais, no intuito de compreender como esses processos se

---

<sup>12</sup> Grupo sobre PrEP no *Facebook*, 14 abr. 2019. Interlocutor HSH.

desenvolvem e como, a partir de uma conjuntura de relações, se desenrolam o ensino e a aprendizagem de HSH sobre PrEP. Esse, decerto, é um dos desafios principais que esta dissertação busca encarar.

Desse modo, meu trabalho alicerça-se e articula contribuições teóricas multidisciplinares, almejando o que Tania Dauster (2007) chamara de “um saber híbrido ou de fronteira”. A dinâmica de trocas entre Antropologia, Saúde e Educação representa a possibilidade da construção de um novo olhar, mais complexo, sobre os fenômenos educacionais, sociais e culturais que transpassam o sexo, o prazer e sentidos construídos em torno e a partir da PrEP.

#### **1.4 A pesquisa: o que se entende por fazer científico em uma área ou outra...**

O projeto de pesquisa desta dissertação foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem (CEPEE<sup>13</sup>) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em agosto de 2021 e obteve sua aprovação em novembro de 2021, após duas rodadas para submissão da documentação e uma de revisão. Considerando que a dimensão ética deve permear todas as etapas da pesquisa (FONSECA, 2010), realizei um cuidadoso trabalho para que o projeto estivesse de acordo com as resoluções da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) em relação aos aspectos éticos e de proteção devida aos participantes. Sendo necessária para o início do trabalho de campo etnográfico a aprovação do projeto por um Comitê de Ética (CEP), bem como a construção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), uma série de ajustes teve de ser feita para que fossem contempladas discussões sobre o local de realização da pesquisa, garantias éticas aos participantes da pesquisa, orçamento e previsão de medidas que devem ser adotadas em relação aos resultados da pesquisa.

De acordo com Ceres VÍctora (2011), uma atenção especial à dimensão ética deve ser dada para que esta seja incorporada à metodologia no seu sentido amplo, desde a escolha das técnicas de pesquisa à contextualização e a interpretação dos dados. Tendo em vista o objetivo dessa pesquisa e as exigências do CEP para pesquisas científicas envolvendo seres humanos, as principais características que definem o grupo populacional a ser pesquisado foram definidas da seguinte forma: HSH, entre 18 e 50 anos de idade, usuários de PrEP havia pelo menos um

---

<sup>13</sup> Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) n.51712021.3.0000.5531.

mês. Não sendo considerados como critérios de exclusão características e marcadores sociais como raça, etnia, religião, classe social ou escolaridade. Explícito também, em função da utilização de ambientes virtuais na pesquisa, que não foram desconsiderados participantes em função da localidade ou região de moradia, sendo apenas condição necessária o acesso à *Internet* e conhecimentos básicos de informática para participação na pesquisa de modo completamente online e para realização de entrevistas por meio de plataformas virtuais de videoconferência ou chamada de áudio.

Definir tais critérios não foi tarefa fácil. Foi preciso deixar de lado aquele imaginário de fazer etnográfico espontâneo, aventureiro e romantizado para “abraçar” uma linguagem mais própria da pesquisa em Saúde. Tal linguagem é de extrema importância, pois tratando-se de um projeto pautado na articulação entre Antropologia, Saúde e Educação, os espaços em que a pesquisa se desenvolvia possuíam exigências e expectativas singulares, de acordo com o que se entende por fazer científico em uma área ou outra. Neste sentido, estar atento às demandas do CEP proporciona, tanto para a redação do projeto quanto para a própria etnografia que aqui se desenrolará, um repertório que assegura os participantes da pesquisa, a própria pesquisa e o pesquisador.

Trago para o debate a perspectiva de Sônia Maluf, a partir da qual é possível reiterar a importância de “levar em conta a experiência singular (ligada a uma dimensão coletiva e social) e o significado dado a essa experiência por sujeitos singulares” (1999, p. 71). Tal abordagem reitera a importância de estar atento a possíveis desconfortos com a duração das entrevistas e perguntas de cunho íntimo, ao passo em que fornece os aportes teóricos para apreensão e compreensão dos elementos que integram aquilo que proponho como pedagogias dos prazeres.

O virtual, nesta pesquisa, tem caráter analítico, de registro e de acesso, enquanto um dos diversos meios possíveis pelo qual os sujeitos da pesquisa podem ser localizados e interagem com outros. Como aponta Darnisson Silva (2018, p. 2, grifo meu), “novas tecnologias [*Internet*, redes sociais] colocam à disposição não só novos saberes, mas, sobretudo novas possibilidades de interação”. Para Jean Segata, estas são também novas formas de comunicação, novas comunidades, novas identidades, e, conseqüentemente, uma nova relação com a cultura emerge. Ou melhor, nas palavras do autor, “uma cibercultura” (SEGATA, 2015, p. 4). Ainda sobre a pesquisa em ambiente virtual, Bruno *et al.* afirmam que,

a consolidação da Internet, em particular, levantou uma série de questões sobre as possibilidades de representação e exploração deste novo espaço nem geométrico nem geográfico; um espaço fluido que não cessa de ser alterado e do qual não se pode traçar os contornos ou apreender a totalidade (Bruno et al., 2006, p. 3).

Cabe dizer que, em meio a pandemia de COVID-19 – fenômeno que marca e influencia o desenvolvimento de diversas relações no decorrer dos anos de 2020, 2021 e 2022, inclusive as existentes e descritas nesta dissertação – o virtual ganha ainda mais espaço e as interações mediadas por ele se tornam mais intensas, mais frequentes e mais singulares. Como explica Talita Costa,

No mundo atual, as formas de produzir e (res)significar a vida também operam online. A etnografia virtual evidencia a interação entre as pessoas imersas na pandemia e, simultaneamente, para além destas circunstâncias. Assim, é importante que as pesquisas antropológicas se encaminhem para o cenário digital. A pandemia nos conduz a explorar a socialidade online e a pensar sobre outras vias de comunicação que ampliam nossa compreensão sobre os mundos online e offline (COSTA, 2020, p. 120)

O que me interessa, na esteira do proposto por Sonia Maluf (1999), é entender a partir de múltiplos relatos, experiências e narrativas – tanto do *online*, quanto do *offline* – como se dá o processo, ao mesmo tempo subjetivo e social, da construção de sentidos sobre e a partir da PrEP. Segundo a autora, “o objetivo é buscar os sentidos, os significados da narrativa e da situação narrativa (interpretar não somente o que foi dito, mas o que foi dito nesta situação precisa), buscando inseri-los no contexto mais amplo de itinerários pessoais e coletivos” (MALUF, 1999, p. 75). Assim, tomo como principais questionamentos da pesquisa as seguintes indagações: Como as construções de sentido em torno da PrEP afetam sujeitos, práticas sexuais e noções de prazer? Como são agenciados processos de ensino e de aprendizagem sobre o sexo, o corpo, a prevenção e o cuidado desses sujeitos?

Na busca por apreender as formas de compreender e os modos de estar, a narrativa, portanto, deve ser pensada “como produto de uma multiplicidade de interferências, das quais algumas aparecem no próprio contexto de sua enunciação” (MALUF, 1999, p.77). Daí a importância de interpretá-la em sua totalidade ou de avançar em uma “interpretação de uma interpretação”, como aponta Maluf ao falar das leituras e reflexões antropológicas que tomam narrativa como objeto. Para Walter Benjamin a narrativa não se entrega. “Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver” (1987, p. 204). Benjamin também diz que a narrativa “mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la

dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (1987, p. 205).

As narrativas, por sua vez, merecem atenção especial visto que a PrEP se trata de um método de prevenção para uma das mais complexas e devastadoras epidemias das últimas décadas. As narrativas construídas em torno da PrEP não se iniciam com a sua invenção, ou mesmo implementação enquanto política pública. Muito pelo contrário, seu prelúdio é a própria história do HIV e da AIDS – bem como as e as consequências e os desdobramentos que mobilizam. Os estigmas produzidos com a epidemia de AIDS sobre a população HSH ainda perduram e, ao olhar para materiais de incentivo e divulgação da PrEP, é possível evidenciar uma contínua produção de sujeitos, corpos e direitos sexuais que se realiza a partir de uma combinação específica de identidade de gênero e sexualidade.

Diante disto, e para os fins desta pesquisa, tomarei e apreenderei tanto as narrativas que são construídas em torno da PrEP quanto os conflitos advindos da multiplicidade que as constituem. Afinal, como afirma Eládio de Carvalho Júnior,

Desde seu lançamento, a PrEP tem acendido diversas controvérsias, tanto dentro como fora da comunidade gay. Controvérsias estas que envolvem laboratórios, profissionais de saúde, usuários da medicação, estigmas, comunidade gay, ativistas e até mesmo a historicidade do HIV que acompanha o uso a dessa medicação (CARVALHO JÚNIOR, 2020, p. 112).

O conflito é “um constante e ininterrupto processo de negociação da realidade, com idas e vindas, recuos e avanços, alianças sendo feitas e desfeitas, projetos adaptando-se e alterando-se, com transformações institucionais e individuais” (VELHO, 2006, p. 246). Portanto, ele será elemento chave na compreensão das distintas e divergentes marcas que cada um dos meus interlocutores imprime em seu próprio relato, experiência e narrativa sobre PrEP. Para Simmel, o conflito é admitido por “causar ou modificar grupos de interesse, unificação, organizações” (1964, p. 568).

Encontrei em campo, e em contraponto, narrativas que, por um lado, tomam a PrEP a partir de associação pejorativa com comportamentos de risco e narrativas que, por outro lado, a exaltam como proteção para a continuidade e a vivência plena destes mesmos comportamentos. São as marcas das quais falava Benjamin (1987). Sobre este aspecto, Simmel afirma:

O indivíduo não atinge a unidade de sua personalidade exclusivamente por uma harmonização exaustiva, de acordo com as normas da lógica, objetivas, religiosas ou éticas, do conteúdo de sua personalidade. Ao contrário, contradição e o conflito não apenas precedem esta unidade, mas são nele operativos a cada momento de sua existência (SIMMEL, 1964, p. 570).

Deste modo, se faz necessário uma contextualização abrangente dos conflitos que circulam e moldam o modo como entendemos a PrEP no Brasil. Retroceder alguns anos e entender o contexto brasileiro em relação a epidemia de HIV, bem como as políticas públicas implementadas para a prevenção, o cuidado e o auxílio tanto daqueles que vivem com HIV quanto daqueles que, aos olhos do Estado, possuem maior probabilidade de entrar em contato com o HIV, é o desafio a seguir.

No primeiro capítulo desta dissertação – “Entendendo contextos” – contextualizarei a PrEP no Brasil, enquanto política pública e estratégia de prevenção ao HIV, e na Antropologia, enquanto tema de pesquisa relativamente novo. No segundo capítulo – “Apreendendo narrativas e conflitos” – discorrei sobre aspectos relacionais e práticos da pesquisa de campo realizada com usuários da PrEP em diferentes redes sociais, buscando compreender os diferentes níveis e nuances dos processos de aprender e ensinar sobre a PrEP.

## 2. ENTENDENDO CONTEXTOS

Neste capítulo discorrerei sobre os contextos em que situo a PrEP nesta dissertação: tanto como objeto de política pública de nível nacional quanto como objeto de pesquisa para a Antropologia. Meu objetivo é compreender as formas como a PrEP se estabelece no Brasil, entendendo que diferentes contextos possibilitam diferentes perspectivas. Aponto, ainda, as divergências e convergências entre as pesquisas que foram realizadas sobre PrEP no Brasil e as principais questões acerca de sua implementação enquanto método de prevenção ao HIV. Assim, este capítulo divide-se em dois tópicos de discussão que focarão faces diferentes da PrEP. No primeiro tópico, farei um panorama mais geral sobre PrEP no Brasil, sem o intuito de esgotar sua história ou dar conta de todos os aspectos que a tornaram o que é hoje. O segundo tópico considera a PrEP enquanto política pública, método de prevenção, medicamento e, mais recentemente, tema de pesquisas antropológicas. Será um esforço de síntese e análise de pesquisas sobre PrEP realizadas em Programas de Pós-Graduação em Antropologia, bem como um ensaio acerca das especificidades de se pesquisar antropológicamente sobre PrEP.

### 2.1 PrEP no Brasil: embora o Brasil tenha sido um dos países pioneiros...

Esta pesquisa surgiu em um contexto de extrema instabilidade política e sanitária no país. É preciso ter em vista a disseminação de denúncias do que é chamado de “ideologia de gênero” (ver REIS; EGGERT, 2017; EUZÉBIO *et al*, 2022) enquanto uma estratégia para dificultar reflexões e debates acerca de vivências que fogem a cisheteronormatividade<sup>14</sup> e o avanço da pandemia de COVID-19 em território brasileiro, ao passo que aumentam os casos de HIV e ISTs entre jovens homens. Segundo dados do Boletim Epidemiológico HIV/AIDS (MS, 2020) produzido pela Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde, de 2009 a 2019, na faixa etária dos 15 aos 19 anos, a taxa de detecção de AIDS entre homens passou de 3,7 para 6,1 casos. Na faixa etária dos 20 aos 24 anos, a mesma taxa passou de 20,6 em 2009 para 36 casos em 2018, um aumento de 74,8% no período de uma década.

---

<sup>14</sup> Longhini e Silva (2018, p. 279) explicam que cisheteronoma “diz respeito à compulsoriedade conjunta da heterossexualidade e cissexualidade nos corpos antes mesmo do seu nascimento e nomeia também os efeitos dos desvios dessa normatização. Assim, o sistema heterocisnormativo estabelece que o ideal de sujeito é o homem, cis, heterobranco, rico e sem deficiência – quando mais uma pessoa se afasta desse ideal, tanto mais sofre violências institucionais”.

O Relatório Global do UNAIDS (2021), intitulado “Enfrentando desigualdades – Aprendizados dos 40 anos de AIDS para respostas a pandemias”, por sua vez, apresentou dados estatísticos que demonstram como pessoas que vivem com HIV são mais vulneráveis à COVID-19, ao mesmo tempo em que as desigualdades cada vez maiores impedem essas pessoas de acessar as vacinas contra a COVID-19 e os serviços de HIV. Segundo noticiado pelo UNAIDS<sup>15</sup>:

Estudos da Inglaterra e da África do Sul indicam que a chance de morrer por consequência da COVID-19 entre as pessoas que vivem com HIV é o dobro da população em geral. Na África Subsaariana, onde residem dois terços (67%) das pessoas que vivem com HIV, menos de 3% receberam pelo menos a primeira dose da vacina contra a COVID-19 até julho de 2021. Ao mesmo tempo, a prevenção do HIV e os serviços de tratamento não estão sendo acessados pelas populações-chave, bem como às crianças e adolescentes [...] os lockdowns e outras medidas restritivas de combate à COVID-19 interromperam gravemente a testagem para HIV —em muitos países, isso levou a quedas acentuadas nos diagnósticos e encaminhamentos para serviços de cuidados e de início de tratamento de HIV (UNAIDS, 2021).

Dados da Organização Pan-Americana da Saúde<sup>16</sup> apontam também para a vulnerabilidade desproporcional entre de pessoas que pertencem a grupos populacionais chave na Região das Américas. Segundo site da organização, na América Latina gays e homens que fazem sexo com homens (HSH), mulheres trans e trabalhadores(as) do sexo são, aproximadamente, metade das novas infecções em 2019 e 37% no Caribe. No mundo, estima-se que existem 38 milhões de pessoas vivendo com HIV até o fim de 2019, sendo que, devido às lacunas nos serviços de HIV, 690 mil pessoas morreram de causas relacionadas ao HIV em 2019 e 1,7 milhão de pessoas foram infectadas.

Dito isso, minha pesquisa é motivada pela necessidade de investigar como estão sendo construídas e postas em ação modos de estar e modos de compreender a PrEP tanto por aqueles que utilizam do método de prevenção ao HIV, quanto pelas instituições responsáveis pela distribuição do medicamento e pelas campanhas de incentivo a prevenção no Brasil.

Um exemplo desta construção seria o próprio posicionamento do MS brasileiro, o qual, em diversos materiais de divulgação e peças publicitárias, afirma: “A PrEP não é para todos”. Assim, se a PrEP não é para todos, o recorte desta pesquisa se justifica ao direcionar o olhar antropológico para aqueles que o próprio MS adjetivará enquanto população-chave da PrEP.

---

<sup>15</sup> Disponível em: <https://unAIDS.org.br/2021/07/relatorio-do-unAIDS-mostra-que-as-pessoas-que-vivem-com-hiv-enfrentam-uma-ameaca-dupla-em-relacao-ao-hiv-e-a-covid-19/>. Acesso em: 18 nov. 2022.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/hivAIDS>. Acesso em: 07 fev. 2023.

Afinal, os sujeitos que compõem a sigla HSH também integram uma parcela significativa daqueles, cujas práticas sexuais e narrativas sobre prazer e sexo estão sendo afetadas e (re)construídas frente à expansão de usuários do medicamento e suas implicações. Sendo alguém que integra a sigla HSH, o recorte que proponho também se dá pela aproximação das subjetividades – de pessoa que pesquisa e pessoa a ser pesquisada – ao passo que o interesse pela temática não surge com o Eu antropólogo, mas a partir do Eu homem, que faz sexo e/ou mantém relações homoafetivas/homoeróticas com outros homens. Um Eu que, devo reconhecer, compõe e constrói narrativas sobre PrEP, tanto quanto aqueles com os quais pesquisa.

De acordo com o Painel PrEP<sup>17</sup> – do DCCI –, em dezembro de 2021, 32.292 pessoas já haviam iniciado a utilização da PrEP. Destas, 18.704 pessoas estavam em PrEP naquele momento e 13.588 haviam descontinuado. Em novembro de 2022, a plataforma já indicava uma mudança significativa nestes números. Hoje são 44.084 pessoas que usam de PrEP no Brasil. O número de pessoas que já iniciaram, entre 1º de janeiro de 2018 e 31 de agosto de 2022, subiu para 77.087 e o número de descontinuidades subiu para 33.003. Assim, tomando dezembro de 2017 enquanto marco de implantação da distribuição gratuita de PrEP no Brasil, é possível afirmar que, apesar de ser algo recente em território brasileiro, a PrEP apresenta usuários que aumentam em grande velocidade.

Segundo Luiz Fernando Barp e Myriam Raquel Mitjavila, este “novo momento” do enfrentamento a epidemia de HIV pode ser entendido enquanto um processo de “reaparecimento da homossexualidade, isto é, um novo homossexual masculino que nasce sob a luz das recentes estratégias de prevenção da infecção por HIV” (BARP; MITJAVILA, 2020, p. 3). O autor e a autora argumentam, a partir do trabalho de Néstor Perlongher (1993), que augurava o desaparecimento das condutas homossexuais com o advento da epidemia de HIV, que com a implantação da PrEP, a figura do homossexual reaparecerá nos contextos mais amplos e subjetivos da prevenção. Para Barp e Mitjavila,

Reaparece agora um homossexual que deixa de ser visto essencialmente como pecador, doente e/ou estigmatizado pela sua associação direta com a AIDS. Contudo, para que obtenha o direito de continuar exercendo seus desejos em plena luz do dia, é convidado a individualizar-se, isto é, assumir-se como potencialmente perigoso e, por decisão própria, situar-se no campo documental do tratamento preventivo (BARP; MITJAVILA, 2020, p.16).

---

<sup>17</sup> Disponível em: <http://www.AIDS.gov.br/pt-br/painel-prep>. Acesso em: 05 nov. 2022.

Retomo na dissertação o termo HSH (utilizado pela área da saúde e biomédica) para englobar tanto as experiências de homens gays quanto de homens que fazem sexo com homens, pois em meu trabalho de campo não foi possível fazer esta distinção acompanhando apenas os múltiplos perfis, postagens e comentários que interagiam cotidianamente. Isso não significa que são sinônimos. Utilizar HSH enquanto “homens que fazem sexo e/ou mantêm relações homoafetivas/homoeróticas com outros homens”, foi uma decisão estratégica para que eu pudesse beber tanto dos estudos sobre homossexualidade masculina quanto dos estudos sobre população-chave, para compreender os fenômenos e comportamentos que observei a partir da PrEP.

Entendo que os interlocutores da pesquisa habitam múltiplas camadas de um mesmo universo de problemas. A expressão “livre demanda”, por exemplo, mencionada na introdução desta dissertação, adquire um novo peso. Ainda mais quando, a partir do trabalho de Ayres (2003), é possível afirmar que nenhum método preventivo foi direcionado, especificamente, aos homossexuais masculinos “desde que a noção de ‘grupos de risco’ foi abandonada pela epidemiologia, passando pela expressão ‘comportamento de risco’ e, a partir dos anos 90, pela ideia de ‘indivíduos em situação de vulnerabilidade’” (AYRES, 2003 *apud* BARP; MITJAVILA, 2020).

Vale, portanto, refletir com atenção sobre o “Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) de Risco à Infecção pelo HIV” (BRASIL, 2022). Sobre o recorte HSH, o documento afirma:

Além de apresentarem maior risco de adquirir o HIV, essas pessoas frequentemente estão sujeitas a situações de discriminação, sendo alvos de estigma e preconceito, o que aumenta, assim, sua vulnerabilidade ao HIV/AIDS. Ademais, destaca-se o crescimento da infecção pelo HIV na faixa etária dos 15 aos 29 anos. Para esses casos, a PrEP se insere como uma estratégia de prevenção disponível no Sistema Único de Saúde (SUS), com o objetivo de reduzir a transmissão do HIV e contribuir para o alcance das metas relacionadas ao fim da epidemia. Contudo, para que essa estratégia seja eficaz, é necessário ampliar o acesso dessas populações aos serviços, acolhendo-as na sua integralidade e garantindo seus direitos à saúde de qualidade (BRASIL, 2022, p. 10).

Este debate não é novo, as relações entre risco e a “promiscuidade” da população HSH, e suas consequências, vem acontecendo desde o início da epidemia de HIV ao redor do mundo (CALAZANS, PINHEIRO, AYRES, 2018). O que vem se percebendo como mudança com o advento da PrEP é como estão sendo geridas essas associações, tanto pelo poder público quanto pelos próprios usuários de PrEP. O aspecto da segurança para práticas sexuais sem camisinha

e o desuso progressivo da camisinha foram em diversos momentos trazidos à tona durante meu campo com usuários de PrEP em redes sociais, seja por profissionais da saúde ou pela própria população HSH. Este é, inclusive, um dos principais conflitos morais relacionados à implementação e distribuição gratuita da PrEP no SUS, tendo o ex-presidente Bolsonaro já se manifestado sobre a questão<sup>18</sup>.

Adiante, no Protocolo para PrEP, o processo para tornar-se usuário de PrEP é minuciosamente descrito e orientado aos profissionais da saúde. Segundo o material:

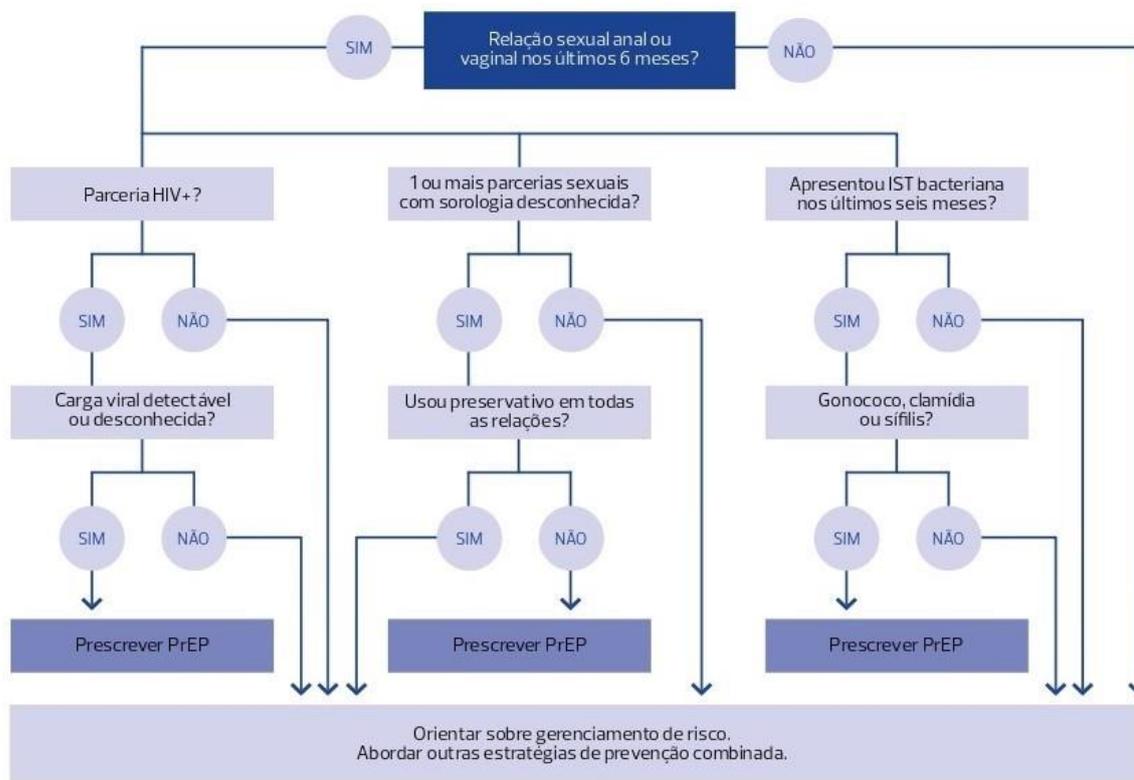
Podem iniciar imediatamente a PrEP os indivíduos com alto risco de infecção pelo HIV que tiveram uma exposição recente de risco, que estiverem fora da janela de 72 horas para o início de PEP e que se apresentam durante a avaliação inicial sem sinais e sintomas de infecção pelo HIV. Esperar que alguns indivíduos estejam fora do período de janela para o início da PrEP aumenta o risco de exposições adicionais ao HIV e implica atraso significativo para o início da profilaxia. Uma vez iniciada a PrEP, esses indivíduos devem ser monitorados de perto em relação à possibilidade de soroconversão, com busca ativa de sinais e sintomas e maior frequência de coleta de carga viral e testagem para HIV, pelas próximas duas a oito semanas, antes de se retomar o monitoramento padrão de PrEP (BRASIL, 2022).

A seguir, encontra-se uma imagem que apresenta um fluxograma deste processo.

---

<sup>18</sup> Em entrevista ao programa CQC, em 2010, Bolsonaro declarou: “uma pessoa que vive na vida mundana depois vai querer cobrar do poder público um tratamento que é caro”, ao expressar sua opinião de que Estado não deve custear os medicamentos antirretrovirais para as pessoas que vivem com HIV. Mais atualmente, em fevereiro de 2020, durante conversa com a imprensa, ao defender a abstinência sexual proposta pela então ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves, o ex-presidente Jair Bolsonaro afirmou que “uma pessoa com HIV, além do problema sério para ela, é uma despesa para todos aqui no Brasil”, gerando protestos de indignação e a criação do movimento virtual “#EuNaoSouDespesa” por pessoas que vivem com HIV no Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51409101>. Acesso em: 13 jan. 2023.

**Figura 06** – Fluxograma para avaliação de indicação de PrEP em adultos sexualmente ativos



Fonte: DCCI/SVS/MS; Acervo do Autor. Acesso em: 19/10/2022.

No fluxograma é possível perceber como alguns dos critérios estabelecidos para possibilitar que uma pessoa se torne usuária de PrEP podem resvalar no terreno da sexualidade, na já mencionada “promiscuidade” HSH, no desejo e riscos relacionados à busca por prazer. A depender, por exemplo, da forma como o/a profissional de saúde formulará os questionamentos iniciais em uma situação de atendimento e consulta no serviço de saúde. Abordarei com mais vagar essas questões no próximo capítulo, mas registro aqui a existência deste jogo de narrativas e conflitos que permeiam os processos clínicos e subjetivos em torno da PrEP. Conforme Barp e Mitjavila:

O argumento de que os homossexuais seriam grupos prioritários para a PrEP, uma vez que se identifique neles uma frequência significativa de relações sexuais em parcerias diversas torna-os potencialmente passíveis de tratamento. Não de um tratamento no sentido de reversão da sua sexualidade, mas de normalização disciplinar e biopolítica de suas práticas sexuais (BARP; MITJAVILA, 2020, p.13).

Na perspectiva do autor e da autora:

Do ponto de vista biopolítico, a PrEP possibilita, ao mesmo tempo e por meio desses registros, exercer funções de controle e administração da população, permitindo que se produzam estimativas e probabilidades sobre as práticas associadas à homossexualidade. Com isso, o Estado passa a contar com novos insumos para a criação de políticas voltadas para o que poderíamos vislumbrar como um novo modo de regulação epidemiológica e, de maneira mais ampla, biopolítica em matéria de HIV/AIDS [...] O que torna ainda mais interessante o processo de regulação da homossexualidade masculina a partir da PrEP é o caráter opcional de sua utilização. Não se trata de um tratamento coercitivo, mas aparentemente baseado na escolha individual (BARP; MITJAVILA, 2020, p.14).

Vale destacar que a PrEP e as chamadas populações-chave – HSH, pessoas trans e trabalhadores(as) do sexo – vem sendo temática de pesquisas em diversos Programas de Pós-Graduação (PPG) no Brasil desde antes mesmo de sua implementação no SUS. Através do Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) é possível identificar ao menos 16 pesquisas desenvolvidas em PPGs no Brasil em que a PrEP “dá as caras” e que foram inscritas no portal até o momento do levantamento bibliográfico desta dissertação<sup>19</sup>. No levantamento, entre teses e dissertações, destaco as pesquisas realizadas no âmbito da Antropologia Social (CARVALHO JUNIOR, 2020; FERRARI, 2019), Saúde Coletiva (GOMES, 2017; OSCAR, 2019; PEREIRA, 2020; SOARES, 2019) e Pesquisa Clínica em Doenças Infecciosas (HOAGLAND, 2016; MARINS, 2019; VILLELA, 2018), pois esse vasto e ainda em expansão campo de pesquisa fomenta diversas reflexões em torno da PrEP. Alguns desses trabalhos possuem perspectivas mais biomédicas e outros estão mais voltados para as políticas públicas; aqui me centrarei nos que se inserem no campo das Ciências Sociais e da Antropologia, pois eles me permitem traçar relações com as experiências e os modos de aprender e de ensinar que são vivenciados pelos sujeitos envolvidos nessas e nesta pesquisa.

Na esfera internacional, a PrEP tem sido utilizada nos Estados Unidos, Bélgica, Escócia, Peru e Canadá, países onde é comercializada na rede privada. Semelhantemente ao Brasil, países como a França e a África do Sul utilizam o sistema público de saúde para implementação do medicamento entre os métodos de prevenção ao HIV<sup>20</sup>. Embora o Brasil tenha sido um dos pioneiros na América Latina a distribuir o medicamento gratuitamente no sistema público de saúde, o acesso à medicação ainda é restrito e demanda acompanhamento. Segundo o UNAIDS

---

<sup>19</sup> Ver Apêndice C (Revisão Bibliográfica - Banco de Teses e Dissertações CAPES).

<sup>20</sup> Ver mais em: Saúde apoia projeto de implantação de PrEP na América Latina. Disponível em: <http://www.AIDS.gov.br/pt-br/noticias/saude-apoia-projeto-de-implantacao-de-prep-na-america-latina>. Acesso em: 11 jan. 2022.

(Joint United Nations Programme on HIV/AIDS), “no Brasil, a PrEP começou a ser disponibilizada pelo SUS em dezembro de 2017 e está disponível em 36 serviços de saúde em 22 cidades brasileiras”<sup>21</sup>.

Sendo uma das estratégias que compõem a chamada prevenção combinada, como mencionado anteriormente, a PrEP integra um conjunto de ações preventivas para potencializar a proteção contra o HIV. Alguns dos principais métodos que compõem a prevenção combinada são a testagem regular; profilaxia pós-exposição ao HIV (PEP); testagem durante o pré-natal e o tratamento da gestante que vive com o vírus; redução de danos para uso de drogas; testagem e o tratamento de outras ISTs e das hepatites virais; assim como o uso de preservativo masculino e feminino.

Quanto as políticas públicas brasileiras em saúde, segundo Seffner e Parker (2016), essas têm lidado com a epidemia de HIV na permanente tensão entre o “fazer viver” – ampliando a oferta de exames para conhecimento da situação sorológica e a oferta universal da medicação antirretroviral – e o “deixar morrer” – reforçando situações de estigma e discriminação às populações vulneráveis. Nessa relação, tratar da epidemia de HIV implica falar em homossexualidade, direitos humanos, luta contra o preconceito e a discriminação, bem como “críticas à medicalização, enfrentamento dos grandes laboratórios farmacêuticos por conta dos preços da medicação e da legislação de patentes, defesa do sistema único de saúde, aceitação da prostituição como uma atividade socialmente reconhecida” (SEFFNER; PARKER, 2016, p. 295).

Desta forma, esta dissertação se propõe a pensar as dinâmicas sexuais e a busca por prazer de sujeitos masculinos que são “esforçados” nos discursos biomédicos de prevenção. Ou seja, homens que realizam esforços cotidianos para realizar acompanhamento com infectologistas, pegar a receitas do medicamento, fazer com certa frequência os testes para HIV e ISTs e que, estando em grupos em redes sociais sobre PrEP, estão atentos aos debates e discussões acerca do método de prevenção. Pois, desta forma a noção de pedagogias dos prazeres - aqui em desenvolvimento - pode ser mais “evidente/palpável” nas experiências vividas por este grupo.

---

<sup>21</sup> Disponível em: <https://unAIDS.org.br/prevencao-combinada/>. Acesso em: 05 dez. 2021.

## 2.2 PrEP na Antropologia: ocupa um lugar outro no campo...

Sendo está uma pesquisa antropológica que também propõe um diálogo com áreas como os estudos culturais (ANDRADE; COSTA, 2017; COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003; SABAT, 2001; SILVA, 2009), conceitos como gênero, masculinidade, ensino e aprendizagem, sexualidade e narrativas, farão parte do processo de trocas e articulações que almejo. Na análise do caso de Pierre Rivière, Foucault (1977, p. 221) explica que “fazia-se em relação a seu gesto uma tríplice questão de verdade: verdade de fato, verdade de opinião, verdade de ciência” e “a este ato discursivo, a este discurso em ato, profundamente engajado nas regras do saber popular, aplicava-se as questões de um saber nascido alhures e gerido por outros” (FOUCAULT, 1977, p. 221). Eu procuro posicionar esta dissertação em uma empreitada similar. No caso em questão, conforme Foucault:

Rivière era acusado: tratava-se pois de determinar se ele era realmente o autor do crime. Ele era enviado diante de um tribunal de júri, que desde 1832 tinha recebido o direito de conceder as circunstâncias atenuantes: tratava-se pois de se formar sobre ele uma opinião, de acordo com o que ele havia feito, com o que ele havia dito, a maneira como ele vivera, a educação que recebera etc. Ele era enfim objeto de um exame médico: tratava-se de saber se sua ação e seu discurso correspondiam aos critérios de um quadro nosográfico (FOUCAULT, 1977, p.221).

O olhar que proponho sobre a construção de modos de estar e formas de compreender a PrEP tem desenho parecido, porém é preciso, primeiramente, destacar o caráter de separação analítica que darei ao que direi a seguir. O estudo em relação a PrEP demanda, assim como no caso mencionado, a apreensão de uma narrativa de origem biomédica ou mais institucionalizada em relação aos usos, objetivos e a quem é direcionado o método de prevenção e as políticas públicas feitas a partir dele. Sobre “formar sobre ele uma opinião”, poderíamos fazer um paralelo com relatos de experiência e as narrativas que serão apreendidas com os sujeitos que utilizam a PrEP: “de acordo com o que eles fazem da PrEP, com o que eles dizem sobre PrEP, a maneira como eles vivem a PrEP, a educação sexual que receberam, etc.”.

Na prática da pesquisa de campo, tais separações não são tão demarcadas e as narrativas apreendidas certamente fazem parte de um emaranhado de sentidos que não é de fácil categorização. No entanto, o caso Piere Rivière auxilia no aspecto organizacional de tal empreitada ao exemplificar a ação de diferentes “regimes de verdade” sobre um único caso. Portanto, reitero que para compreender a construção destes modos de estar e formas de

compreender a PrEP se faz necessário aquela já comentada multiplicidade de concepções teórico-científicas.

No âmbito antropológico, as pesquisas desenvolvidas em Programas de Pós-Graduação em Antropologia sobre PrEP ainda são poucas e, por isso mesmo, merecem um olhar apurado sobre o que significa tornar a PrEP um objeto de pesquisa. Acredito que as dissertações que reescreverei na sequência subsidiarão as discussões que proponho ao longo desta dissertação.

A dissertação de Eládio Fernandes de Carvalho Júnior, por exemplo, intitulada “(De)leites (PrEP)arados: uma etnografia sobre a Profilaxia de Pré-Exposição ao HIV em Anápolis/GO” (2020) e desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás, tece uma linha narrativa e argumentativa sobre a PrEP e suas ramificações no campo do social entre HSH. Seu texto é o resultado de um estudo realizado entre homens que vivenciam relações “homoeróticas” e são usuários da PrEP, na cidade goiana de Anápolis. Um desenvolvimento muito semelhante ao que almejei, sua trajetória, no entanto, vai dos usuários de PrEP em ambientes de serviços de saúde até a vida cotidiana e as redes sociais. Minha pesquisa, por outro lado, parte das redes sociais para chegar nos profissionais da saúde e usuários de PrEP engajados em grupos nas redes sociais.

O autor indaga se a busca pela PrEP trazia segurança a seus interlocutores para vivenciar os seus prazeres e atenuar o “perigo” dentro das suas relações sexuais. Neste sentido, para o autor “a PrEP em si não era a protagonista da busca pelos prazeres [...] ela habitava, e resignificava de certo modo, uma zona fronteira entre prazer e perigo” (CARVALHO JÚNIOR, 2020, p. 18). Enquanto profissional da saúde, Carvalho Júnior descreve como “apesar das tecnologias médicas em relação à epidemia terem avançado, ainda nos deparamos com o fato de que questões de estigma e preconceitos que ocorreram no início da doença são acionadas toda vez em que essas políticas devem ser colocadas em prática” (CARVALHO JÚNIOR, 2020, p. 25). Sua dissertação evidencia como a PrEP, enquanto método de prevenção ao HIV, acaba ocupando um papel muito maior na vida de seus usuários. Segundo o autor:

A PrEP é um artifício biomédico dependente de várias questões políticas, econômicas e sociais para ser usada ou não, até antes de ser inserida na prática sexual das pessoas. Tudo isso faz parte de um processo político contínuo e que inclusive pode entrar na agenda de movimentos sociais. Elas podem até serem rotuladas como tecnologias biomédicas, mas só serão alocadas na prática a partir de pontos de vista econômicos, decisões políticas, processos sociais e valores culturais que determinarão a possibilidade de disponibilizar ou não essas tecnologias (CARVALHO JÚNIOR 2020, p. 36).

Por se tratar de uma pesquisa que tem como interlocutores HSH, entendi necessário olhar para meu campo a partir de um conceito de gênero. Um caminho conceitual que começa com concepções de gênero, passa pelos estudos de masculinidade e homossexualidades masculinas e até discorrer sobre meu campo com HSH usuários de PrEP. Joan Scott (1995) baseia sua definição de gênero na conexão integral entre duas proposições: “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” e “o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (p.86).

Para Tereza De Lauretis “um sujeito é constituído de gênero, sem dúvidas, mas não apenas pela diferença sexual, e sim por meio de códigos linguísticos e representações culturais” (1994, p. 8). A autora entende gênero enquanto uma tecnologia sexual, pensando como uma “representação e auto-representação, resultantes de diversas tecnologias sociais, [...] discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, e também das práticas da vida cotidiana” (DE LAURETIS, 1994, p. 5 *apud* LONGHINI; SILVA, 2018, p.289). Tal perspectiva – aliada ao campo etnográfico das narrativas sobre PrEP – fornece bases teóricas para pensar como este método de prevenção, que tem modificado e afetado os modos de ser da população HSH, pode ser entendido enquanto uma tecnologia de gênero direcionada a constituição de práticas ligadas também às masculinidades homossexuais.

Se dentro do universo biomédico temos, em muitos momentos, uma leitura apressada da homossexualidade, a partir apenas das práticas sexuais, para a construção das estratégias de prevenção, graças à Antropologia percebo outros elementos permeando os relatos que apreendo neste terreno. Há uma construção narrativa que se faz a partir de uma gama de discursos, olhares, perspectivas, contextos socioculturais que dão tônica, sentido e prática a ideias e concepções sobre a PrEP neste campo. Trata-se, portanto, de uma epidemia (a produzida pelo HIV) e de estratégias de prevenção (dentre as quais inclui-se a PrEP), que vêm mudando entendimentos da própria sexualidade dos sujeitos e acirrando campos de disputas na produção de novas relações.

Ainda sobre este jogo que constitui as masculinidades, Connell e Messerschmidt dirão que

padrões hegemônicos de masculinidades são tanto envolvidos como contestados, à medida que as crianças crescem. O gênero é produzido nas escolas e nas vizinhanças através de estrutura de grupos de pares, controle do espaço escolar, padrões de encontros afetivossexuais, discursos homofóbicos e assédio (CONNELL; MESSERSHMITZ, 2013: 250).

Compreendo que tanto o gênero quanto a própria concepção de masculinidade são parte de diversos jogos de poder, que produzem e são produzidos em diferentes instâncias, e tornam possível pensar nos elementos que fazem parte desta construção. Paula Andrade e Marisa Costa (2017), por exemplo, em diálogo com as pesquisas realizadas por Giroux, discorrem sobre como artefatos culturais ao mesmo tempo que reforçam estereótipos de gênero e raça dão condições para que tais narrativas sejam colocadas sob suspeita e possam ser reescritas. Segundo as autoras é na “crítica das representações aí embutidas que os sujeitos podem ampliar sua compreensão sobre o contexto social e cultural em que estão inseridos e, conseqüentemente, a gama de estratégias para desenvolverem um senso de resistência e transformação” (ANDRADE; COSTA, 2017, p. 9).

No campo dos estudos sobre homens e as políticas públicas de saúde, Couto e Gomes destacam que “é importante considerar a existência de múltiplos elementos em ação, como intencionalidade, instrumentalidade, interação, poder e temporalidade” (COUTO; GOMES, 2012, p. 2571). Para a autora e o autor, determinados modelos de masculinidade podem trazer comprometimentos para a saúde, portanto, para pensar homens no âmbito dos estudos da saúde, não basta considerá-los apenas como organismos do sexo masculino. É necessário, portanto, entendê-los em suas singularidades enquanto sujeitos sociais no processo saúde-doença em uma perspectiva relacional entre múltiplos marcadores sociais da diferença, como gênero, sexualidade, identidade, raça, idade e classe social. Mesmo que por vezes “camuflados” nos perfis da rede sociais, tais marcadores estão sempre presentes.

Entendo com Peirano (2008; 2014) que a etnografia é não somente uma ferramenta de pesquisa, mas uma metodologia-teoria construída e aprimorada pelo constante confronto entre os dados etnográficos e a bagagem teórica antropológica, da teoria vivida. Deste modo, busco dialogar com diferentes alteridades e assumir no texto etnográfico a disposição de viver uma experiência “pessoal” – situando o eu também enquanto sujeito na pesquisa – junto a um grupo específico com o fim de transformar essa experiência “pessoal” em tema a ser pesquisado (GOLDMAN, 2006). As abordagens que proponho, em uma perspectiva antropológica de análise que complete o movimento interpretativo, supõe ir do particular ao geral (FONSECA, 1999, p. 61). Afinal, como afirma Fonseca, “sem esta ‘contextualização’ (um tipo de representatividade post ipso facto), o ‘qualitativo’ não acrescenta grande coisa à reflexão acadêmica” (1999, p. 61).

Vale destacar, no terreno das técnicas de pesquisa, a importância do campo virtual para esta dissertação, para além da atual pandemia de COVID-19, mas enquanto um universo necessário à compreensão das relações, conflitos e narrativas construídas em torno da temática dos prazeres e da prevenção ao HIV entre HSH. Propus aos meus interlocutores, portanto, a realização de entrevistas semiestruturadas por meio de redes sociais ou chamadas de áudio/vídeo utilizando de plataformas gratuitas, como o *WhatsApp* e o *Google Meet*. Tenho em mente, a partir de Poupert (2014, p. 215), que as entrevistas podem vir a constituir uma “porta de acesso às realidades sociais”, mesmo que segundo o autor “essas realidades sociais não se deixam facilmente apreender”. Assim, seguindo nesta linha de raciocínio, entendo o “jogo complexo das múltiplas interpretações produzidas pelos discursos” (POUPART, 2014, p. 215), do qual o autor reflete, como parte crucial da pesquisa etnográfica.

A pesquisa proposta, portanto, é um fazer etnográfico que não abandona as bases reflexivas de uma etnografia tradicional (ou *offline*), mas que, ao adotar a adjetivação “virtual”, busca demarcar as especificidades da pesquisa em ambientes *online*. Como situa o trabalho de Beatriz Polivanov:

...ainda que haja, sem dúvidas, singularidades quanto à mediação, linguagem e formas de interação entre pesquisadores e pesquisados na internet e “fora” dela, tal relação – mediada mesmo off-line – se dá em ambientes virtuais que não podem mais ser tratados como “não-lugares” e menos ainda de forma dicotômica, opondo se o virtual ao “real” (POLIVANOV, 2013, p. 69).

Em síntese, a etnografia que realizei, essa que foi mediada pela *Internet*, se constituiu a partir (1) da observação e compreensão das dinâmicas que operam dentro de grupos em redes sociais; (2) do estabelecimento de relações e entrevistas semiestruturadas com usuários de PrEP; e (3) da análise de materiais de divulgação e campanhas institucionais visando as representações de saúde sexual e sujeitos em torno da PrEP. Assim como aconteceu com Carvalho Júnior, onde mesmo que os interlocutores “deixassem gravar, o discurso mudava quando o gravador era desligado: muitas vezes era a hora que a entrevista ficava mais completa e mais livre” (CARVALHO JUNIOR 2020, p. 63), também tive de adaptar minhas abordagens para o melhor desempenho do trabalho de campo. Isso, penso, é uma particularizada da pesquisa antropológica com este tipo de temática.

Na Antropologia, especialmente em trabalhos na área da Saúde, estar atento às nuances e subjetividades dos interlocutores, envolvidos por temática de pesquisa sensíveis como o HIV e a população HSH, é vital para o estabelecimento de boas relações em campo. O respeito e as

garantias éticas às demandas que surgem com o campo fortalecem a pesquisa e legitimam a presença do pesquisador em espaços onde a pesquisa antropológica talvez não possua tanto reconhecimento. Como afirmam Soraya Fleischer e Patrice Schuch:

Enquanto na pesquisa em seres humanos há uma diferenciação entre sujeito e objeto de estudo, sendo o último um tipo de “cobaia” das experimentações científicas a pesquisa com seres humanos entende que as pessoas abarcadas pelos estudos são verdadeiros interlocutores, estabelecendo uma relação ativa com o pesquisador [...] as normas de orientação biomédica que, hoje, eventualmente enfrentamos na realização de pesquisas podem ser encaradas como verdadeiras balizas de diálogo, isto é, questionamentos que nos instigam a pensar em detalhes e facetas diferenciados da pesquisa em antropologia. Todos esses espelhos, mais ou menos distorcidos, podem servir para incrementarmos nossas incursões etnográficas (FLEISCHER; SCHUCH, 2010, p. 14-15).

Neste sentido, a pesquisa antropológica ocupa um lugar outro no campo das pesquisas com questões de Saúde. O olhar e as reflexões em relação à PrEP e seus usuários, no campo da Antropologia, não se ocuparam com as mesmas dinâmicas que interessam aos trabalhos realizados no âmbito da Saúde Pública e das Pesquisas Clínicas em Doenças Infecciosas. Na dissertação de Carvalho Júnior, por exemplo, o autor faz questão de explicar suas escolhas reflexivas e narrativas:

...não narrarei as experiências dos sujeitos entrevistados apenas pelo viés de medo e do terror do HIV, que muitas vezes está presente em suas falas, pois, a partir de um exercício de interpretação antropológica preocupado com os significados presentes nas narrativas de tais sujeitos acerca de suas experiências, passei a notar que nelas não cabe só o medo, mas também sentidos de prazer e de desejo (CARVALHO JUNIOR, 2020, p. 84).

Nesta linha, o autor afirma que “o prazer não deve ser considerado objeto avulso e primordial de reflexão, e sim deve considerar variados elementos para se chegar até ele” (CARVALHO JUNIOR, 2020, p. 89). O aspecto “revolucionário” da PrEP, mencionado em inúmeras ocasiões por meus interlocutores, estaria justamente na possibilidade que seus usuários possuem de não precisarem mais abdicar dos prazeres sexuais em detrimento do medo e da prevenção. Conforme esse autor, “a PrEP estaria habitando esse lugar: apesar de ser uma escolha íntima e individual utilizá-la “é uma das linhas traçadas na trajetória entre prazer e o perigo” (CARVALHO JUNIOR, 2020, p. 89). A PrEP, portanto, abre as “portas” para que novas dinâmicas de sexo surjam entre a população HSH, mas, também, impulsiona os estigmas e preconceitos, há muito existentes, relacionados à associação com promiscuidade.

Felipe Cavalcanti Ferrari, por sua vez, em sua dissertação “Perseguindo uma inovadora promessa em tempos de retrocessos: o debate público sobre HIV/AIDS em Porto Alegre e a

emergência da Profilaxia Pré-Exposição (PrEP)”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, define sua pesquisa como “um esforço de produzir uma descrição etnográfica acerca da emergência de ‘novas’ promessas na resposta ao HIV/AIDS, em tempos de retrocessos na própria política brasileira em torno de tal resposta” (FERRARI, 2019, p. 15). Para o autor, a PrEP é muito mais do que uma das combinações de drogas antirretrovirais que podem ser utilizadas como o método preventivo, podendo ganhar muitas formas e se estabelecendo através de complexas redes de associações. Seu objetivo, portanto, era reconhecer como o método preventivo pode participar de um debate público e quais são os termos deste debate, a partir de uma investigação que procurou considerar uma performance (*enactment*) específica da PrEP na consolidação de tal política, utilizando dos documentos mobilizados durante o processo de incorporação da tecnologia no SUS.

Para Ferrari:

É impossível pensar em termos de uma resposta ao HIV/AIDS responsável, sem levar em conta a necessidade urgente de tecnologias biomédicas para manutenção da vida e garantia de direitos humanos. Testes diagnósticos, terapia antirretroviral, métodos preventivos, tão centrais à rede de cuidados médicos, não devem ser pensados como entidades puras, mas como processos relacionais. São atravessados e atravessam aquilo sobre o qual tentariam apenas intervir: a infecção pelo HIV, a AIDS e seus efeitos [...] Decisões, dilemas e coordenações próprias da política da prática clínica serão acessadas mediante ao que eu chamo aqui de rumores. Será pela via de relatos produzidos ao longo da investigação que acessarei esta prática e as controvérsias que ela tem levantado em torno da resposta à epidemia e suas promessas. De tal modo, quando me refiro a experiências em implementação da PrEP, procuro respeitar a opacidade das práticas (FERRARI, 2019, p.31).

Assim, o autor realiza uma pesquisa atenta ao passado, presente e futuro, buscando uma linearidade narrativa dos eventos. Segundo Ferrari, ainda que não seja um trabalho histórico, as narrativas de passado e futuro importam por fazerem referência à maneira como são contadas as histórias e são mobilizados por expectativas os discursos no presente. “É nesse sentido que a PrEP pode ser entendida como uma ‘inovação’ biomédica promissora que é incorporada ao SUS, no campo da prevenção ao HIV/AIDS, e que o debate público em torno da epidemia já carrega uma longa trajetória e experiência” (FERRARI, 2019, p. 34).

Acompanhando eventos de diferentes naturezas, tais como paradas livres, audiências e debates públicos, e Encontros de Pessoas Vivendo com HIV e AIDS, bem como realizando entrevistas semi-estruturadas com integrantes do Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS

(GAPA-RS) e de um comitê de assessoria comunitária a um ensaio clínico de PrEP internacional que ocorreu na cidade, Ferrari (2019, p.34) buscou “não apenas uma reflexão sobre os termos do debate público em que essa promessa pode ou não emergir, mas também sobre os sentidos que a prevenção pode ganhar e a importância histórica dos movimentos sociais na resposta ao HIV/AIDS”. Com indagações das mais diversas, sua pesquisa, como o próprio define, seguiu “rumores até o limite da opacidade das coisas”.

Os textos de Carvalho Júnior e Ferrari são bons exemplos de como a pesquisa em Antropologia tende a proporcionar perspectivas antes ignoradas pelo campo da Saúde em relação as pessoas e os modos como interagem e são afetadas pelos procedimentos de cuidado e prevenção. Em relação a PrEP e seus usuários, a leitura destas dissertações evidencia os caminhos da Antropologia por entre esses labirintos de protocolos e medicamentos, o desafia que é desenvolver uma pesquisa antropológica em ambientes e com profissionais da área da Saúde.

A linguagem utilizada não é a mesma, as posturas e interações também não são. Desta forma, procurei, alicerçado pelos autores, o meu próprio caminho junto aos usuários de PrEP e as relações mediadas pelas redes sociais enquanto antropólogo. Descrever este processo será o cerne do próximo capítulo.

### **3. APREENDENDO FORMAS DE ESTAR E MODOS DE COMPREENDER**

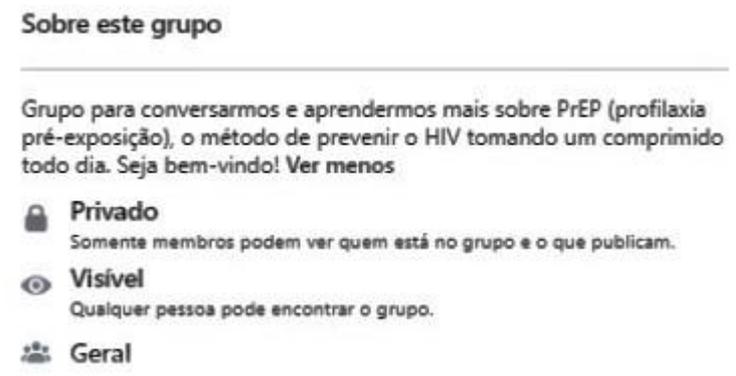
Neste capítulo explorarei diferentes frentes de pesquisa em um exercício etnográfico de apreender e analisar as formas de estar e os modos de compreender a PrEP. Partindo do pressuposto de que a PrEP integra o universo de relações e sociabilidades de um grupo tão complexo quanto os HSH, busquei articular as experiências que vivenciei e as noções de mundo com as quais esbarrei em campo – tanto com grupos em redes sociais quanto com um *influencer* da PrEP – para desenvolver minhas reflexões. Assim, em um primeiro momento, descrevo as interações e os conteúdos abordados nessas trocas entre usuários de PrEP, que são mediadas pelas redes sociais. Busco, dessa forma, esboçar como eles compreendem e agenciam os processos de ensinar e aprender a se tornar usuário de PrEP. Para isso, neste primeiro tópico de discussões, olhei para as dinâmicas de funcionamento de um grupo de *Facebook*, as publicações e comentários feitos no mesmo e para o que os administradores do grupo tinham a dizer sobre esse universo.

Em seguida, no segundo tópico de discussão, desenvolvo o texto a partir das narrativas de um interlocutor que faz um trabalho de incentivo e divulgação da PrEP em redes sociais como o *Instagram* e o *Grindr*. Enquanto alguém que ocupa um espaço e atua com propósito pedagógico nestes mesmos universos que se cruzam, sua interlocução fornece pistas de grande interesse para este meu propósito de identificar os processos de ensino e aprendizagem em torno da PrEP.

#### **3.1 Com um grupo de Facebook: para conversarmos e aprendermos mais sobre PrEP...**

Criado em 28 de julho de 2015, o grupo *F PrEP* hoje conta com 10,2 mil membros. Na aba “sobre”, o *F PrEP* é descrito enquanto um “Grupo para conversarmos e aprendermos mais sobre PrEP (profilaxia pré-exposição), o método de prevenir o HIV tomando um comprimido todo dia”. É importante dizer que o grupo se encontra no *Facebook*, atualmente, “visível” (qualquer pessoa pode encontrar o grupo) e “privado” (somente membros podem ver quem está no grupo e o que publicam), o que possibilita a solicitação de entrada de novos integrantes (mediante autorização dos administradores do grupo) e, ainda assim, mantém certa “privacidade” a seus integrantes.

**Figura 07** – “Sobre este grupo”



Fonte: Captura de tela, acervo do autor.

**Figura 08** – “Membros e atividade”



Fonte: *Facebook*; Acervo do Autor.

Sendo está uma pesquisa em um ambiente virtual, decidi começar “do começo”. Fiz uma busca rápida por “o que são grupos de Facebook?” no Google e a primeira resposta que obtive para essa pergunta foi fornecida pelo site da *GoMarketing School*: “Grupos do Facebook são comunidades online que oferecem aos usuários do *Facebook* uma plataforma para se conectar por um interesse compartilhado”<sup>22</sup>. A própria plataforma da rede social não oferece

<sup>22</sup> *GOMARKETING SCHOOL*. O melhor guia para grupos do Facebook para negócios 2020. 31 mar. 2020. Disponível em: <https://gomarketingschool.com.br/facebook-ads/o-melhor-guia-para-grupos-do-facebook-para-negocios-2020/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

uma resposta mais completa que essa e, ao procurar uma definição no *Facebook*, o mais próximo que encontrei estava na aba “Menu” onde dizia o seguinte: “Grupos. Conecte-se com pessoas que compartilham seus interesses”.

Já que o *Facebook* fornecia apenas essas informações sobre o ambiente, parti para a exploração via “cliques”. Deste modo, decidi – mesmo sendo usuário da rede social há vários anos – explorar a aba “grupos” como se nunca a tivesse utilizado. Tendo em mente que “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido” (VELHO, 2008, p. 126), almejei o exercício de estranhar o familiar, sobre o qual discorre Gilberto Velho (2008). Afinal, ser um assíduo usuário de redes sociais não implica ser conhecedor das minúcias que compõem estes ambientes, foi apenas ao iniciar esse processo antropológico de atenção e descrição dos caminhos percorridos que pude atentar para as complexidades e dinâmicas próprios deste meu universo de pesquisa.

Integro o grupo desde os primeiros meses de 2020, antes mesmo de considerá-lo uma possibilidade de pesquisa. Assim, para realizar esse movimento, utilizei de um perfil diferente daquele meu pessoal, que já estava inserido enquanto participante do grupo havia vários meses sem a intenção de pesquisa, para simular uma inserção sem realmente solicitar entrada. Pude, então, vivenciar novamente as etapas pelas quais já havia passado quando pela primeira vez descobri o grupo, porém agora com um olhar mais “disciplinado”, ou seja, sensibilizado pela aprendizagem antropológica e atento aos “caminhos” e “palavras-chave” que são anunciados no percurso.

O *F PrEP* é o terceiro resultado da busca no Facebook utilizando o termo “PrEP”. Ele está atrás apenas da página “PREP”<sup>23</sup> – uma página em inglês, criada em 18 de maio de 2017, e que se encontra na categoria “Musicista/banda” - e da página “PrEP Brasil”<sup>24</sup> – uma página brasileira, criada em 7 de abril de 2014, que em sua descrição diz: “Fique sabendo das novidades sobre a PrEP e outras formas de prevenção do HIV no Brasil”. A página “PrEP Brasil” indica o link do site *prepbrasil.com.br*, onde é possível descobrir que a iniciativa tem o intuito de promover a pesquisa “Profilaxia Pré Exposição do Medicamento Truvada” – um estudo que pretendia “avaliar a aceitação, a viabilidade e a melhor forma de oferecer a PrEP à população brasileira como prevenção ao HIV”. Tanto a página quanto a pesquisa estavam aos cuidados da

---

<sup>23</sup> Facebook/PREPBAND. Disponível em: <https://www.facebook.com/prepband>. Acesso em: 05 dez. 2021.

<sup>24</sup> Facebook/PrEPBRASIL. Disponível em: <https://www.facebook.com/PrEPBRASIL>. Acesso em: 05 dez. 2021.

equipe do laboratório *LapClin AIDS* da Fiocruz. As redes sociais da “PrEP Brasil” seguem ativas na divulgação de notícias e informações acerca da PrEP.

Se o usuário da rede social ainda não for membro do grupo, é possível clicar em “participar” e solicitar o acesso. A solicitação de participação, por sua vez, ficará pendente até a aprovação dos administradores e será preciso responder às perguntas que apareceram na tela. No caso do *F PrEP*, as seguintes perguntas são exibidas: “Qual sua motivação para entrar no grupo?” e “Você entende que este é um grupo em português, sem discussões em outras línguas?”. Após o aceite da solicitação de participação, todas as informações referentes ao grupo e postagens ali feitas ficam disponíveis para visualização e interação.

**Figura 09** – “Responder às perguntas”

Responder às perguntas

Grupo Privado · 10,2 mil membros

Qual sua motivação para entrar no grupo? ...

Escreva uma resposta...

Você entende que este é um grupo em português, sem discussões em outras línguas? ...

Escreva uma resposta...

Não insira a sua senha ou outras informações confidenciais aqui, mesmo que seja solicitado pelos administradores do grupo

Cancelar Enviar

Fonte: *Facebook*, acervo do autor. Acesso em: 19/09/2022.

Há no grupo um “Aviso” que fica “fixado” para que esta seja a primeira publicação a ser vista na aba “discussão”, onde ocorrem as postagens, comentários, reações e demais interações possibilitadas pela rede social. O aviso trata-se de documento intitulado “Regras & Como conseguir a PrEP” e conta com uma parte específica para “Perguntas Frequentes”. Nesta parte há três perguntas: “Como posso ter acesso à PrEP?”, “Onde posso encontrar um médico

particular para me receitar o Truvada?” e “Onde posso encontrar mais informações sobre a PrEP?”.

As respostas para tais perguntas são sucintas, mas permitem vislumbrar o que é possível encontrar no grupo entre as postagens e comentários cotidianamente. Para responder a primeira pergunta foram criadas quatro “listas de links” que são indicados da seguinte forma: “Os locais que fornecem o Truvada gratuitamente pelo SUS estão listados aqui” com um link para o site do MS; “Esta é a lista das farmácias que vendem o Truvada no Brasil (no momento o Truvada não é vendido no Brasil pelas grandes redes de farmácias)” com três links distintos para sites brasileiros; “Esses sites vendem genéricos do Truvada (Tenvir-EM, Tavin-EM e Ricovir-EM) e entregam no Brasil” com dois links para sites em inglês; e “O Binav, similar do Truvada (mesmos princípios ativos) é fabricado no Brasil pela Blanver e vendido nesta farmácia online” com um link para um site brasileiro. Vale dizer que no momento do acesso alguns destes links já não estavam mais funcionando.

A resposta à segunda pergunta incentiva a interação e a troca de conhecimentos com outros membros do grupo e diz: “Em geral as pessoas procuram médicos infectologistas para receitar o Truvada. Fique à vontade para fazer um post no grupo pedindo recomendações de médicos que receitam o Truvada na sua região. Fique à vontade para recomendar o seu médico para outros membros do grupo”. Já a terceira resposta direciona novamente para site do MS sobre PrEP.

O *F PrEP* também possui suas próprias regras, que especificam o que é permitido em relação ao comportamento, cunho das postagens e comentários realizados dentro do grupo. São ao todo sete regras. Um dos aspectos que considero mais interessante e que merece destaque é o fato de elas serem acompanhadas por exemplos de frases e posicionamentos que são puníveis com suspensão ou mesmo expulsão do grupo.

Figura 10 – Regras dos administradores para o grupo

Regras dos administradores para o grupo		
1	<b>Sorofobia e criminalização de PVHA*</b>	^
	"Pessoas vivendo com HIV/Aids. Ex: "Aqueles soropositivos carimbadores...", "Quem vê cara não vê HIV..."	...
2	<b>Informações inverídicas e fake news</b>	^
	De qualquer natureza, mas em especial "opiniões" médicas sem fontes nem fundamento. Ex: "Esse PrEP é uma mentira, uma amiga de uma prima de um vizinho me disse que não funciona..."	...
3	<b>Imperativos sobre métodos de prevenção</b>	^
	Ou seja, afirmar/insinuar que camisinha/PrEP/PEP/etc é obrigação ou o jeito "certo/errado" de se prevenir. Ex: "O certo é camisinha JUNTO com PrEP", "Quem diz que usa PrEP com camisinha é hipócrita"	...
4	<b>Slut-shaming/julgamentos da vida sexual alheia</b>	^
	Ex: "Usar a PrEP pra ser promíscuo/sair por aí dando geral...", "Só louco transa sem capa, se dê valor..."	...
5	<b>Ofender, ironizar, constranger, atacar</b>	^
	Incluindo "rebater" ofensas com outras ofensas - ao invés disso, denuncie à moderação. Ex: "Que afrontosa essa beesha...", [GIF com cara de idiota]	...
6	<b>Conteúdo sem relação com o grupo</b>	...
7	<b>Preconceito, machismo, racismo, homofobia etc</b>	...

Fonte: Facebook, acervo do autor.

Pensando em narrativas que constroem noções sobre a PrEP e, mais especificamente, na ideia de prazer, a regra de número 5 fornece uma ótima contribuição ao utilizar as frases “Usar a PrEP para ser promíscuo/sair por aí dando geral...” e “Só louco transa sem capa, se dê valor...” para exemplificar a proibição de “*Slut-shaming*/julgamentos da vida sexual alheia”. A palavra *slut* poderia ser traduzida do inglês para o português como “vadia, promíscua...”, enquanto *shaming*, do verbo *shame*, significa “envergonhar, causar vergonha”. A expressão, portanto, é utilizada para referir-se a um estigma social aplicado às pessoas que são percebidas por violar ou transgredir expectativas sociais com relação a comportamentos sexuais. Muito direcionada a mulheres e meninas, a expressão *slut-shaming* é usada, inclusive, como forma de agressão calcada na ridicularização ou difamação de alguém a partir das roupas, comportamentos e manifestações sexuais, vistos como impróprios.

No caso do grupo *F PrEP*, fica evidente como a associação iniciada nos anos 1980 entre HIV e AIDS e a noção de que se tratava de um “câncer gay, uma espécie de castigo por práticas homossexuais, em particular aquelas entendidas como promíscuas” (FERRARI, 2017, p. 137) continua a persistir. A expressão “câncer gay” pode ter caído em desuso, mas continua notável a relação de intimidade e estigmatização que há entre HIV e AIDS – e, conseqüentemente, seus métodos de prevenção – com a homossexualidade masculina, as identidades trans e a prostituição. Nesse sentido, ao falarmos sobre PrEP, ou mesmo ao realizarmos o exercício de observar um grupo de *Facebook* sobre PrEP, acredito que seja necessário entender por que algumas questões se sobrepõem a outras em relação às experiências dos usuários e dos que buscam se tornarem usuários do medicamento. Essas pessoas entram em conflitos morais, pois enquanto um método de prevenção ao HIV, a PrEP evoca discussões sobre sexo e corpo nas políticas públicas. É esse efeito que faz surgir colocações do tipo “*Recado para gente que quer controlar quem deveria e quem não deveria fazer PrEP: o SUS não reconhece fiscal voluntário, viu? Poupem-me. Poupem-se. Obrigado*”<sup>25</sup>. Trata-se, aliás, de uma postagem de um usuário que decidiu aderir ao programa da PrEP exclusivamente para fazer sexo oral sem se preocupar com HIV.

Sobre essas narrativas construídas em torno da PrEP – aquelas que de alguma forma estão presentes nos cotidianos de seus usuários e dos locais de distribuição/acompanhamento do medicamento - entendo o grupo enquanto um importante campo de investigação para compreensão dos processos de ensino e de aprendizagem quanto as práticas sexuais e de prevenção ao HIV e ISTs dos sujeitos da pesquisa.

### **3.1.1 Com publicações e comentários: amor, penetração, toque, saliva, gozo e fetiche...**

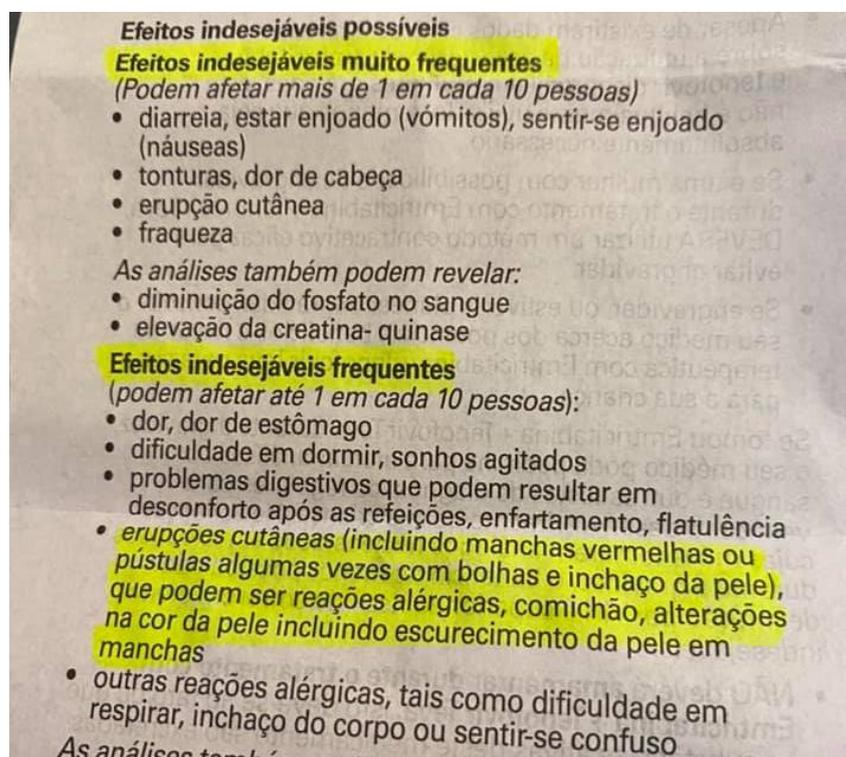
Em meio às continuidades e descontinuidades nas representações sobre corpo, emoção, pessoa, dor, doença e saúde, temos a PrEP que, como seu próprio nome sugere, trata-se de um método de prevenção “pré-exposição”, ou seja, prevê e antecede o ato sexual. Portanto, adentrando agora em uma discussão sobre sexo, uma publicação realizada no grupo *F PrEP* levanta questões acerca de outros possíveis efeitos da PrEP para além da proteção contra o HIV. Nela, dizia-se o seguinte:

---

<sup>25</sup> Grupo *F PrEP*, 29 set. 2020. Interlocutor é homem, branco, não heterossexual e de aproximadamente 25 anos.

Boas, malta! Algum de vocês já teve esses efeitos indesejáveis (erupções cutâneas) pois parece ser frequente e é o que mais me preocupa [emoji carinha “sorrindo” com pingo de suor] [2]. Tou a começar a PrEP então gostava de saber. Obrigado!<sup>26</sup>

Figura 11 - “Efeitos indesejáveis”



Fonte: Facebook, acervo do autor. Acesso em: 05/12/2021.

Entre os comentários feitos na publicação, encontramos relatos do tipo: “No começo tive diarreia, inchaço e gases. Depois melhorou um pouco”. “Eu tive erupções cutâneas pelo corpo todo”. “Tive só diarreia os primeiros 10 dias! Nada mais”. “Esses sintomas costumam ser apenas iniciais, logo o corpo se acostuma”. Mas o que significa um corpo se “acostumar” com tais dores e desconfortos? Dados esses relatos, os “efeitos indesejáveis” não estariam apenas indispondo os corpos para a vida cotidiana, mas para o próprio fim que a PrEP se propõe: o sexo. É por entre esse complexo emaranhado de relações com o corpo, que o sexo, enquanto uma performance, entra em questão nesta pesquisa e são constituídos os “repertórios de conhecimento incorporado” do qual discorre Taylor (2009). Segundo a autora,

a performance, entretanto, abrange muito mais do que um conjunto de práticas culturais definidas. Constitui um repertório de saberes corporificados,

<sup>26</sup> Grupo F PrEP, 25 mar. 2021. Interlocutor é homem, branco, não heterossexual e de aproximadamente 30 anos.

aprendizagens no e por meio do corpo, bem como um meio de criar, preservar e transmitir conhecimentos (TAYLOR, 2009, p. 9, tradução minha<sup>27</sup>).

Amor, penetração, toque, saliva, gozo e fetiche. Tudo isso (e um pouco mais) envolve o que popularmente entendemos por sexo. O que quero dizer é que, para os fins desta pesquisa e das discussões que proponho, o sexo será entendido enquanto uma performance em diferentes sentidos: é performance quando considerarmos o desempenho envolvido no ato e é performance quando o ato é pensado em suas mais múltiplas e diversas dimensões.

Richard Parker, ao discorrer sobre a cultura sexual no Brasil contemporâneo, entende que o corpo nunca é simplesmente dado. Para o autor, “ele é construído nos símbolos e significados usados para conceituá-lo” (PARKER, 2001, p. 172). Sendo assim, tanto os relatos sobre os “efeitos indesejáveis” quanto as representações de corpos nas campanhas de incentivo à PrEP são partes constituintes destes modos de estar e formas de compreender que ensina e são ensinadas sobre corpo. São elementos que serão utilizados para construção de narrativas sobre PrEP que serão evocadas tanto institucionalmente quanto pelos próprios usuários. Trata-se de um corpo que é erótico e sensual, pré-disposto ao sexo, ao mesmo tempo que deve lidar com diarreia, inchaço, gases, erupções cutâneas e, eventualmente, outros “efeitos indesejáveis” listados na bula.

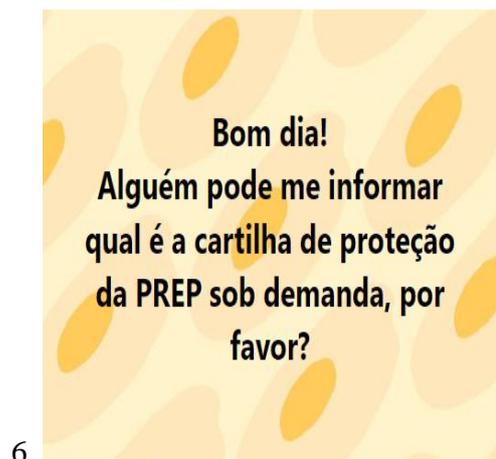
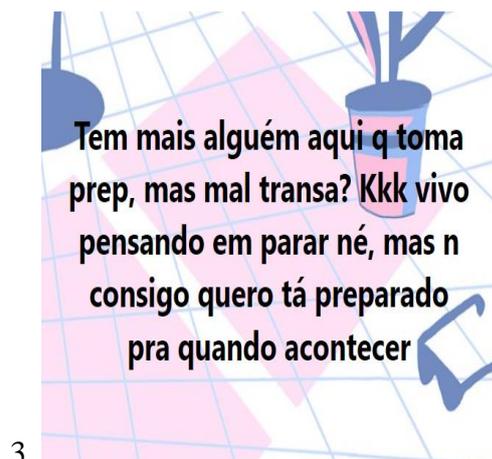
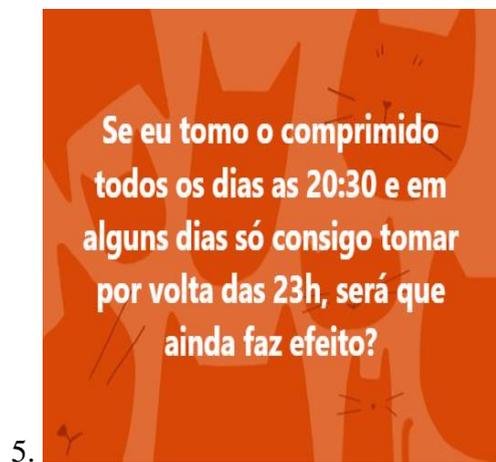
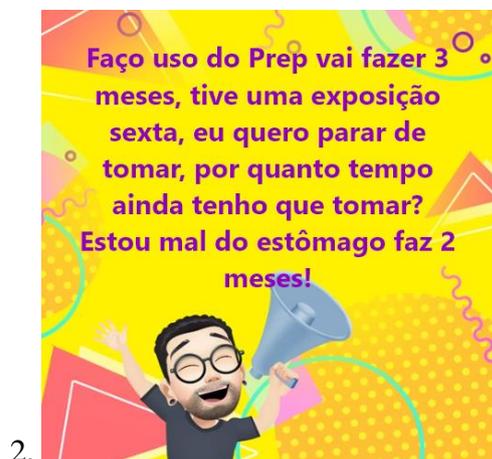
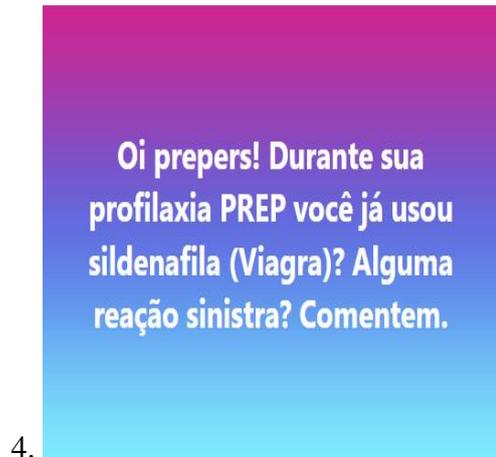
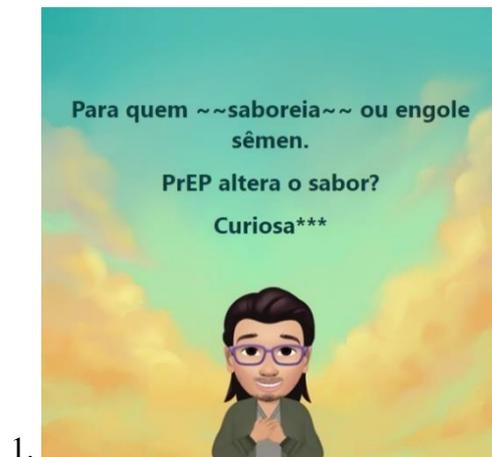
São esses múltiplos relatos e experiências compartilhadas e trocas entre os participantes do grupo *F PrEP* que fornecem indícios de um processo pedagógico que se desenrola em torno do método de prevenção. Aprendem e ensinam sobre PrEP, prevenção e cuidado a partir de suas próprias experiências. Nesse processo, infectologistas, secretárias de saúde, usuários e até mesmo “*influencers* digitais” participam ativamente da construção de um saber que será corporificado porque irá compor as performances de sexo. Um saber que não é puro e nem isento de agência. Um saber em constante negociação.

Neste sentido, inspirado na análise de Etienne Samain (2004) sobre a produção conjunta de Gregory Bateson e Magareth Mead, em *Balinese Character*, produzi duas pranchas de pesquisa para este capítulo. Na primeira prancha, exposta logo abaixo, reuni seis postagens feitas no grupo de *Facebook*, com conteúdo dos mais diversos, e que utilizam dos recursos da rede social para criar postagens coloridas e com grande apelo visual.

---

<sup>27</sup> No original: “El performance, sin embargo, abarca mucho más que un conjunto de prácticas culturales definidas. Constituye un repertorio de conocimiento incorporado, un aprendizaje en el cuerpo y a través de él, así como un medio de crear, preservar y transmitir conocimiento” (TAYLOR, 2009, p. 9).

## Prancha 1



1. “A PrEP altera o sabor?”

4. “Alguma reação sinistra?”

2. “Por quanto tempo ainda tenho que tomar?”

5. Será que ainda faz efeito?”

3. “Toma PrRP, mas mal transa?”

6. “A cartilha de proteção da PrEP sob demanda, por favor?”

Essa seleção de imagens não pretende dar conta das complexas relações de troca de informação, aprendizagem e ensino que ocorrem neste espaço, mas pincelar de cor e gosto um pouco do que é possível acompanhar no campo de pesquisa. Na prancha, temos algumas postagens que acompanhei durante os meses de pesquisa. São os “pontapés” das interações que ocorrem no grupo. É a partir de postagens como essas que se iniciam as trocas, comentários, curtidas e reações às discussões propostas. No *Feed* (tela onde aparecem as postagens), algumas dessas questões podem ressurgir a partir de novos comentários e respostas, o que tornam essas interações tópicos de debate ricos em trocas e reações de todos os tipos. Essas interações também podem ser entendidas a partir de diferentes temporalidades, pois conforme são atualizados os conhecimentos, modos de uso e formas de compreender a PrEP, o teor dos comentários também se atualiza.

As postagens são como pontos fixados no *feed*, mas que podem ser acessados a qualquer momento pelos participantes do grupo à medida que exploram as publicações e navegam retrocedendo pelas postagens mais antigas. Ainda, quando interagem de alguma forma com essas postagens mais antigas, seja por meio de comentário ou reação, as postagens retornam ao início do *feed*, recebendo uma nova onda de atenção.

Deste modo, em uma dinâmica despreziosa, conhecimentos e relatos sobre prevenção, cuidado e práticas de prazer são postos online e passam a integrar os modos de estar e formas de compreender a PrEP. Trata-se, como diria Samain, de uma “combinação de elementos sógnicos capazes de despertar, de sugerir ou de revelar este ou aquele traço do *ethos*” (SAMAIN, 2004, p. 56). Afinal, para o autor,

Toda tentativa de compreensão dos fatos de cultura nunca será outra coisa senão a *representação de representações*, isto é, no melhor dos casos, o esforço de uma nova contextualização, de uma nova enunciação e de uma inevitável interpretação desses mesmos fatos. Esforços que procuramos edificar, recorrendo a palavras, sons, gestões, imagens, gritos e, até silêncios. (SAMAIN, 2004, p. 67).

É pelo exercício de identificação e sobreposição dessas imagens e materiais que entendo possível compreender os processos narrativos em torno da PrEP, visto que “[a imagem] ela “serve” a “traduzi”, a “fazer entender”, a “justificar” aquilo que as palavras não consigam mostrar com tanta eficácia” (SAMAIN, 2004, p.70). Assim, retomando o conteúdo do que se discute no grupo, outra questão bastante recorrente, para além das apresentadas na prancha, é a associação entre a utilização da PrEP e o sexo oral sem camisinha. Nos comentários de uma

publicação no grupo, um interlocutor coloca: “*Só de não ficar 200% noiado cada vez que rola uma transa ou um boquete sem camisinha, já vale muito*”<sup>28</sup>.

Para Francisco Ortega (2004), ao propor reflexões a partir de Michel Foucault, Agnes Heller e Hannah Arendt, “a vida constitui, portanto, o alvo de lutas biopolíticas, mesmo sob a forma de lutas por um direito à vida, à saúde, ao corpo, à higiene, à felicidade e à satisfação das necessidades” (ORTEGA, 2004, p. 11). De certa forma, estamos falando de uma mesma coisa. Há na associação entre vida, lutas biopolíticas e lutas por um direito à saúde e ao corpo, a chave para a compreensão de alguns dos conflitos postos até então. Conflitos emergem justamente do encontro, nem sempre amistoso, entre as recomendações biomédicas e institucionalizadas<sup>29</sup> e o que é feito na prática pelos HSH que possuem um jeito próprio de lidar com a sexualidade. Como observam Leal e Knauth,

a sexualidade masculina pertence ao domínio da corporalidade ou figura na representada subalternidade dos sentimentos aos desígnios e pulsões corporais – do sexo. O corpo masculino age de acordo com aquilo que é percebido como socialmente legítimo e constitutivo da própria identidade masculina (LEAL; KNAUTH, 2006, p. 1377).

O recorte para as narrativas HSH, desse modo, é importantíssimo para compreensão destas relações, principalmente quando se começa a pensar no papel e no poder do Estado diante da questão. Assim, a noção de biopoder para Foucault, ou seja, aquele “cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima a baixo” (FOUCAULT, 1988, p.131) será um dos conceitos principais para a análise interpretativa do campo que investigo. Para Foucault,

esse poder sobre a vida desenvolveu-se a partir do século XVII, em duas formas principais; que não são antitéticas e constituem, ao contrário, dois pólos de desenvolvimento interligados por todo um feixe intermediário de relações. Um dos pólos, o primeiro a ser formado, ao que parece, centrou-se no corpo como máquina: no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos — tudo isso assegurado por procedimentos de poder que caracterizam as disciplinas: anátomo-política do corpo humano. O segundo, que se formou um pouco mais tarde, por volta da metade do século XVIII, centrou-se no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar; tais processos são assumidos mediante toda uma série de intervenções

---

<sup>28</sup> Grupo *F PrEP*, 03 set. 2020. Interlocutor é homem, branco, não heterossexual e de aproximadamente 20 anos.

<sup>29</sup> Ver mais em: PrEP - MATERIAIS INFORMATIVOS. Disponível em: [http://www.AIDS.gov.br/pt-br/centrais-de-conteudos/biblioteca\\_busca/prep/folheteria](http://www.AIDS.gov.br/pt-br/centrais-de-conteudos/biblioteca_busca/prep/folheteria). Acesso em: 05 dez. 2021.

e controles reguladores: uma bio-política da população (FOUCAULT, 1988, p.130-131)

Na busca por uma multiplicidade de relatos, experiências e narrativas, ambas as dimensões que constituem a noção de biopoder de Foucault (anátomo-política do corpo humano e bio-política da população) entram em ação, seja pelo viés das campanhas institucionais ou pelos sujeitos que em PrEP interagem com outros no grupo *F PrEP*. Assim, também é possível esboçar amarrações teóricas entre biopoder e as pedagogias dos prazeres à medida que, como observara Foucault, “o homem ocidental aprende pouco a pouco o que é ser uma espécie viva num mundo vivo, ter um corpo, condições de existência, probabilidade de vida, saúde individual e coletiva” (FOUCAULT, 1988, p.134). A ideia de pedagogias dos prazeres, que proponho a partir desta dissertação, seria então uma parte deste “pouco a pouco”, uma dentre outras tantas pedagogias presentes no cotidiano da vida humana.

### **3.1.2. Com administradores do *F PrEP*: a prestação de cuidados de forma remota...**

*Administrador I: A gente fala que a constituição garante que é dever do Estado fornecer saúde para sua população e, literalmente, estava tendo uma população invisibilizada, conseguindo medicamento por fora, pagando caríssimo e por algo que o SUS tinha que garantir. O artigo foi utilizado também na hora deles [Serviços de Saúde] liberarem a PrEP gratuitamente. Enfim, eu acho que o grupo ocupa uma posição interessante nessa liberação da PrEP no Brasil e desde então ele só tem crescido muito. É bem bacana de ver!*

O primeiro administrador com quem conversei via *Internet* – dos três existentes – para tentar entender um pouco mais sobre a história do grupo, como surgiu e como é operado, assumiu essa responsabilidade em 2015. Como administrador, seu papel é mediar publicações e comentários, manter o grupo ativo e excluir ou bloquear postagens e pessoas que desrespeitem as regras do grupo. Na passagem acima, ele conta sobre um artigo a respeito do grupo, publicado em 2017 na revista *Cadernos de Saúde Pública*. Intitulado “Fórum PrEP: um debate on-line sobre uso da profilaxia pré-exposição no Brasil”. O trabalho mencionado pelo interlocutor tinha por objetivo identificar conteúdos promotores de saúde voltados à prevenção do HIV e da AIDS em postagens veiculadas no grupo. Anos antes de a PrEP se tornar política pública no país, Álvaro de Sousa e Artur Queiroz escreviam:

Entre as atuais estratégias de prevenção biomédica contra a infecção pelo HIV, a profilaxia pré-exposição (PrEP), vem se destacando pela eficácia apresentada nos ensaios clínicos desenvolvidos, com redução no risco de infecção que varia de 92% a 100%, a depender da adesão à terapêutica. Seu uso é particularmente recomendado para populações-chave vulneráveis a infecção, dentre os quais se destacam homens que fazem sexo com homens (HSH). (QUEIROZ; DE SOUSA, 2017, p.2)

Em nossas conversas, o Administrador I – um homem, branco, HSH, entre 20 e 30 anos, enfermeiro e pesquisador - conta como a possibilidade da PrEP se tornar uma estratégia acessível para prevenção ao HIV o empolgava, pois acredita que a PrEP surge enquanto “revolução”. Para ele, portanto, o grupo ocupa uma posição muito importante, já que o *F PrEP* ajudava as pessoas em um momento em que “não se tinha nada”, porque não se “sabia nada”.

*Administrador I: O que se sabia estava em inglês, tanto que se você for ver as primeiras postagens do grupo, você vai ver que elas estão em inglês e a maioria das pessoas ficavam traduzindo as coisas nos comentários, sobre as pesquisas bem mais antigas. Agora não. Agora já se tem muito sobre isso [...] lá você consegue encontrar pessoas famosas como o Doutor Maravilha, o Rico Vasconcelos, que também é mega famoso, e você têm a população que vai atrás, que quer simplesmente saber como é que funciona. Então, é um espaço muito interessante de discussão.*

Assim como na passagem acima, no artigo mencionado anteriormente, Álvaro Queiroz e Artur de Souza reconheciam a importância das tecnologias de informação na comunicação em saúde e no estabelecimento da PrEP enquanto política pública. Segundo os autores,

[o] uso das tecnologias de informação e comunicação tem permitido a prestação de cuidados de forma remota, principalmente no que concerne à educação em saúde em populações de difícil acesso, como HSH. Tais tecnologias podem contribuir para suprimir vulnerabilidades e permitir o acompanhamento desses sujeitos (QUEIROZ; DE SOUSA, 2017, p.2).

As redes sociais, portanto, assumem, justificadamente, esse lugar de destaque em meu trabalho de campo. O *Facebook*, apesar de estar em uma decrescente em relação à adesão e engajamento de pessoas com a plataforma, ainda possui um certo protagonismo por alocar o maior grupo de usuários de PrEP que encontrei durante a pesquisa. Em alguns momentos, a participação no grupo *F PrEP* é, inclusive, utilizada como única motivação para continuar acessando a rede social por alguns de meus interlocutores.

Ainda em conversa com o Administrador I, questiono o que caracterizaria tal “revolução” advinda de PrEP

*Administrador I: Na área da saúde dos homens o que mais se reclama é que os homens não buscam os serviços de saúde. Os homens não buscam saúde, por isso morrem mais rápido, geralmente têm mais doenças crônicas não transmissíveis e por aí vai. E aí, a PrEP faz esse rompimento, ou seja, os homens vão para o serviço e começam a entender o que tem lá para oferecer para eles e eles sabem que para a PrEP eles têm que ir para o serviço a cada três meses para fazer isso. Então a PrEP dá uma melhorada muito alta nessas taxas. Outra coisa é, eu enquanto usuário de PrEP, e eu já escutei isso de várias pessoas, você tem que cuidar de você, porque se você não cuidar você daqui a três meses seus exames não vão estar ok, suas taxas vão estar alteradas, se você não bebe muita água a taxa vai estar alterada ou se você está em uso de drogas e não faz redução de danos as taxas vão estar alteradas. A segurança que a PrEP te dá, ela te faz se apegar aquela segurança.*

Nesta passagem, é possível identificar diferentes apontamentos que convergem em defesa da PrEP. O método de prevenção ao HIV, não só estaria cumprindo com sua promessa (FERRARI, 2019), como estaria indo além e melhorando a saúde de seus usuários homens em termos mais amplos e gerais. Ao exigir acompanhamento médico, testagem e exames com frequência, a adesão a PrEP tensiona seus usuários o quanto pode, como narrei e descrevi na introdução desta dissertação sobre minha experiência no processo de me tornar um. Se em uma ponta desta linha tensa temos os cuidados com a saúde de forma integrativa, na outra temos o tempo e a disponibilidade para exercer e conciliar tais práticas com o dia a dia. Não por acaso o número de usuários de PrEP que descontinuaram no Brasil (13.588) é tão alto. Este uso, portanto, demanda ajustes constantes e períodos de adaptação. Outro motivo para as relações de trocas entre usuários.

*Administrador I: Não dá para você querer fazer uma mudança na sua rotina, como o horário em que você vai tomar o comprimido, e você esperar três meses para ver o seu médico de novo. Você usa esse espaço que você sabe que tem outras pessoas passando pelos mesmos problemas.*

Neste sentido, temos um grande número de homens, de diferentes classes sociais, empregos, contextos familiares, sexualidades, cor e raça, que se unem em prol de um mesmo fim, apesar das adversidades envolvendo preconceitos e conflitos morais. É sobre colocar em perspectiva o prazer, o sexo, o gozo.

Conversando com outro administrador do *F PrEP*, obtive relatos muito similares. Sobre o grupo, o Administrador 2 – homem, branco, HSH, entre 20 e 30 anos, enfermeiro e pesquisador - afirma:

*Administrador 2: É um grupo muito interessante, muito potente. Seja para o bem, seja para o mal. Quando eu entrei para moderar já tinha bastante gente, já tinha alguns milhares de pessoas no grupo [...] A gente vê muitas pessoas destilando preconceito, juízo de valor, mas, ao mesmo tempo, a gente vê muitas pessoas se apoiando e conversando bastante sobre o que é a PrEP, tentando solucionar algumas dúvidas com as pessoas que colocam dúvidas lá, ou falando que não, aqui não é o lugar para essa dúvida. O lugar para essa dúvida é com o seu médico, com seu enfermeiro.*

Houve, nas duas conversas, uma constante exaltação da importância e dos benefícios que o grupo proporciona aos seus usuários. Ambos com perfis muito parecidos, inclusive em termos dos marcadores sociais da diferença, não diferenciaram tanto em suas respostas, no entanto, ao contrário do Administrador 1, o Administrador 2 também comenta, sem tanta discrição, dos aspectos negativos que surgem a partir desse tipo de interação e espaço. Os estigmas que surgem com o HIV, perduram e afetam as construções narrativas sobre PrEP. Os conflitos morais estão ali, presentes, e em muitos momentos exigem dos administradores participação ativa na moderação dos comentários e postagens, vide as regras do grupo comentadas no tópico “Com um grupo de *Facebook*: ‘para conversarmos e aprendermos mais sobre PrEP...’”

A ideia de saúde integral, não apenas focada na vida sexual dos usuários, surge com o Administrador 2 também:

*Administrador 2: Um dos frutos da PrEP é a vinculação da pessoa ao serviço, porque a pessoa não tem que querer. Se ela for fazer PrEP, automaticamente ela tem que ir ao serviço a cada três meses. Então, essa vinculação, para mais ou para menos, ela vai acontecer de alguma maneira. Essa pessoa, que talvez não ia, que não fazia acompanhamento nenhum de saúde, agora vai nos serviços de saúde pelo menos quatro vezes por ano. A pessoa querendo ou não, ela vai precisar ir ao serviço de saúde. Dependendo do tipo de serviço que ela for e do acolhimento que ela receber ali também, ela vai se vincular mais ou menos. Então de fato, isso acontece mesmo, essa ida constante ao serviço faz entender melhor o que é o SUS, faz entender*

*melhor qual é a dinâmica que acontece ali, faz ouvir mais os trabalhadores dali. Não é só para a questão da PrEP em si, mas da pessoa se vincular mais ao SUS, ao cuidado.*

Ambos os administradores são profissionais de saúde e, como vimos, suas manifestações se voltaram para uma defesa do SUS, dos cuidados com a saúde de forma mais integrada e dos protocolos da PrEP enquanto essa inovação que pode melhorar da qualidade de vida e vinculação de seus usuários aos serviços de saúde. Seus posicionamentos também auxiliam na compreensão de uma outra camada das relações envolvendo cuidado e prazer, que se desenvolvem a partir da PrEP. É sobre olhar para o medicamento e método de prevenção enquanto um facilitador das dinâmicas envolvendo a população HSH em diferentes esferas da vida, seja no âmbito da prática sexual ou da educação sexual. Tais relatos e experiências fortalecem a noção de que existe um processo pedagógico que se inicia nas redes sociais e chega os espaços dos serviços de saúde envolvendo usuários de PrEP.

As tentativas de contactar o terceiro Administrador não foram frutíferas.

### **3.2. Com Prepdifusor: é um trabalho né, porque produz um efeito no mundo...**

Prepdifusor é um jovem, branco, estudante de medicina do último semestre – 1,79 cm de altura, 62 kg, magro, do gênero “anti-sorofóbico”, pronomes “prevenção combinada”, como ele mesmo se descreve em seu perfil do *Grindr* – usuário de PrEP desde 2019 e um de meus principais interlocutores. Diferentemente dos administradores e outros usuários com os quais estabeleci relações de interlocução, seja pela observação participante, seja por meio de entrevista, com o Prepdifusor pode explorar com mais vagar e profundidade diversas questões e nossa própria relação.

Eu conheci Prepdifusor em uma tarde de trabalho de campo em Porto Alegre, após tentar contato, presencialmente e sem sucesso, com o POA PrEP<sup>30</sup>. O atendimento na sede do Poa PrEP já não estava mais acontecendo, pois o recrutamento de voluntários para pesquisa

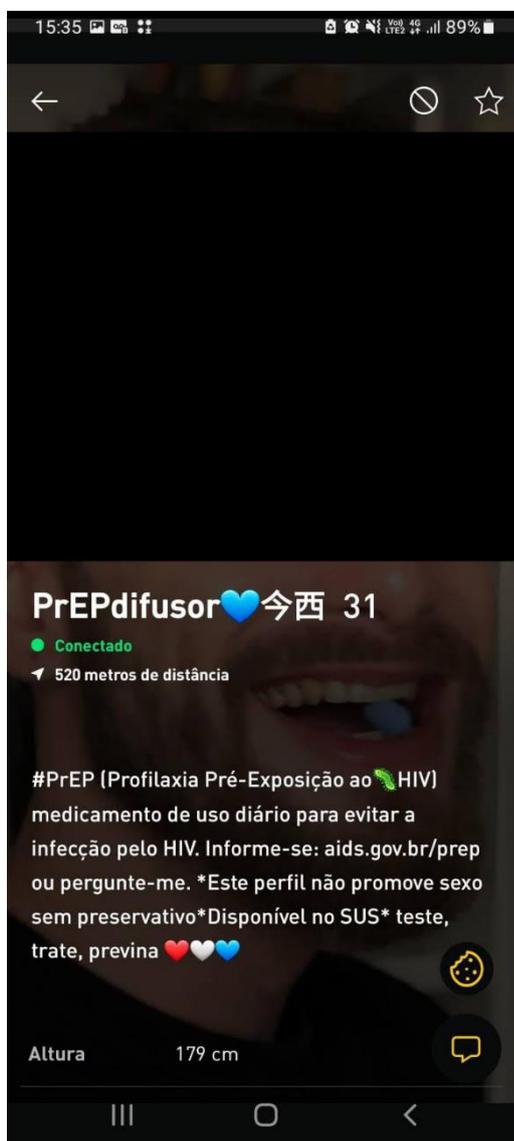
---

<sup>30</sup> O POA PrEP é um estudo gratuito realizado pelo IPARGS (Instituto de Pesquisas em AIDS do Estado do Rio Grande do Sul). Este estudo faz parte do ensaio clínico HPTN 083, que é o primeiro ensaio clínico em larga escala de um medicamento injetáveis de ação prolongada para prevenção do HIV. Nele, segundo materiais divulgados pelo POA PrEP, será examinada uma forma de ação prolongada do medicamento anti-HIV (Cabotegravir -CAB), que injetado uma vez a cada oito semanas pode proteger com segurança os participantes da infecção por HIV, sendo que as medicações injetáveis serão em combinação com um comprimido oral diário e consultas regulares com especialistas para monitoramento da saúde dos participantes. Situado em Porto Alegre/RS, o Poa PrEP atendeu e veiculou seus materiais de divulgação na quinta mais populosa região metropolitana do país.

clínica havia encerrado em 2020 e naquele momento a equipe estava trabalhando exclusivamente com os voluntários selecionados.

Na ocasião, por não ter conseguido contato com o Poa PrEP, fui para um *shopping* que ficava próximo e comecei a explorar os perfis no *Grindr* para “matar o tempo”. Eis que encontro o perfil de Prepdifusor e o que parecia que seria uma tarde frustrante de campo acaba sendo o início de nossa relação.

**Figura 12** - “Perfil”



Fonte: *Grindr*, acervo do autor.

Seu perfil captura minha atenção instantaneamente. Estamos a apenas 520-631 metros de distância e, em sua descrição, Prepdifusor escreveu “#PrEP (Profilaxia Pré-Exposição ao HIV) medicamento de uso diário para evitar a infecção pelo HIV. Informe: AIDS.gov.br/prep ou pergunte-me. ‘Este perfil não promove sexo sem preservativo’ Disponível no SUS\* teste, trate, previna”. Mandei mensagens me apresentado como pesquisador e logo fui respondido. Decidimos tomar um café ali mesmo para conversarmos sobre a minha pesquisa e sobre o trabalho de divulgação da PrEP que Prepdifusor vinha desenvolvendo no aplicativo.

Nossa conversa fluiu com bastante facilidade. Escolhi uma mesa que ficava próxima tanto do balcão de atendimento do café quanto da vista para a rua e em uma posição estratégica, onde nossa conversa passaria despercebida pelas pessoas ao redor, até porque sexo, com certeza, seria um dos tópicos de discussão, haja vista a temática de minha pesquisa e o meio pelo qual nos conhecemos. Prepdifusor me conta que é usuário desde 2019, quando realizava um estágio no SAE em Pelotas e descobriu que a cidade começaria a distribuir a medicação de forma gratuita.

***Prepdifusor:** Então eu soube que ia chegar e, mais ou menos naquela época, me tornei mais consciente da epidemia de HIV e comecei a me relacionar mais com pessoas vivendo com HIV, ou elas se sentiram confortáveis para me contar que viviam com HIV, e eu resolvi iniciar o uso da PrEP [...] Eu estava super empolgado com isso, porque para mim era importante por essa minha dupla posição, de estudante de medicina e no futuro prescrever antirretrovirais tanto para pessoas vivendo com HIV quanto para pessoas não vivendo com HIV. Eu achava interessante experimentar os antirretrovirais para eu poder dizer, inclusive, que eles são toleráveis, eles não fazem mal para o meu corpo.*

Outro aspecto interessante, narrado pelo Prepdifusor, deste seu primeiro contato com a PrEP, diz respeito a reportagem da revista *ÉPOCA*, lançada em março de 2018, com título de “O novo azulzinho”<sup>31</sup>.

***Prepdifusor:** Eu não tenho certeza da primeira vez que eu ouvi falar sobre a PrEP, mas, provavelmente, teve a ver com a reportagem da revista *Época*, que foi uma reportagem muito negativa para PrEP, muito estigmatizante do uso. O título era “a nova pílula azul que está*

---

<sup>31</sup> Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/saude/noticia/2018/03/o-novo-azulzinho.html#:~:text=Conhecido%20por%20PrEP%2C%20sigla%20de,a%20ser%20distribu%C3%ADdo%20pelo%20SUS>. Acesso em: 31 mar. 2023.

*fazendo os gays largarem a segurança da camisinha”, do preservativo, alguma coisa assim. Foi uma matéria que reverberou muito justamente pelo seu lado negativo.*

Segundo a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA), em sua chamada de capa, a reportagem acusava de forma preconceituosa a população gay que, supostamente, estaria abandonando o uso da camisinha devido à chegada de uma nova tecnologia de prevenção do HIV/AIDS ao SUS. O problema seria a forma como a PrEP estaria sendo vivenciada na prática pelo “público-chave”. Quando perguntado sobre o que ele acreditava que seriam os maiores desafios para alguém que pretende se tornar usuário, ele dá ênfase na eficácia e na tolerância ao método de prevenção.

***Prepdifusor:*** *Para mim e para a maior parte das pessoas as principais questões são a eficácia e a tolerância. Então, se funciona tomar a PrEP da maneira como ela é prescrita, é eficaz para prevenir a infecção pelo HIV, e se tomar o produto vai causar os efeitos adversos. Então, de cara, acho que essa era a minha preocupação. Naquela época a gente tinha mais preocupação com efeitos adversos renais, que cada vez mais não se tem essa preocupação, são muito raros, principalmente em pessoas jovens e saudáveis, que não possuem comorbidades. No início então eu acho que eram essas as minhas preocupações, se funcionava e se iria me fazer mal. Sanadas essas dúvidas, acho que o desafio daí era tomar todos os dias, porque não é fácil tomar, fazer alguma coisa todos os dias, tornar rotina tomar um comprimido.*

Sobre a utilização do Grindr para divulgação e incentivo da PrEP, Prepdifusor conta que no mesmo dia de sua primeira consulta, logo depois que ele se tornou usuário da PrEP, ele já estava nos aplicativos de encontro e modificou seu perfil, citando a PrEP e se disponibilizando a conversar sobre HIV. Divulgando os serviços da cidade de Pelotas, onde ele residia, Prepdifusor narra como seu intuito era “espalhar” essa informação porque entendia que ele mesmo só soube sobre a PrEP porque tinha contato com os serviços de saúde desde dentro e que grande parte das pessoas que poderiam se beneficiar dessas informações não tinham esse mesmo acesso.

***Prepdifusor:*** *Quando nas minhas conversas nos aplicativos às vezes as pessoas falavam “nossa parabéns pelo seu trabalho”, e eu não achava que era um trabalho. Era uma coisa que eu fazia né. Mas é um trabalho, né, porque produz um efeito no mundo.*

***Prepdifusor:** Algumas vezes eu recebia mensagens agressivas, do tipo de me chamar ou de chamar os usuários de PrEP de “barebackers”, de “transadores sem camisinha”, no sentido negativo. Isso um pouco nos aplicativos, mas, principalmente, quando eu publiquei coisas no Facebook, que daí vem uma enxurrada de mensagens nesse sentido. Parecido com o que eu falei no começo da reportagem da revista Época, nessa lógica moralista de condenar o sexo, de condenar o sexo pelo prazer, o sexo sem preservativo, relacionando à PrEP. Como se a PrEP fosse promotora disso e não, justamente, uma tecnologia para tentar mitigar efeitos da epidemia de HIV.*

Os depoimentos e relatos anteriores me fizeram pensar como o que dá prazer, a dor, a penetração, o gozar ou não gozar, são parte dessas dinâmicas de significado que assumem diferentes posições, a depender das experiências individuais e coletivas dos sujeitos, o que aprenderam (ou deixaram de aprender) e a forma como lhes foram ensinados tais questões. A proposta de pedagogias dos prazeres que venho tentando desenvolver aqui, neste caso, é uma composição de modos de ser, de tratar, de fazer, de sentir e de pensar o prazer “carnal” e, conseqüentemente, implica em noções de sexo, corpo, desejo, dor, desconforto e cuidado com as relações sexuais. Tal composição não se dará apenas a partir daqueles elementos mais marcantes e institucionalizados - como as peças publicitárias de prevenção ao HIV e adesão a PrEP – mas produzida por instâncias das mais diversas. Neste sentido, as pedagogias dos prazeres são aprendidas e apreendidas tanto na relação entre os sujeitos da pesquisa, quando na relação sujeito-droga, sujeito-infectologista, sujeito-campanhas, etc.

Para Henry Giroux, os processos de aprendizagem

constituem os mecanismos políticos pelos quais as identidades são moldadas e os desejos mobilizados, e como as experiências assumem forma e significado dentro e através das condições coletivas e dessas forças maiores que constituem o domínio do social (GIROUX, 2004, p. 62-63, tradução minha<sup>32</sup>).

O prazer, para além de ser uma “sensação agradável de contentamento ou alegria, normalmente relacionada à satisfação de um desejo, vontade ou necessidade”<sup>33</sup>, pode ser entendido no contexto do uso e das discussões sobre PrEP como algo mais complexo e que constitui uma pedagogia própria. Retomando Barp e Mitjavila:

---

<sup>32</sup> No original: “constitute the political mechanisms through which identities are shaped and desires mobilized, and how experiences take on form and meaning within and through collective conditions and those larger forces that constitute the realm of the social” (GIROUX, 2004, p.62-6).

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.dicio.com.br/prazer>. Acesso em: 15 jun. 2021.

Nesse cruzamento entre os saberes sobre o sexo e a incidência deles sobre os indivíduos, o prazer sexual se torna palco do agenciamento concreto de disciplinas e regulamentações biopolíticas, ou seja, de tipos de poderes específicos que, regulamentam o corpo e o desejo, visando à criação de uma norma histórico-social (BARP; MITJAVILA, 2020, p. 5).

Entendo, portanto, o conceito de pedagogia dos prazeres enquanto uma dimensão de um processo que envolvem desde as ações diretas pela busca de prazer, passando por comportamentos de “risco” que se tornam “aceitáveis” mediante o prazer que será sentido, conhecimentos que são compartilhados e construídos na troca, comportamentos que são “controlados” de forma institucional por meio de políticas públicas e protocolos de saúde, até as consequências de uma vida sexual que, ao seguir as recomendações da saúde, não experimenta prazer. A PrEP e seus usuários entram neste emaranhado de noções, percepções e modos de agir, pois, como afirma Carvalho Júnior,

as questões da PrEP não vieram só permeadas apenas na forma de medo ou perigo. A PrEP aparece nos diálogos pelo viés do prazer e do desejo, e também da liberdade sexual. E é na fronteira que se borra entre prazer e perigo que ela habita, o que faz dela não apenas um dispositivo biomédico, mas também como integrante da chamada “cultura gay” atual. Portanto, a historicidade da PrEP não percorre apenas itinerários temporais da história de terror ao HIV; ela compõe um universo muito mais ligado às liberdades sexuais, em que a comunidade gay não mais quer se privar dos prazeres para a prevenção da doença – assim como ocorreu com a entrada do preservativo no início da epidemia, com questões voltadas a monogamia e a moralidade. (CARVALHO JÚNIOR, 2020, p.117)

Se tomarmos como referência os estudos de Victor Hugo de Souza Barreto, ao pesquisar contextos em que risco, prazer e cuidado entram em tensão, o autor dirá que o que observa nestes casos “é a elaboração de um conhecimento outro, próprio, que usa de vários elementos, sejam eles vindos do saber médico, do cotidiano, e/ou de experimentações próprias” (BARRETO, 2017, p.130). Nesta linha de raciocínio, trago a imagem abaixo, que pertence ao vídeo pornográfico “*Blue Shower*” – da produtora e plataforma pornô EdiyPorn – e que foi disponibilizado para os fins desta pesquisa pelo Prepdifusor por se tratar de uma performance que põe a PrEP enquanto “protagonista” da cena.

**Figura 13** - “*Blue Shower*”



Fonte: *Instagram*, acervo do autor.

Na publicação que fez em seu *Instagram* para divulgação da obra, Prepdifusor utiliza um recorte de cena da produção e oculta/cobre seu pênis com o que lembra uma pílula azul e o número 701, assim como a pílula de Truvada. Os comprimidos azuis, em forma de cápsula, revestidos e gravados com “GILEAD” em um lado e com “701” no outro lado, são a versão mais conhecida de PrEP. Outro elemento que chama a atenção é a utilização de *hashtags* como ferramenta de divulgação. Quando palavras-chave são antecedidas pelo símbolo “#”, elas se tornam hiperlinks que podem ser utilizados em buscas por conteúdos similares. Utilizando as *hashtags* “#hivprep; #hiv; #hivawareness; #prevençãocombinada; #chuvadetrugada; #binav; #truvada; #precisamosfalarsobreisso; #sorofobia; #serofobia; #AIDS; #camisinha; #preservativointerno; #sensualidade; #sexyboy; #preventionissexy; #posporno; #postporn; #shibari”, o Prepdifusor consegue se fazer presente nas buscas de qualquer usuário pelas mesmas palavras ou temáticas no buscador da rede social, o que aumenta o alcance de sua publicação.

No site da EdiyPorn, na aba “sobre”, é possível compreender um pouco melhor a proposta da empresa. Com o título “Ediy Pornô Desviante, Arejando Imaginários Sexuais”, a EdiyPorn se anuncia enquanto

uma plataforma de pornô desviante construída coletivamente por mentes e corpos inquietos. Nossa produção busca reinventar e arejar imaginários sexuais: as representações do pornô tradicional não nos satisfazem, tampouco

nos representam. Trabalhamos a partir dos nossos desejos mutantes, investigando nossos corpos e tesões. Queremos mais, queremos outra lógica de criação e consumo de putaria. E queremos compartilhar esse jorro com vocês.<sup>34</sup>

O vídeo em questão, protagonizado pelo PrEPdifusor – ou Gu Bonavita, como ele se apresenta no site – tem por texto de divulgação o seguinte enunciado:

Depois do sucesso nas redes sociais da chuva dourada<sup>35</sup>, agora é vez da chuva azul, da prevenção. Tudo isso na banheira do Gugu. Um famoso ponto de encontro, festinhas e filmes pornô do centro de São Paulo. Gugu é usuário do comprimido preventivo ao HIV, se joga na banheira, onde é imobilizado, e está pronto pro que der e vier.<sup>36</sup>

Bonavita conta que, em 2020, conheceu algumas pessoas que estavam criando uma produtora pornô, que tinha como premissa a criação de produções em que os *performers* decidissem o que queriam fazer e tivessem prazer no que estivessem fazendo. Para ele, o vídeo era sobre sua “vontade de mostrar, de associar a PrEP ao sexo, a pornografia, tentar sensualizar as tecnologias de prevenção”. Assim, o pornô apresenta o PrEPdifusor tendo seu corpo completamente amarrado, utilizando uma prática chamada *bondage*<sup>37</sup> que é bastante comum aos praticantes de *BDSM*<sup>38</sup>. Prepdifusor explica:

***Prepdifusor:** A camisinha, às vezes, ela no meio do sexo parece alguma coisa que tira o tesão, que é broxante, ela não é um símbolo de excitação. E, para mim, é importante que a PrEP seja, para que as pessoas conseguissem utilizá-la nesse contexto. Foi uma criação coletiva e eu tinha essa ideia de mostrar, porque na minha divulgação de PrEP no aplicativo passa muito por mostrar o comprimido, que é um comprimido azul, que se destaca, que as pessoas às vezes acham que é viagra e essa performance era baseada nessa ideia de que fosse uma chuva de truvada. Truvada é o nome comercial do primeiro medicamento que foi testado como PrEP. E,*

---

<sup>34</sup> Disponível em: <https://www.ediyporn.com/sobre/>. Acesso em: 14 set. 2022.

<sup>35</sup> Em nossas conversas Bonavita explica que as pessoas que compõem a equipe da EdiyPorn “são os mesmos criadores do “Golden Shower”, a performance que aconteceu no carnaval de 2019, que foi retuitada pelo então presidente Jair Bolsonaro e que ganhou muita repercussão por causa disso. Fora a perseguição que eles sofreram, um dos efeitos dessa ação foi a “catalização” e criação dessa produtora”.

<sup>36</sup> Disponível em: [https://www.ediyporn.com/teaser/blueshower\\_teaser/](https://www.ediyporn.com/teaser/blueshower_teaser/). Acesso em: 14 set. 2022.

<sup>37</sup> Segundo o “Dicionário Sexual” do site [kinkly.com](https://www.kinkly.com), *Bondage* “é uma forma de jogo erótico em que uma pessoa restringe outra por prazer sexual [...]pode envolver qualquer coisa, de algemas, vendas e restrições básicas à cordas, mordanças, móveis sexuais e até gaiolas” (Tradução minha). Disponível em: <https://www.kinkly.com/definition/403/bondage>. Acesso em: 14 set. 2022.

<sup>38</sup> Segundo o “Dicionário Sexual” do site [kinkly.com](https://www.kinkly.com), *BDSM* “significa *Bondage, Discipline, Sadism e Masochism* [...] Pense no *BDSM* como um termo guarda-chuva que abrange todos os tipos de atividades e interesses - de *leather people* à *fetish enthusiasts*, bem como aqueles que gostam de *spanking* de vez em quando” (tradução minha). Disponível em: <https://www.kinkly.com/beatng-the-lies-the-10-biggest-bdsm-myths-debunked/2/17196#what-is-bdsm>. Acesso em: 14 set. 2022.

*blue shower também tem uma relação com a performance do golden shower que tinha sido realizada antes. Enfim, nessa performance também aparece um preservativo interno que é utilizado no ânus, que não é um modo muito ortodoxo, que ele tende a ser chamado de preservativo vaginal ou feminino, mas ele é o preservativo interno. Enfim, tentei trazer para o contexto do sexo as tecnologias de prevenção.*

Ao olhar para o vídeo pornográfico, como Bonavita nos propõe, enquanto uma performance artística, é preciso primeiro entender o que significa ou como é possível pensar essa relação entre arte e prevenção. Para Katia Canton,

podemos dizer que ela [a arte] provoca, instiga e estimula nossos sentidos, descondicinando-os, isto é, retirando-os de uma ordem preestabelecida e sugerindo ampliadas possibilidades de viver e organizar o mundo [...] A arte ensina justamente a desprender os princípios das obviedades que são atribuídas aos objetos, às coisas. Ela parece estimular o funcionamento dos processos da vida, desafiando-os, criando novas possibilidades (CANTON, 2009, p. 12-13)

Neste livro, intitulado “Corpo, identidade e erotismo”, a autora ainda explica que “quando falamos em erotismo, imaginamos uma relação sensual entre corpos, uma entrega amorosa, uma tensão sexual, uma paixão” (CANTON, 2009, p.43). Já para Bataille, “o erotismo é na consciência do homem aquilo que põe nele o ser em questão” (1987, p. 20). Segundo esta lógica, o vídeo pode ser entendido como uma expressão deste protagonismo. De uma consciência sobre sexo e prevenção que, a partir da PrEP, é transcrita para uma linguagem pornográfica. Afinal, a performance erótica do *Prepdifusor* foi toda pensada e planejada por ele mesmo e, aos olhos de Bataille, o erotismo é um desequilíbrio em que o próprio ser se posiciona, conscientemente, em questão. Para o autor, “o ser se perde objetivamente, mas nesse momento o indivíduo identifica-se com o objeto que se perde” (BATAILLE, 1987, p.21). Assim, partir destas noções, temos como trilhar o caminho que o próprio corpo disponibiliza.

Em Mari Luz Esteban, temos o corpo como “um nó de estrutura e ação, o lugar da experiência, o desejo, a reflexão, a resistência, a contestação e a mudança social, em diferentes encruzilhadas econômicas, políticas, sexuais, estéticas e intelectuais” (ESTEBAN, 2004, p. 54, tradução minha<sup>39</sup>). Segundo a autora, para que possamos entender e relacionar os processos de produção, reprodução e transformação de representações e práticas sociais é necessário que sejam considerados todos os níveis e dimensões da experiência humana ao mesmo tempo. Pois,

---

<sup>39</sup> No original: “un nudo de estructura y acción, el lugar de la vivencia, el deseo, la reflexión, la resistencia, la contestación y el cambio social, en diferentes encrucijadas económicas, políticas, sexuales, estéticas e intelectuales” (ESTEBAN, 2004, p.54).

é justamente no fazer desse empenho reflexivo que tomamos e perceberemos o corpo enquanto um espaço privilegiado de estudos. Um “autêntico nó de estrutura e ação social” (ESTEBAN, 2008, p. 140, tradução minha<sup>40</sup>).

Neste sentido, é possível compreender como a performance utiliza o corpo e, ao brincar com a sensualidade e o desejo, estabelece uma conexão direta entre PrEP, sexo e controle. Estar no controle da prevenção pode significar um outro jogo ou um outro modo de lidar com os sujeitos e a epidemia HIV. Abandona-se, mesmo que por um instante, o poder institucionalizado dos saberes de educação sexual que vem insistindo em dizer qual o melhor jeito de fazer sexo, como os sujeitos devem cuidar do corpo e se prevenir, e a agência que os sujeitos sempre tiveram sobre tais questões começa a fazer parte do discurso. O conceito de agência, no entanto, é complexo e exige um melhor desenvolvimento para tal análise. Saba Mahmoud (2016), por meio de uma análise das práticas de um movimento pietista feminino, integrado no revivalismo islâmico no Egito, sugere que devemos pensar a agência “não como um sinônimo de resistência em relação de dominação, mas sim como uma capacidade para a ação criada e propiciada por relação concretas de subordinação historicamente configuradas” (MAHMOUD, 2006, p.123). Neste sentido, a agência “é entendida como a capacidade de cada pessoa para realizar os seus interesses individuais, em oposição ao peso do costume, tradição, vontade transcendental ou outros obstáculos individuais e coletivos” (MAHMOUD, 2006, p.127).

No contexto do HIV e da AIDS, a noção de agência, como formulada por Mahmoud, pode ser entendida como algo que sempre esteve presente. Pessoas que vivem com HIV e AIDS têm subvertido as recomendações dos principais órgãos de saúde desde o início da epidemia à iminência de um tratamento estigmatizante, que tomava dos seus a dignidade do corpo. A PrEP, como um novo método de prevenção ao HIV, portanto, tem a ver com corpo à medida que interfere no mesmo, o “protege”, condiciona as relações sexuais em que esse corpo estará presente, possibilita práticas sexuais “desprotegidas”, e afasta e aproxima potenciais parceiros e parceiras sexuais. O manejo do medicamento pelo Estado, ou seja, como serão as campanhas de incentivo, quais cidades receberão suprimentos para distribuição, quais corpos terão acesso e acompanhamento durante o uso, quais corpos serão representados nas peças publicitárias e a quais corpos as campanhas se destinarão, também constituem a construção narrativa em torno

---

<sup>40</sup> No original: “uténtico nudo de estructura y acción social” (ESTEBAN, 2008, p.140).

destes corpos. Afinal, estamos falando muito mais de corpos do que de sujeitos, quando há uma notória reificação de sujeitos a partir do corpo e, como diria Christine Greiner,

O corpo não é um meio por onde a informação simplesmente passa, pois toda informação que chega entra em negociação com as que já estão. O corpo é o resultado desses cruzamentos, e não um lugar onde as informações são apenas abrigadas (GREINER, 2008, p.131).

No âmbito artístico e analítico em relação a performance do Prepdifusor, Greiner ilumina um caminho ao discorrer sobre a dramaturgia do corpo. Segundo esta autora:

Para pensar na dramaturgia de um corpo, há de se perceber um corpo a partir de suas mudanças de estado, nas contaminações incessantes entre o dentro e o fora (o corpo e o mundo), o real e o imaginado, o que se dá naquele momento e em estados anteriores (sempre imediatamente transformados), assim como durante as predições, o fluxo inestancável de imagens, oscilações e recategorizações (GREINER, 2008, p.81).

Há, portanto, na performance, uma dramaturgia do corpo que surge a partir da PrEP. As pílulas azuis caindo sobre o corpo e em contato com a pele, a água que assume uma coloração azulada pelo contato com o medicamento, o controle sobre o corpo a partir das amarrações, as mãos que fazem os nós, são elementos de uma dramaturgia que surge da experiência com o mundo enquanto usuário de PrEP. São diferentes representações que trazem para o universo do erótico e do sexo discussões que acompanhei em outros espaços com esse mesmo interlocutor.

Produzido na perspectiva do pós-pornô, presente inclusive nas *hashtag*, o Prepdifusor e a EdyPorn fazem desta obra pornográfica um manifesto político em favor da PrEP, utilizando o tesão como principal instrumento de tensionamento dos discursos e ideias sobre a prevenção ao HIV e demais ISTs. No site da produtora encontrei um matéria intitulada “Pós-Pornô Sud-Acá”<sup>41</sup>, de Laura Milano, onde é possível compreender um pouco melhor a proposta:

A pós-pornografia produzida em nosso continente não só tem o poder de dar visibilidade aos desejos de sujeitos sexuais sempre marginalizados pela cultura profundamente machista e patriarcal de nossos países, mas também tem o potencial de ser um discurso de denúncia e crítica contra as várias opressões – classe, raça e gênero – que operam nesses assuntos [...] um pós-pornô latino-americano que possa questionar esse paradoxo estabelecido entre o centro e a periferia na questão da produção simbólica e que possa dar a conhecer suas próprias reivindicações em termos de gênero e sexualidade será uma verdadeira experiência subversiva e emancipatória (MILANO, EdyPorn)

Ao adentrar neste campo, ficou cada vez mais evidente que, enquanto muitos dos materiais e campanhas do Ministério da Saúde sobre PrEP se eximem, inclusive, de trazer para

---

<sup>41</sup> Disponível em: [https://www.edyporn.com/posts\\_diversos/pos-porno-sud-aca/](https://www.edyporn.com/posts_diversos/pos-porno-sud-aca/). Acesso em: 12 fev. 2023.

material os corpos e sujeitos usuários de PrEP, a proposta performática do Prepdifusor trilha um outro caminho, muito mais arriscado em termos de divulgação, mas, talvez, muito mais interessante em termos de adesão.

### **3.2.1. Com campanhas e materiais: a responsabilidade de informar, acolher, apresentar e ofertar a PrEP...**

Para Denise Pimenta, Anita Leandro e Virgínia Schall, “o desenvolvimento e a avaliação de materiais educativos sobre saúde são de fundamental importância para saúde pública” (p.87). Ao explicitar como as abordagens sócio-históricas e as ciências humanas, tanto no campo da antropologia da saúde como no da antropologia visual, têm contribuído para o desenvolvimento e avaliação de materiais educativos na saúde - podendo, inclusive, favorecer um questionamento produtivo e crítico da prática de se representar os ‘Outros’ por meio de imagens - as autoras afirmam que “os materiais audiovisuais são potencializadores de percepções diversas, podendo reforçar estereótipos e formas de dominação ao invés de contribuir com a educação em saúde” (PIMENTA; LEANDRO; SCHALL, 2006, p.107).

Quando perguntado sobre os materiais e estratégias pedagógicas que utiliza nos aplicativos, o Prepdifusor explica:

***Prepdifusor:** Eu sempre usei outros materiais do Ministério da Saúde, então se as pessoas tinham perguntas específicas eu tentava responder. Tipo “o que é a PrEP?” “A PrEP é um medicamento, o uso de um comprimido diário que contém antirretrovirais utilizado por uma pessoa que não vive com HIV para prevenir a infecção por esse vírus”. Daí outra pergunta é “E tem efeitos colaterais?”. “Como qualquer outro medicamento ele pode conter efeitos adversos, mas os mais frequentes são leves e autolimitados, como enjojo, náusea, gases, mas que passam normalmente nos primeiros dias de uso. Um efeito adverso mais grave, mas também muito mais raro é a toxicidade renal que em algumas pessoas pode acontecer, mas é justamente por isso que a gente monitora durante o uso da PrEP e por isso que ela precisa ser prescrita e acompanhada por um profissional de saúde para que qualquer impacto que o medicamento tenha no corpo ele seja rapidamente diagnosticado”.*

***Prepdifusor:** Para falar para o público super geral assim uma metáfora que é muito usada e que eu usei várias vezes, principalmente para falar sobre PrEP e PEP, Profilaxia Pré-*

*Exposição e Profilaxia Pós-Exposição, é a metáfora do anticoncepcional. Então a PrEP é como se fosse a pílula anticoncepcional de uso diário e a PEP é como se fosse a pílula do dia seguinte.*

Durante nossas conversas, o Prepdifusor me encaminhou alguns dos materiais do Ministério da Saúde que ele manda para as pessoas que o procuram. Vejamos um.

**Figura 14** - Folder explicativo: o essencial sobre a PrEP (pág.1)

**O ESSENCIAL SOBRE PrEP HIV**

### 8. FALANDO SOBRE PrEP COM OUTRAS PESSOAS

- Algumas pessoas contam que tomam PrEP para amigos ou parentes (pois podem ajudar a lembrar a tomar os comprimidos).
- Pense para quem você quer contar que está tomando PrEP (deve ser alguém que te apoie e ajude).
- Esta é uma decisão pessoal. Você não tem que se sentir pressionado a contar a ninguém.

### 9. REINICIANDO PrEP

- Se você deixou de tomar PrEP por mais de 7 dias e gostaria de recomeçar, entre em contato com o profissional de saúde para a orientação de como retomar PrEP de forma segura.
- Fazer outro teste de HIV antes de recomeçar a tomar PrEP é muito importante. Se você estiver infectado pelo HIV e começar a tomar PrEP inadvertidamente, o vírus pode se tornar resistente ao medicamento e o tratamento deixa de ser eficaz.

### 10. COMBINANDO PrEP COM OUTRAS ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO

- PrEP não protege contra outras infecções sexualmente transmissíveis (IST), tais como sífilis, gonorréia e clamídia. Por isso, você deve considerar a necessidade de também usar a camisinha e gel lubrificante.
- Procure o serviço de saúde sempre que tiver algum corrimento, dor, verruga ou ferida nos órgãos genitais, ânus ou boca.

#### Dúvidas ou Perguntas

- Procure seu serviço de saúde antes de seu medicamento para PrEP acabar.
- Em caso de emergência, procure o serviço de saúde ou o pronto-socorro mais perto de você.
- Acesse [www.aids.gov.br](http://www.aids.gov.br) se tiver alguma dúvida.

### 1. INFORMAÇÕES SOBRE O MEDICAMENTO

- Cada frasco de PrEP contém 30 comprimidos do medicamento tenofovir + entricitabina (TDF/FTC), para cobrir 30 dias.
- Guarde o frasco em temperatura ambiente e em local seco (não deixe na geladeira ou em carro fechado).
- Este medicamento pode ser tomado com ou sem alimento.
- Este medicamento pode ser tomado quando se ingere álcool ou com o consumo de drogas.
- Este medicamento não altera o efeito de contraceptivos hormonais.
- Não compartilhe seu medicamento de PrEP com outras pessoas, pois pode fazer mal. PrEP não é segura para todos.

### 2. UM COMPRIMIDO POR DIA

- Tome um comprimido por dia.
- Apenas com doses diárias de PrEP se consegue o efeito mais completo de proteção contra o HIV.
- PrEP leva 07 (sete) dias para proteger práticas sexuais anais. Por isso, espere esse tempo para alcançar a proteção ideal nas relações anais.
- No tecido vaginal o medicamento demora mais para alcançar a concentração ideal de proteção. Por isso, se estiver começando a tomar PrEP hoje, espere 20 dias para estar protegida nas relações vaginais.
- Tomar mais de uma pílula ao dia NÃO vai lhe proteger mais do HIV. Na verdade, tomar mais pílulas do que o necessário pode lhe fazer mal.

SUS+ MINISTÉRIO DA SAÚDE BRASIL

Fonte: Ministério da Saúde, acervo do autor. Acesso em: 26 jan. 2022.

**Figura 15** - Folder explicativo: o essencial sobre a PrEP (pág.2)



Fonte: Ministério da Saúde. Acesso em: 26 jan. 2022.

Como é possível notar, o material acima não compõe um esforço para apresentar o método de prevenção, mas traz algumas informações importantes e dicas para que os usuários consigam manter a PrEP e utilizar o medicamento de forma “mais responsável” e “consciente” de suas implicações possíveis<sup>42</sup>. Este é um entre poucos materiais específicos sobre PrEP disponibilizados pelo Ministério da Saúde do Brasil. Não houve, até então, uma campanha forte

<sup>42</sup> Como posto anteriormente, em diálogo com Ferrari (2017), um dos fatores que distingue a PrEP em relação a outros métodos de prevenção é a questão da adesão ao tratamento. Aderir a PrEP, implica seguir indicações e diretrizes como as expostas no material do MS, mas também se expor, como indica o levantamento realizado por Maria Fernanda Marques dos Santos et al. (2022), à associações à promiscuidade, serem considerados HIV-positivos frente à procura pela profilaxia ou a discriminação pela revelação de sua orientação sexual.

e nacional de apresentação, incentivo e adesão à PrEP. O que há, especificamente sobre PrEP e produzido pelo MS, são folders e banners informativos, direcionados quase que exclusivamente aqueles que já estão fazendo uso da PrEP ou que já possuem algum conhecimento prévio.

A PrEP também aparecerá como coadjuvante em alguns materiais que mencionam a prevenção combinada, porém apenas como uma das alternativas, entre outras, que são disponibilizadas pelo SUS. Em campanhas produzidas para o Carnaval ou para o Dia Mundial de Combate à AIDS (1º de dezembro), a PrEP pode aparecer em letras pequenas no canto inferior. Vejamos outro exemplo.

**Figura 16** - Campanha de Prevenção às IST – Carnaval 2023 (1)

#usecamisinha

DISQUE SAÚDE 136

**VOLTOU O CARNAVAL  
E COM CAMISINHA  
A ALEGRIA É GERAL**

Voltou o respeito, a inclusão, a diversidade e o amor.  
E, no amor, proteja-se do HIV, sífilis e outras IST. Use camisinha interna ou externa, distribuídas gratuitamente pelo SUS.  
Procure uma unidade de saúde e informe-se sobre outras formas de prevenção:

- ▶ PEP: Profilaxia Pós-Exposição ao HIV, que deve ser iniciada em até 72h após a exposição de risco
- ▶ PrEP: Profilaxia Pré-Exposição ao HIV para pessoas sexualmente ativas em situação de vulnerabilidade ao HIV
- ▶ Autotestes (para HIV) e testes para HIV, sífilis e outras IST
- ▶ Caso algum teste dê positivo (reagente), o tratamento está disponível no SUS.

Conheça a campanha e divulgue-a!

Saiba mais em [gov.br/aids](http://gov.br/aids)

SUS + MINISTÉRIO DA SAÚDE

GOVERNO FEDERAL

Fonte: Ministério da Saúde. Acesso em: 24 fev. 2023.

Assim como já aconteceu em diversos outros anos, a campanha de prevenção ao HIV e outras ISTs produzida para o Carnaval de 2023 tem como foco principal o incentivo ao uso da camisinha adotando o slogan “Voltou o Carnaval e com camisinha a alegria é geral” e a “#usecamisinha”, sendo o espaço de uma frase reservada para falar sobre a PrEP. Em outro

cartaz, desta mesma campanha, o MS repassa aos profissionais da saúde a responsabilidade de informar, acolher, apresentar e ofertar a PrEP.

**Figura 17** - Campanha de Prevenção às IST – Carnaval 2023 (2)



Fonte: Ministério da Saúde. Acesso em: 24 fev. 2023.

Ao considerar os materiais que são exclusivamente sobre PrEP, outro aspecto que chama a atenção é a ausência de pessoas. As características e marcadores que os sujeitos em PrEP carregam influenciam as tomadas de decisões, tanto individuais quanto as públicas e políticas. Criam barreiras (MARQUES DOS SANTOS *et al.*, 2022). A completa ausência de sujeitos nos materiais, as normativas de que a PrEP não é para todos e a inexistência de campanhas nacionais, parecem contribuir para que outras frentes se formem em defesa e promoção do método de prevenção. Um bom exemplo é o UNAIDS Brasil que, em dezembro de 2021, em celebração do Dia Mundial da AIDS, enviou para 54 secretarias de saúde um material informativo sobre prevenção combinada e PrEP. Nos cartazes e banners a PrEP é protagonista, possui grande destaque ao ser representada em diferentes posições/situações,

inclusive “substituindo” itens comuns e vem acompanhada de pessoas com diversos marcadores sociais.

**Figura 18** - Campanha de Prevenção Combinada e PrEP – UNAIDS Brasil 2021 (1)



Fonte: UNAIDS Brasil. Acesso em: 24 fev. 2023.

**Figura 19** - Campanha de Prevenção Combinada e PrEP – UNAIDS Brasil 2021 (2)



Fonte: UNAIDS Brasil. Acesso em: 24 fev. 2023.

**Figura 20** - Campanha de Prevenção Combinada e PrEP – UNAIDS Brasil 2021 (3)



Fonte: UNAIDS Brasil. Acesso em: 24 fev. 2023.

Vale dizer, porém, que as discussões sobre os marcadores sociais da diferença, como explica Pelúcio (2011), são relativamente recentes.

[...] historicamente, essas abordagens têm seu ponto de referência no “feminismo das diferenças”, nascido nos Estados Unidos ao longo dos anos 1980. Essa vertente teórica surge como uma crítica à miopia do feminismo vigente, voltado, segundo formularam diversas autoras, para as mulheres brancas, anglófonas, heterossexuais, protestantes e de classe média [...] O feminismo da diferença procura salientar que o sujeito é social e culturalmente constituído em tramas discursivas nas quais gênero, raça, religião, nacionalidade, sexualidade e geração não são variáveis independentes, mas se enfeixam de maneira que o eixo de diferenciação constitui o outro ao mesmo tempo em que é constituído pelos demais (PELÚCIO, 2011, p. 79).

Assim, ao refletir a partir das experiências que constituem o que a autora chama de “travestilidades” no Brasil - e como estas estão entrecortadas pela racialização e sexualização de determinadas classes sociais e de certos fenótipos de cor – Pelúcio (2011) dirá que esse prisma de marcadores fornece uma dimensão cultural, social e política às experiências dos sujeitos. Por terem sido colocadas sobre o mesmo “guarda-chuva” de “população-chave” para as políticas de enfrentamento a epidemia de HIV no Brasil, tais experiências são aliadas a compreensão do que venho observando com relação a população HSH. Para autora:

[...] no caso específico da prevenção à aids, a opção pela “diversidade” como um referencial apenas descritivo, e não teórico/epistemológico, apaga “os marcadores efetivamente significativos, úteis para a compreensão das continuidades e descontinuidades nas representações sobre corpo, emoção, pessoa, dor, doença e saúde” (Duarte, 1998, p. 18) [...] O que quero dizer é que o conceito de “diversidade”, tal como vem sendo operacionalizado, nubla as tensões que existem entre os muitos discursos produtores de visões de mundo. E, assim, dificulta uma abordagem que considere as relações de poder implicadas na produção de regimes de verdades (PELÚCIO, 2011, p.81).

No âmbito desta pesquisa, o recorte HSH possibilitou olhar para a PrEP, inclusive, enquanto constituidora de novas dinâmicas identitárias entre seus usuários. Ao adentrar mais afundo na “nuvem” da diversidade, como sugerido pela autora, encontramos sujeitos e grupos que utilizam a PrEP não apenas como estratégia de prevenção ao HIV, mas como indicador de práticas e modos de ser e ver o mundo. Afinal, no mundo do sexo entre homens, não é estranho a utilização de “identidades” para facilitar ou agilizar o processo do sexo (ver STEWART, 1995; PEREDA, 2004; RODRÍGUEZ, 2008; DYER, 2018; POTTS, 2019; DAVIS, 2021; HERNÁNDEZ, 2022). Urso, Elegante, Papai, Discreto, Nerd, Barbie, Couro, Malhadinho, Soropositivo, Rústico, Trans, Garotos e Sóbrio são todas categorias “tribos” que o *Grindr* fornece para a construção do perfil de seus usuários.

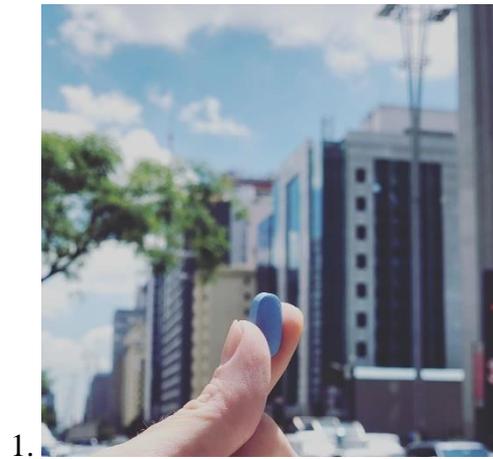
Na contramão das estratégias utilizadas pelo MS para confecção dos materiais de incentivo e divulgação da PrEP, o Prepdifusor faz questão de mostrar seu rosto e o comprimido nas fotografias que posta em seus *Instagram*. Dando destaque à PrEP em diversos contextos e cenários, o Prepdifusor utiliza a rede social para fazer a promoção do medicamento a seu próprio modo e, ainda que não fuja do padrão homem, branco, gay e de classe média quanto aos marcadores sociais da diferença, quebra em alguma medida a impessoalidade institucionalizada presente nos materiais do MS.

Na prancha 2, logo abaixo, aglutinei algumas de suas produções que foram postas no seus *Instagram* e que, entre fotografias do dia a dia e interpretações mais artísticas e performáticas, tinham por objetivo chamar a atenção para o método de prevenção. Pretendo com ela, proporcionar contrastes entre os materiais produzidos por um usuário de PrEP e os materiais produzidos pelo Ministério da Saúde.

Neste exercício de apreender narrativas e compreender seus processos de construção, do qual esta dissertação também faz parte, as postagens do Prepdifusor são aliadas analíticas, pois expõem alguns dos elementos do campo dos discursos com os quais me deparei em imagens. Há a PrEP enquanto pertencente a uma paisagem urbana. Aliada do sexo e do prazer.

Não isolada, mas combinada com a camisinha. Carregada de história, tanto da epidemia de HIV e Aids, quanto da própria homossexualidade masculina. E, como diversos interlocutores afirmaram ao longo de minha pesquisa, associada aos já mencionados homens, brancos e gays, de classe média, que possuem algum contato/acesso aos serviços de saúde.

## Prancha 2



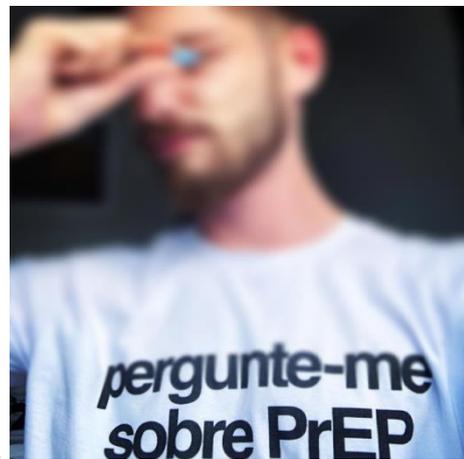
1.



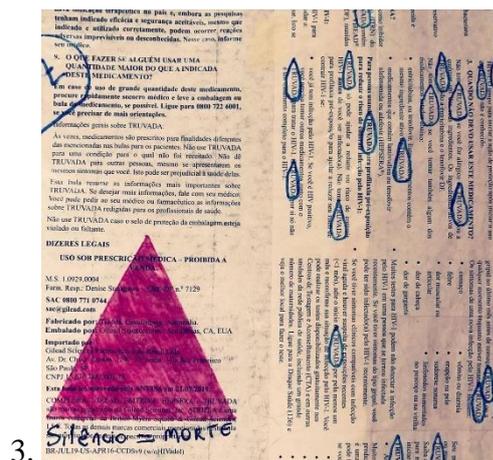
4.



2.



5.



3.



6.

1. "PrEP and the City"

2. "Prevenção Combinada"

3. "Chuva de Truvada"

4. "Pós-pornografia e prevenção"

5. "Pergunte-me sobre PrEP"

6. "Presente de aniversário"

### 3.2.2. Com um grupo de WhatsApp: o diálogo é frenético e constante...

Ainda sobre essa possível produção identitária, no caso da PrEP, ser usuário do medicamento ou “Preper”, como o grupo de *Whatsapp* em que fui colocado pelo Prepdifusor, pode ser entendido como um indicativo de atenção a prevenção do HIV, a propensão ao sexo sem camisinha, a promiscuidade de alguém que se relaciona com múltiplos parceiros etc. Tudo dependerá do olhar de quem olha. Se “*preper*” é como os próprios usuários de PrEP se denominam, o termo utilizado por aqueles que abominam o uso da PrEP seria “*prepeiro*”.

Buscando por mais informações em fóruns na *internet* sobre os modos como os usuários de PrEP se referem a si mesmos e são referidos por outros, encontrei frases do tipo: “*vc [você] é um perigo ambulante pare de transmitir doença poc [?]*”, “*essa prep fará com que ocorra uma mutação de algum vírus pior que o ebola*” e “*o destino dos gays é morrer cedo pq [porque] não gostam de usar camisinha, que coisa hen [hein]*”. Estes são alguns dos comentários feitos em uma publicação intitulada “LISTA: Confira as doenças que os PREPEIROS\* estão transmitindo!!!!”. Ser abertamente um usuário de PrEP, portanto, é estar sujeito a uma série de preconceitos e acusações de cunho moral em relação às suas práticas sexuais e de prevenção, mas também possibilita o desenvolvimento de novas relações e dinâmicas de trocas com outros usuários.

No grupo de *Whatsapp* “*Prepers*”, por exemplo, encontrei 128 pessoas que dialogam diariamente sobre PrEP e que tomaram para si um elemento identificador, formulado a partir dessas noções e predisposições, mesmo que não totalmente de forma intencional. Na descrição do grupo estabelece-se como uma única regra: “Proibido putaria! Naaaaxdm ou sofram as consequências”. O que levou, mais recentemente, uma parcela dos participantes deste grupo a criar um outro grupo para usuários de PrEP com conteúdo sexual explícito na mesma plataforma digital. Com discussões das mais variadas, participar deste grupo me possibilitou acompanhar com maior agilidade algumas das principais discussões envolvendo PrEP durante este tempo de pesquisa de campo. Diferente do grupo de *Facebook*, onde as postagens são mais pontuais e a interação entre usuários ocorre por meio dos comentários, no *Whatsapp* o diálogo é frenético e constante. Para finalizar este capítulo, gostaria de trazer dois exemplos desta interação e troca a partir de um recorte das mensagens encaminhadas em uma discussão sobre PrEP sob demanda e outra sobre PrEP injetável.

---

**Interlocutor A:**

*Alguém faz assim? Transa sem camisinha com uns 5 e tá dando certo?*

*Me avisa pra eu fazer também*

**Interlocutor B:**

*Eu tive dor no estômago por um mês*

*Se acontece com certa recorrência. O que pode acontecer?*

**Interlocutor C:**

*Eu. Já faço tem tempo.*

**Interlocutor A:**

*Bom saber.*

*Vou conversar com a minha médica sobre isso*

*Se o intervalo entre os retornos seria maiores (sic). Ou se preciso pegar menos medicação... obrigado*

**Interlocutor D:**

*Minha médica me disse que seria bom eu fazer as contas. Porque se o PrEP On Demand<sup>43</sup> for recorrente, melhor tomar um por dia mesmo, rs. Cinco episódios no mês já são 20 comprimidos, por isso segui o método tradicional mesmo...*

**Interlocutor A:**

*Eu nunca sei quando vai acontecer*

*Já transei horrores numa semana, tbm [também] já passei 12 meses sem transar e tomava prep todo dia, kkk [risada]*

**Interlocutor D:**

*E ainda tem a imprevisibilidade da vida acontecendo... kkkkk [risada]*

**Interlocutor E:**

*12 meses sem transar? Tava [Estava] virando um monge? Rsrs [risada]. Sem ofensas.*

---

<sup>43</sup> A “PrEP On Demand” ou “PrEP sob demanda” é uma modalidade de uso onde não é preciso seguir o esquema tradicional, tomando um comprimido todos os dias. Nesta modalidade, a proteção é garantida ao tomar dois comprimidos algumas horas antes da relação sexual e seguir tomando um comprimido pelos próximos dois dias.

---

**Interlocutor F:**

*<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2022-03/fiocruz-e-unitaid-vao-implantar-no-brasil-prep-injetavel-contr-hiv?amp>*

*Já não era sem tempo!*

**Interlocutor G:**

*Já terminaram os testes?*

**Interlocutor H:**

*Pow galera vai ser muito melhor.*

*Tô esperando tem tempo.*

*Aqui no grupo tem alguém que faz parte do teste?*

**Interlocutor G:**

*Dura quantos meses?*

**Interlocutor H:**

*3*

*Não tenho certeza.*

**Interlocutor G:**

*Tomara que não seja obrigado e que eles ainda disponibilizem a oral.*

**Interlocutor F:**

*creio que por algum tempo os dois protocolos irão coexistir, oral e injetável. Único porém da injetável eu acho a agulhada intramuscular que é dolorosa à beça.*

**Interlocutor G:**

*Pq eu prefiro a oral por enquanto*

**Interlocutor I:**

*Eu estou pensando em mudar para injeção*

**Interlocutor J:**

*Eu estou considerando tbm*

**Interlocutor K:**

*Eu também prefiro a oral, fiz HTPM083 e passava muito mal, meu rabo e minha perna ficaram inchados por duas semanas e não tinha anti inflamatório que resolvesse. Fiz um ano e decidi migrar. (Fiz ainda durante a pesquisa)*

*Eu ficava mancando durante mais de uma semana, não conseguia dormir do lado em que foi a injeção. Pra mim não dava...*

*\*HTPN*

**Interlocutor I:**

*então já desisti de trocar*

**Interlocutor L:**

*Faço parte do estudo pela Fiocruz e tomamos a cada 2 meses. O teste já foi aprovado pela FDA (órgão internacional) porém ainda estávamos esperando aqui no Brasil...*

*Alguém aí falou de obrigatoriedade em mudar do oral para injetável. Essa não é a intenção! A ideia é dar mais opções para quem quer fazer PreP.*

*A substância utilizada é o Cabotegravir, diferente dos comprimidos que utilizam truvada.*

*Sobre questão de dores, tem gente que sente mais e outros são mais resistentes... Minha primeira injeção foi problemática, mas a partir da segunda eu segui a dica dos médicos de tomar ibuprofeno já no momento da injeção e continuar a tomar durante mais 48h-72h e desde então não tive mais problema*

*Cara... Varia de corpo, pra corpo. Como meu corpo se adaptou eu mega agradeço pq é mto mais prático rs [risada]*

**Interlocutor G:**

*Daí no dia que a pessoa toma a injeção nem pode dar kkkk [risada]*

*Se o cara pega na bunda kkk [risada]*

**Interlocutor L:**

*Eu jogava vôlei no mesmo dia. Agachando o tempo todo e me jogando no chão*

*A médica inclusive surtava comigo pq ela falava pra não fazer, mas eu não consigo ficar sem atividade física. Ou é vôlei ou dança rs [risada]*

**Interlocutor K:**

*Eu ficava duas semanas com o rabo acabado... nem conseguia subir escadas. Mas era eu rs [risada]*

**Interlocutor M:**

*Kjkkkk [risada]*

---

Nas trocas de mensagens é possível observar como as experiências individuais de cada usuário são somadas aos saberes médicos e influenciam nas tomadas de decisões. Há, ali, um jogo pedagógico em curso, no qual diferentes usuários, a partir da troca de relatos e conselhos, ensinam e aprendem sobre PrEP constantemente e com muita velocidade. A forma como narram suas próprias experiências, vontades, medos e desejos ajudam a compor um imaginário sobre o método de prevenção à medida que essas narrativas são absorvidas e utilizadas como referência por outros usuários.

Esse aspecto pedagógico da interação entre usuários de PrEP - e de outros métodos de prevenção ao HIV e demais ISTs - tem sido incluído em um debate maior sobre a maneira como as políticas de saúde sexual lidam com os desafios epistêmicos e epidemiológicos que surgem nestes contextos. Para algumas organizações, “a ideia da pedagogia vai muito além da simples capacidade de ler informações médicas e de compreender a orientação dos profissionais de saúde” (ABIA, 2015, p.13). Uma pedagogia da prevenção, como propõe ABIA,

Inclui a capacidade de processar e avaliar informações de saúde para tomar decisões baseadas no que é melhor para cada pessoa, de negociar e exigir o direito a essas opções e de discutir essas decisões com os parceiros e pares. A capacitação para a prevenção não significa apenas o processamento das informações, mas um processo de ‘conscientização’ e de empoderamento que permite às pessoas colocarem os conhecimentos em prática (ABIA, 2015, p.13)

A PrEP e, conseqüentemente, ser um usuário de PrEP não parece ser algo que se faça ou aconteça de maneira isolada ou individualmente. Os grupos, tanto no *Whatsapp* quanto no *Facebook*, são tomados como espaços de legitimação das experiências e conhecimentos desses usuários e profissionais de saúde. Afinal, não há uma separação óbvia dessas categorias. O que vem [informação/conhecimento/saber] dos serviços de saúde, de profissionais da área ou da vivência particular de cada usuário não é hierarquizado ou possui distinção de valor. Entre as trocas de mensagens, comentário e postagens, o que é dito, relatado, explicado ou orientado ali é tomado como essencialmente legítimo independente de origem/formação de quem fala. O coro de vozes e experiências é tão válido quanto o discurso de um profissional/influenciador da saúde. Neste sentido, um olhar a partir da perspectiva da pedagogia da prevenção, fornece subsídios para compreensão de uma parte das interações que observei em campo, sendo uma entre tantas pedagogias que se sobrepõem neste campo.

Os conflitos – dos mais evidentes aos mais sutis - e as narrativas – suas construções e usos – são categorias analíticas e elementos com os quais tentei esboçar alguma compreensão

deste vasto e complexo universo de pesquisa. A PrEP, que tomei como cerne de minha pesquisa, juntamente com a população HSH, habitam diferentes esferas de discursividade que, por sua vez, possuem um potencial pedagógico quando centradas nas relações entre usuários. Desde modo, minha proposição de “pedagogia dos prazeres” se encontra nos processos. Nos modos de estar e formas de compreender a PrEP que pude apreender em campo e que fomentam percepções e noções de corpo, sexo, cuidado e prevenção a partir das trocas.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaria de, primeiramente, retomar as duas perguntas que elaborei, ainda para o projeto de pesquisa desta dissertação, e que me serviram de norte desde os primeiros passos que trilhei nesta temática: “Como as construções de sentido em torno da PrEP afetam sujeitos, práticas sexuais e noções de prazer?” e “Como são agenciados processos de ensino e de aprendizagem sobre o sexo, o corpo, prevenção e cuidado desses sujeitos?”. Tentei responder a essas perguntas muitas vezes, quase sempre sem completa satisfação. Por meio de observação participante em grupos de usuários, entrevistas com interlocutores, identificando campanhas de incentivo e divulgação da PrEP e, até mesmo, me tornando um usuário deste método de prevenção ao HIV, tentei apreender o maior número possível de elementos deste universo que eu pudesse.

Se, de início, imaginava meu campo de pesquisa como um “quebra-cabeças”, que estava montando ainda sem ter todas as peças, hoje percebo que as peças nunca se encaixaram em uma única superfície plana. Há várias camadas neste jogo. Há peças, como a homossexualidade masculina e a população HSH, que possuem praticamente o mesmo formato, mas que não são a mesma. Como tentei explicitar no início desta dissertação, elas até podem parecer “encaixar” nos mesmos espaços, mas talvez estejam em camadas diferentes. Neste jogo complexo, nunca foi minha pretensão finalizar o “quebra-cabeças” todo, mas montar uma parte dele para que outros possam continuar a partir do que fiz.

A PrEP, como mostrei, é um tema de pesquisa ainda pouco explorado no campo da Antropologia, mas que tem um potencial singular, pois opera e articula múltiplas instâncias no campo da saúde, dos estudos sobre masculinidade e homossexualidade, das práticas sexuais e de prevenção. A primeira pergunta que elaborei tinha como propósito, justamente, integrar essas múltiplas camadas das experiências dos sujeitos da pesquisa e compreender como o surgimento da PrEP podia afetá-las. O que foi possível apontar com as publicações, comentários, regras de grupo, depoimentos, materiais audiovisuais, enfim, os caminhos virtuais da PrEP, é o quanto o prazer, assim como os saberes científicos, compõem este jogo. As narrativas que apreendi não se restringiram em tomar a PrEP apenas enquanto um método de prevenção ao HIV.

Compreendi ao longo deste trabalho que as narrativas, que são construídas a partir e em torno da PrEP, não surgiram do nada. Elas foram construídas e cultivadas mesmo antes da PrEP ser uma possibilidade remota. São construções discursivas que surgem a partir do que

entendemos - enquanto indivíduos e sociedade - por HIV, Aids, homossexualidade, promiscuidade, cuidado, doença, saúde e sexo. É no entendimento de que a PrEP surge em um contexto específico, diferente daqueles que a antecederam em relação ao trato do HIV e da “população-chave”, que este trabalho é possível e interessa às diversas Antropologias com as quais dialoguei. Ainda é preciso realizar esforços de pesquisa nesta temática. Afinal, para dar conta das discussões que propus e que me foram propostas pelo próprio campo, recorri a Antropologia da Saúde, de Gênero, das Ciências, das Performances, entre outras tantas que nem consigo nomear.

Dialogando com as Ciências Humanas e Sociais, a Saúde e a Educação. Almejei aqui um estudo atento à multiplicidade de processos sociais que operam simultaneamente no âmbito dos serviços de saúde e das redes de usuários de PrEP. Igualmente, trabalhei com os elementos – textos, subtextos, linguagem, formato, imagens, cores etc. – que compõem os materiais de incentivo e divulgação da PrEP, que dão o “tom” para a comunicação em saúde sobre a PrEP e, conseqüentemente, contribuem para construção de um imaginário sobre o método de prevenção.

Esta pesquisa teve como objetivo comparar modos de estar e formas de compreender o método de prevenção ao HIV, a partir de um trabalho de campo etnográfico com usuários de PrEP em rede sociais – *Facebook*, *Whatsapp*, *Instagram* e *Grindr* – e das campanhas institucionais e dos materiais audiovisuais de divulgação e incentivo ao método de prevenção. Deste modo, no primeiro capítulo busquei situar meu trabalho junto a outros dois antropólogos que se aventuraram a estudar a PrEP. Para isso, retomei conceitos, dados estatísticos, literatura e contextos pertinentes ao exercício de compreender este universo de pesquisa.

As formas de compreender o método de prevenção ao HIV começam por esta trilha. Do que veio antes, do que já foi pesquisado e escrito sobre a epidemia de HIV para chegar até os usuários desta recém descoberta forma de prevenção. Dos usuários às campanhas de incentivo e divulgação, identifiquei nuances de um afetar. Os modos de lidar com a sexualidade, com a busca por prazer, com cuidados e busca por saúde, se mostraram em metamorfose. Ao olhar para outras pesquisas antropológicas sobre PrEP pude fundamentar minhas abordagens e interações com as peças que se apresentavam em campo e, assim, escrever o meu segundo capítulo.

O segundo capítulo desta dissertação acabou por ter muito mais a dizer que o primeiro. Não que tenha conseguido esgotar as discussões, reflexões e referências que cabiam ao primeiro capítulo, mas sim, pelo caráter expansivo de minha jornada enquanto antropólogo neste universo de pesquisa. Minha pesquisa começa, e tem seu meio, pelo SAE do município de Canoas/RS e se expande às redes sociais com a pandemia de COVID-19. Mesmo universo, diferente constelação. Pesquisar por meio das redes sociais me propôs novos desafios, diferentes questões metodológicas, abriu um novo leque de possibilidades em termos de alcance. Porém, se a distância física e geográfica não era mais um problema, a dificuldade de construir relações íntimas com interlocutores por esses meios foi inconciliável.

Os grupos de usuários de PrEP, no *Facebook* e no *WhatsApp*, me possibilitaram observar em tempo integral as trocas, interações e discussões sobre PrEP; as campanhas de incentivo e divulgação, também foram peças-chaves para perceber e compreender construções narrativas que ali se faziam e colocaram ao meu alcance diferentes modos de uso da PrEP.

Assim, a partir da comparação dos modos de estar e formas de compreender, foi possível visualizar como os usuários de PrEP utilizam diversos meios de interação entre si. Como a PrEP praticamente demanda esse tipo de relação devido a sua complexidade. Enquanto método de prevenção ao HIV, a PrEP não é de simples obtenção ou aderência. Não é possível pegar seu pote de comprimidos azuis na farmácia da esquina de casa. Entretanto, como foi possível demonstrar com o Prepdifusor, há pessoas engajadas neste método. Há uma mudança significativa e um afetar das relações sexuais em jogo com o surgimento da PrEP. Há uma pedagogia em ação.

Dessa forma, acredito que esta pesquisa evidencia o que chamo de pedagogia do prazer, a medida que ao tomar como objeto de estudo o universo da PrEP e dos HSH, encontro não só diferentes modos de estar e formas de compreender o método de prevenção, mas uma educação sexual vivida no cotidiano desse uso. Um processo educativo que transforma o jeito como os sujeitos interagem como sistema de saúde, com as redes sociais e entre si.

Uma pedagogia pautada na maneira como se experimenta o prazer e que aqui acessei por meio dos modos de estar e formas de compreender a PrEP.

## 5. REFÊRENCIAS

ABIA. PEDAGOGIA DA PREVENÇÃO: Reinventando a prevenção do HIV no século XXI. Observatório Global / Observatório Nacional de Políticas de AIDS, Perspectiva Política, nº 1, 2015.

ANDRADE, P. D.; COSTA, M. V. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. **EDUR - Educação em Revista**, Belo Horizonte v. 33, p. 01-33, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/FTppyqQTJpM7YVWxWvmTj8S/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 dez. 2021.

AYRES, J. R. C. M. et al. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2003, p. 121-144.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. tradução de Antonio Carlos Viana. — Porto Alegre : L&PM, 1987. Disponível em: <https://salsichaotainha.files.wordpress.com/2011/05/georges-bataille-o-erotismo.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2023.

BARP, L.F. G.; MITJAVILA, M. R. O reaparecimento da homossexualidade masculina nas estratégias de prevenção da infecção por HIV: reflexões sobre a implementação da PrEP no Brasil **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30(3), e300319, 2020

BARRETO, V. H. S. R. Risco, prazer e cuidado: técnicas de si nos limites da sexualidade. **Avá. Revista de Antropología**, Misiones, n.31, p. 119-142, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1690/169057622006.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2021.

BENJAMIN, W. “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. SP: Editora Brasiliense, 1987. p. 197-221.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico – AIDS**, XII, Semana Epidemiológica 09 a 21, março/maio, 1999.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico HIV/AIDS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Insumos Estratégicos em Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) de Risco à Infecção pelo HIV**. Brasília: Ministério da Saúde, 2022.

BRITO, A. M.; CASTILHO, E. A.; SZWARCOWALD, C. L. AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical** [online], [S. 1.] 2001, v. 34, n. 2, p. 207-217. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsbmt/a/zBSKHBDyfvfz7cLQp7fsSBg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jan. 2022.

BRUNO, F.; LEITÃO, L.; LOBO, A.; BOGHOSSIAN, L. G.; GUIMARÃES, N.; BIANCOVILLI, P. O oráculo de Mountain View: o Google e sua cartografia do ciberespaço. **E-Compós**, [S. 1.], v.6, p. 2-21, 2006. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/91>. Acesso em: 05 dez. 2021.

CALAZANS, Gabriela Junqueira, Pinheiro, Thiago Félix e Ayres, José Ricardo de Carvalho Mesquita. Vulnerabilidade programática e cuidado público: Panorama das políticas de prevenção do HIV e da AIDS voltadas para gays e outros HSH no Brasil. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro) [online]. 2018, n. 29 [Acessado 18 Novembro 2022] , pp. 263-293.

CANTON, K. **Corpo, identidade e erotismo**. Coleção temas da arte contemporânea. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CARVALHO JUNIOR, E. F. **(De)leites (PrEP)arados**: uma etnografia sobre a Profilaxia de Pré-Exposição ao HIV em Anápolis/GO. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

CONNELL, R.; MESSERSCHMIDT, J. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 dez. 2021.

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. M. H.; SOMMER, L. H. Estudos Culturais, Educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, [S. 1], n. .23, p. 36-6, 2003. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/FPTpjZfwdKbY7qWXgBpLNCN/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 05 dez. 2021.

COSTA, Talita Nunes. Etnografia online Explorando caminhos no estudo do autocuidado de homens na pandemia. In: BOLLETTIN, P.; VEGA SANABRIA, G.; TAVARES, F.. **Etnografando na pandemia**. 1. ed. Padova: Cleup, 2020. v. 1. 288 p.

COUTO, M. T.; GOMES, R. Homens, saúde e políticas públicas: a equidade de gênero em questão. **Ciencia & Saude Coletiva**, [S. l.], v. 17, p. 2569-2578, 2012.

DAUSTER, T. Um saber de fronteira entre Antropologia e a Educação. In: DAUSTER, T. (Org.). **Antropologia e Educação**. Rio de Janeiro: Forma e Ação, 2007. p. 13-35.

DAVIS, Chloe O. 2021. **The queens' English: The LGBTQIA+ dictionary of lingo and colloquial expressions**. New York: Random House.

DE LAURETIS, T. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, H. B. de. **Tendências e impasse**. O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: ROCCO, 1994. p.1-36.

DYER, Harriet. 2018. **From Ace to Ze: The Little Book of LGBT Terms**. London: Summersdale.

ESTEBAN, M. L. **Antropología del cuerpo**. Género, itinerarios corporales, identidad y cambio. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2004.

ESTEBAN, M. L. Etnografía, itinerarios corporales y cambio social: apuntes teóricos y metodológicos. In: MARTÍNEZ, Miren Elixabete Imaz (Org.). **La materialidad de la identidad**. Santiago do Chile: Ariadna Ediciones, 2008. p.135-158. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2652045>. Acesso em: 05 dez. 2021.

EUZÉBIO, F. A.; SOUZA, N. A. O. ; RODRIGUES, V. B. ; ALFONSO, L. P. . Kit-gay: uma oficina, papéis coloridos e muita “ideologia de gênero”. **REVISTA PERIÓDICUS**, v. 2, p. 117-140, 2022.

FERRARI, F. C. Biomedicalização da resposta ao HIV/AIDS e o caso da emergência da PrEP: um ensaio acerca de temporalidades entrecruzadas. **Equatorial - Revista Do Programa De**

**Pós-Graduação Em Antropologia Social**, [S. l.], v. 4, p. 131-160, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/14969>. Acesso em: 05 dez. 2021.

FERRARI, F. C. **Perseguindo uma inovadora promessa em tempos de retrocessos: o debate público sobre HIV/AIDS em Porto Alegre e a emergência da Profilaxia Pré-Exposição (PREP)**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

FONSECA, C. “Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação”. **Revista Brasileira de Educação**, [S. l.], n. 10, p. 58-78, 1999. Disponível em: [https://poars1982.files.wordpress.com/2008/03/rbde10\\_06\\_claudia\\_fonseca.pdf](https://poars1982.files.wordpress.com/2008/03/rbde10_06_claudia_fonseca.pdf). Acesso em: 05 dez. 2021.

FONSECA, C. Que ética? Que ciência? Que sociedade? In: FLEISCHER, S.; SCHUCH, P. (Org.). **Ética e regulamentação na pesquisa antropológica**. Brasília/UnB: Letras Livres, 2010. p. 39-70.

FOUCAULT, M. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão... um caso de parricídio do século XIX**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FURLANI, J. Mulheres só fazem amor com homens? A educação sexual e os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. **PRÓ-POSIÇÕES**, Campinas, v. 19, p. 111-131, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/P9NMmbhYXBVsGVBt6yjtBQH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 dez. 2021.

FLEISCHER, Soraya; SCHUCH, Patrice. Antropologia, ética e regulamentação. In: FLEISCHER, S., SCHUCH, P.; (Org.). **Ética e regulamentação na pesquisa antropológica**. Brasília/UnB: Letras Livres, 2010. p. 9-21.

GIROUX, H. Cultural studies, public pedagogy and the responsibility of intellectuals. **Communication and Critical/Cultural Studies**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 59-79, 2004.

GOLDMAN, M. Alteridade e experiência: Antropologia e teoria etnográfica. **Etnográfica**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 161-173, 2006. Disponível em: <https://scielo.pt/pdf/etn/v10n1/v10n1a08.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2021.

GOMES, F. S. **Fatores associados à não-aceitabilidade da PrEP entre travestis e mulheres transexuais na região nordeste do Brasil**. 2017. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

GREINER, C. **O Corpo: pistas para estudos indisciplinados**. 3ª edição, São Paulo: Annablume, 2008.

HERNÁNDEZ, Juan Jacobo. 2022. **Locabulario: lenguaje y opresión**. Ciudad de México: Intendencia de las Letras/Colectivo Sol, A.C.

HOAGLAND, B. R. S. **Conhecimento, interesse, decisão sobre o uso e adesão precoce a Profilaxia Pré-exposição (PrEP) entre homens que fazem sexo com homens (HSH) e mulheres transexuais (TRANS) participantes no estudo PrEP Brasil**. 2016. Tese (Doutorado em Pesquisa Clínica em Doenças Infecciosas) - Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2016.

JOAQUIM, J. M.F. **“Eu vi elas dando o peito e eu não podia dar!”: representações e práticas de mulheres vivendo com HIV/AIDS sobre o aleitamento materno**. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

LEAL, A. F.; KNAUTH, D. R. A relação sexual como uma técnica corporal: representações masculinas dos relacionamentos afetivo-sexuais. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n.7, p. 1375-1384, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/ycX7R35tcGwTRh4D9jkqL9d/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 dez. 2021.

LEAL, A. F. **No peito e na raça - A construção da vulnerabilidade de caminhoneiros: um estudo antropológico de políticas públicas para HIV/AIDS no Sul do Brasil**. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

LONGHINI, G. D. N.; SILVA, K. Banheiros como tecnologia de gênero: (des)construções materiais e simbólicas. In: GROSSI, M. P.; FERNANDES, F. B. M. (Org). **A força da “situação” de campo: ensaios sobre antropologia e teoria queer**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2018. p.279-302.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 7-34.

MAHMOUD, S. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. **Etnográfica**, Lisboa, v.10, n.1, 2006, p.121-158). Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3723/372339147007.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2021.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação Sexual: princípios para ação. **Doxa - Revista Paulista de Psicologia e Educação**, [S. l.], v. 15, p. 41-51, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/124985>. Acesso em: 05 dez. 2021.

MALUF, S. W. Antropologia, narrativas e a busca de sentido. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 5, n. 12, p. 69-82, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/jPnfWxZHCfXpVC6MvSDN4Fw/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05 dez. 2021.

MARINS, L. M. S. **Adesão à Profilaxia Pré-Exposição em homens que fazem sexo com homens (HSH) e mulheres transexuais em risco de contrair HIV**. 2019. Tese (Doutorado em Pesquisa Clínica em Doenças Infecciosas) - Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019.

MARQUES DOS SANTOS MF, Souza Guimarães G, de Souza Mantovani M, Pereira Alvarenga V, Camargos Lima AL, Soares Orçay AA. **A estigmatização da profilaxia pré-exposição (Prep) como Barreira à adesão da prevenção combinada no Brasil**. BMS [Internet]. 27º de março de 2022. Disponível em: <https://bms.ifmsabrazil.org/index.php/bms/article/view/294>

ORTEGA, F. Biopolíticas da saúde: reflexões a partir de Michel Foucault, Agnes Heller e Hannah Arendt. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.** [online], [S. l.], v.8, n.14, p.9-20, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/KRqrqqJGqK6vshf4KKrKCbw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 dez. 2021.

OSCAR, R. C. **Pílulas diárias anti-HIV**: a construção de uma narrativa antropológica sobre a profilaxia de Pré-exposição à AIDS (PrEP). 2019. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

PARKER, R. **Corpos, prazeres e paixões**: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Editora Best Seller, 2001.

PEIRANO, M. Etnografia, ou teoria vivida. **Ponto Urbe** [Online], [S. l.], n.2, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1890>. Acesso em: 05 dez. 2021.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/n8ypMvZZ3rJyG3j9QpMyJ9m/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 05 dez. 2021.

PELÚCIO, L. Marcadores Sociais da Diferença nas Experiências Travestis de Enfrentamento à AIDS. **Saúde e Sociedade** [Online], São Paulo, v.20, n.1, p.76-85, 2011, p.76-85. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/7DLHvcVH93dQpHGkMKbykhC/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 05 dez. 2021.

PEREDA, Ferrán. **El cancanero**. Diccionario petardo de argot gay, lesbi y trans. Barcelona: Laertes, 2004

PEREIRA, C. H. G. **Avaliação do uso da Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) ao HIV no estado do Paraná**. 2020. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

PERLONGHER, N. O. O desaparecimento da homossexualidade. In: DANIEL, H. et al. **Saúde, Loucura** 3. São Paulo: Hucitec, 1993, p. 39-45.

PIMENTA, D. N.; LEANDRO, A. M. S.; SCHALL, V. T. Experiências de desenvolvimento e avaliação de materiais educativos sobre saúde: abordagens sócio-históricas e contribuições da antropologia visual. In: MONTEIRO, S; VARGAS, E. (org.). **Educação, comunicação e tecnologia educacional**: interfaces com o campo da saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. p. 87-112.

POLIVANOV, B. B. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas**, [S. l.], n.3, 2014. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/4621>. Acesso em: 05 dez. 2021.

POTTS, Morgan. **The AZ of Gender and Sexuality: From Ace to Ze**. London, UK/Philadelphia, USA: Jessica Kingsley, 2019.

POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In.: POUPART, J. *et al.* (orgs.) **A Pesquisa Qualitativa**. Enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2014.

QUEIROZ, A. A. F. L. N.; QUEIROZ, A. F. L. de. Fórum PrEP: um debate on-line sobre uso da profilaxia pré-exposição no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública** [online], v. 33, n. 11, 2017.

REIS, T.; EGGERT, E. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 38, n. 138, p.9-26, jan.-mar., 2017.

RODRÍGUEZ, F. **Diccionario gay-lésbico: Vocabulario general y argot de la homosexualidad**. Madrid: Gredos, 2008.

SABAT, R. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 09-21, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/hqknn4NtLrGpyGQMB8p7ByB/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 05 dez. 2021.

SAMAIN, E. 'Balinese Character' (re)visitado. Uma introdução à obra visual de Gregory Bateson e Margaret Mead. Samain, Etienne. In: ALVEZ, A.; SAMAIN, E. (orgs.) **Os Argonautas do Mangue precedido de 'Balinese Character' (re) visitado**. Campinas-São Paulo: Editora da Unicamp-Imprensa Oficial, 2004. p. 15-72.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 05 dez. 2021.

SEFFNER, F.; PARKER, R. Desperdício da experiência e precarização da vida: momento político contemporâneo da resposta brasileira à AIDS. **Interface** (Botucatu. Online), v. 20, p.

293-304, 2016. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/icse/a/MTZ5T7N97xXVjcGX5qxWsPh/?format=pdf&lang=pt>.  
Acesso em: 05 dez. 2021.

SEGATA, J. O Ciberespaço, A Etnografia e Algumas Caixas Pretas. **Revista Z Cultural** (UFRJ), [S. 1.], v. 1, p. 5-12, 2015. Disponível em:  
[http://www.animatico.com.br/projetos/zcultural/wp-content/uploads/2015/05/A-Etnografia-o-ciberespa%C3%A7o-e-algumas-caixas-pretas\\_-\\_Revista-Z-Cultural.pdf](http://www.animatico.com.br/projetos/zcultural/wp-content/uploads/2015/05/A-Etnografia-o-ciberespa%C3%A7o-e-algumas-caixas-pretas_-_Revista-Z-Cultural.pdf). Acesso em: 05 dez. 2021.

SILVA, T. T. da. A pedagogia como cultura, a cultura como pedagogia. In: SILVA, T. T. da. (Org.). **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, p.139-142, 2009.

SILVA, D. V. Antropologia no ciberespaço: reflexões sobre método etnográfico em hipermídias. **Revista Cronos**, [S. 1.], v. 19, p. 70-83, 2018. Disponível em:  
<https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/4987>. Acesso em: 05 dez. 2021.

SIMMEL, G. O conflito como sociação. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, [S. 1.], v. 10, n.30, p.568-573. Disponível em:  
<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/SimmelTrad.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2022.

SOARES, F. M. **Bioética e Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) na prevenção da infecção pelo HIV em adolescentes: uma revisão integrativa da literatura**. 2019. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

STEWART, W. **Cassell's queer companion: a dictionary of lesbian and gay life and culture**. London: Weidenfeld & Nicolson, 1995.

TAYLOR, D. Escenas de cognicion: performance y conquista. **Revista Conjunto**, n. 151, 2009. Disponível em:  
<http://www.casadelasamericas.org/publicaciones/revistaconjunto/151/taylor.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2021.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4ª ed. ver., atual. e amp. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

UNAIDS. Guia de Terminologia do UNAIDS. 2017. Disponível em: [https://unaids.org.br/wp-content/uploads/2017/09/WEB\\_2017\\_07\\_12\\_GuiaTerminologia\\_UNAIDS\\_HD.pdf](https://unaids.org.br/wp-content/uploads/2017/09/WEB_2017_07_12_GuiaTerminologia_UNAIDS_HD.pdf). Acesso em: 29 mar. 2023.

UNAIDS. Enfrentando desigualdades – Aprendizados dos 40 anos de AIDS para respostas a pandemias. Relatório Global do UNAIDS, 2021. Disponível em: [https://www.unaids.org/sites/default/files/media\\_asset/2021-global-aids-update\\_en.pdf](https://www.unaids.org/sites/default/files/media_asset/2021-global-aids-update_en.pdf). Acesso em: 30 mar. 2023

VÍCTORA, C. G. Uma ciência replicante: a ausência da reflexão sobre o método, a ética e o discurso. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 20, p. 104-112, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/ZgFznRjRwv4kM77DRPmM7Qk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 dez. 2021.

VILLELA, L. M. **Percepções sobre o uso da profilaxia Pré-Exposição ao HIV (PrEP) e possível compensação de risco entre homens que fazem sexo com homens (HSH) e mulheres transexuais (TRANS) potencialmente elegíveis para o uso de PrEP no protocolo PrEP Brasil**. 2018. Dissertação (Mestrado em Pesquisa Clínica em Doenças Infecciosas) - Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.

VELHO, G. Patrimônio, negociação e conflito. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 237-248. 2006, Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/NtsgyP5DLx9P867hBBhv3xh/?lang=pt>. Acesso em: 05 dez. 2021.

VELHO, G. Observando o familiar. In: **Individualismo e Cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008

## Apêndice A

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidada(o) para participar do estudo “*Pedagogias dos prazeres: apreendendo narrativas e conflitos em torno da Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) ao HIV no Brasil*”, sob a responsabilidade de Felipe Aurélio Euzébio, mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia. O objetivo da pesquisa é descrever narrativas em torno da Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) para compreender como se dão os processos de ensino-aprendizagem de homens que mantêm relações homoafetivas/homoeróticas com outros homens (HSH) em relação às suas práticas sexuais e de prevenção ao HIV e demais Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs).

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá, sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a) na redação da dissertação.

A sua participação será por meio de uma entrevista individual com perguntas abertas. Em atenção às diretrizes sanitárias recomendadas pelas autoridades de saúde, a sua participação na pesquisa será completamente online e por meio de uma plataforma virtual de videoconferência ou chamada de áudio. A entrevista será gravada em áudio e/ou vídeo, e posteriormente transcrita pelo pesquisador. A plataforma e a data dependem da combinação prévia entre participante e pesquisador. O tempo estimado para participação na entrevista é de mais ou menos 1 hora.

Sua participação é voluntária e, ao participar desse estudo, você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira ou compensação material. A recusa em participar não acarretará nenhum prejuízo ou mudança de tratamento por parte do pesquisador, que continuará a garantir o sigilo com relação à sua identidade.

Os interlocutores desta pesquisa estão sujeitos há alguns riscos decorrentes da participação durante os processos de desenvolvimento da pesquisa. Desconfortos relacionados principalmente a determinadas perguntas e questões de cunho sensível que serão feitas pelo pesquisador quando da realização das entrevistas podem suscitar lembranças indesejadas sobre acontecimentos de seu passado, bem como a sensação de invasão de privacidade.

Para minimizar os riscos, e as possibilidades de que esses desconfortos descritos acima ocorram, serão adotadas as seguintes medidas: a pesquisa será feita com base no constante diálogo, respeitando os limites e possibilidades em relação aos procedimentos adotados; esclarecimentos sobre o estudo poderão ser obtidos a qualquer momento e em qualquer aspecto que você desejar; você receberá uma via assinada do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo importante que guarde em seus arquivos uma cópia do documento; você será assegurado (por meio deste documento) quanto a confidencialidade, a privacidade, a proteção da imagem, a não estigmatização e a liberdade para retirar o consentimento, interromper a participação ou recusa a participar em qualquer etapa da pesquisa. O pesquisador responsável por essa pesquisa está, ainda, preparado para auxiliar na identificação do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) mais próximo da residência de qualquer interlocutor.

Já os benefícios estão relacionados a ganhos indiretos relacionados aos subsídios que as informações coletadas no decorrer da pesquisa fornecerão para a construção de conhecimento científico sobre usuários da Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) ao HIV nas áreas de Antropologia e Saúde, bem como para que novas pesquisas possam ser desenvolvidas sobre essa temática.

Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente de sua participação na pesquisa, o(a) senhor(a) deverá buscar ser indenizado, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil.

Caso você tenha alguma dúvida, necessite de qualquer esclarecimento ou deseje retirar-se da pesquisa, por favor, comunique ao pesquisador ou entre em contato a qualquer tempo através do número de celular (51) 99738-1909 ou do e-mail [felipe.aurelio197@hotmail.com](mailto:felipe.aurelio197@hotmail.com).

Você também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (CEP/EE/UFBA). O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) busca defender os interesses dos participantes de pesquisa. O CEP é responsável pela apreciação, avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. O CEP/EE/UFBA fica localizado Rua Prepdifusor Viana- SN, 4º andar da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, Bairro do Canela,

Salvador-Bahia, e pode ser contatado por meio do e-mail [cepee.ufba@ufba.br](mailto:cepee.ufba@ufba.br) ou pelo contato telefônico (071) 32837615.

Se solicitados diretamente aos pesquisadores, os resultados da pesquisa serão entregues quando esta for finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação serão mantidos em absoluto sigilo, apenas acessível ao pesquisador e não será liberado sem a sua permissão expressa. Você também não será identificada(o) individualmente em nenhuma publicação. Os dados e informações coletadas no decorrer da pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de cinco (5) anos e, após esse tempo, poderão ser destruídos. O pesquisador tratará sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Caso concorde em participar, peço que assine este documento que foi elaborado em duas vias. Uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com você.

---

Nome e assinatura do Participante de Pesquisa

---

Nome e assinatura do Pesquisador Responsável

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

## **Apêndice B**

### **PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

#### **DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Pedagogias dos prazeres: apreendendo narrativas e conflitos em torno da Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) ao HIV no Brasil

**Pesquisador:** Felipe Aurélio Euzébio

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 51712021.3.0000.5531

**Instituição Proponente:** Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

**Patrocinador Principal:** Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB

#### **DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 5.108.719

#### **Apresentação do Projeto:**

Trata-se da apreciação de segunda versão de protocolo de de pesquisa que propõe refletir sobre os processos de ensino-aprendizagem de homens que mantêm relações homoafetivas/homoeróticas com outros homens (HSH), em relação às suas práticas sexuais e de prevenção ao HIV e demais Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Esta pesquisa é proposta a partir de um trabalho de campo etnográfico junto ao grupo de *Facebook F PrEP* e da análise de campanhas institucionais sobre Profilaxia Pré-Exposição (PrEP). A pesquisa será desenvolvida em ambiente virtual por meio de plataformas de videoconferência ou chamada de áudio através de e entrevistas individuais com perguntas abertas. As entrevistas serão gravadas em áudio e/ou vídeo, e posteriormente transcrita pelo pesquisador responsável. A metodologia proposta ainda prevê a abordagem e convite dos possíveis interlocutores participantes por meio de redes sociais, como o Facebook, a partir de grupos de interação em torno de interesses comuns que são via plataforma digital. Os critérios de inclusão: homens, não heterossexuais, entre 18 e 50 anos de idade, usuários de PrEP há pelo menos um mês. Este projeto também prevê a exploração de site e redes sociais de instituições públicas de saúde - como o canal no Youtube do Ministério da Saúde e os sites oficiais de Secretárias Municipais e Estaduais de Saúde do Brasil - com o objetivo de identificar campanhas de divulgação e incentivo à PrEP para comparar processos de construções narrativas em torno da PrEP.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

##### **Objetivo Primário:**

Descrever narrativas em torno da Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) para compreender como se dão os processos de ensino-aprendizagem de homens que mantêm relações homoafetivas/homoeróticas com outros homens (HSH) em relação às suas práticas sexuais e de prevenção ao HIV e demais Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs)

##### **Objetivo Secundário:**

Identificar campanhas institucionais de divulgação e incentivo a Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) para comparar processos de construção narrativa em torno da PrEP;

Analisar, a partir do grupo de Facebook *F PrEP*, como as narrativas em torno da PrEP, e a sua utilização, afetam as práticas sexuais e noções de prazer de homens que mantêm relações homoafetivas/homoeróticas com outros homens (HSH);

Refletir sobre como os processos de acessos e usos relacionados a PrEP se somam a constituição de pedagogias dos prazeres. Ou seja, conjuntos de entendimentos sobre corpo, sexo e prazer que são aprendidos/ensinados no cotidiano das práticas sexuais e de prevenção ao HIV/ISTs.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

##### **Riscos:**

Os interlocutores desta pesquisa estão sujeitos há alguns riscos decorrentes da participação durante os processos de desenvolvimento da pesquisa. Desconfortos relacionados principalmente a determinadas perguntas e questões de cunho sensível que serão feitas pelo pesquisador quando da realização das entrevistas podem suscitar lembranças indesejadas sobre acontecimentos de seu passado, bem como a sensação de invasão de privacidade. Para minimizar os riscos, e as possibilidades de que esses desconfortos descritos acima ocorram, serão adotadas as seguintes medidas: a pesquisa será feita com base no constante diálogo, respeitando os limites e possibilidades em relação aos procedimentos adotados; esclarecimentos sobre o estudo poderão ser obtidos a qualquer momento e em qualquer aspecto que o interlocutor desejar; o participante receberá uma via assinada do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo destacado no momento da entrega/envio a importância de que o interlocutor guarde em seus arquivos uma cópia do documento; será assegurada a confidencialidade, a privacidade, a proteção da imagem, a não estigmatização e a liberdade dos participantes da pesquisa para retirar o consentimento, interromper a participação ou recusa a participar em qualquer etapa da pesquisa. O pesquisador responsável por essa pesquisa está, ainda, preparado para auxiliar na identificação do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) mais próximo da residência de qualquer interlocutor.

##### **Benefícios:**

Os benefícios estão relacionados a ganhos indiretos relacionados aos subsídios que as informações coletadas no decorrer da pesquisa fornecerão para a construção de conhecimento científico sobre usuários da Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) ao HIV nas áreas de Antropologia e Saúde, bem como para que novas pesquisas possam ser desenvolvidas sobre a temática

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia como requisito para Qualificação de Mestrado.

A proposta defende a importância em disseminação informações sobre “ideologia de gênero” e ampliar as reflexões e debates acerca de vivências que fogem a cisheteronormatividade. O projeto é motivado pela necessidade de investigar como estão sendo construídas e postas em ação narrativas em torno da Profilaxia Pré-Exposição (PrEP).

**Número de participantes incluídos no Brasil: 10**

**Previsão de início do estudo: 01/01/2022**

**Previsão de encerramento do estudo: 31/12/2022**

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

**A proponente anexa na Plataforma Brasil os seguintes arquivos contendo os termos obrigatórios:**

Formulário de Informações Básicas

- Termo de Compromisso do Pesquisador

- Folha de Rosto

- Brochura/Projeto de Pesquisa

- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

- Justificativa para ausência de “Termo de Concessão” e do “Termo de anuência da instituição coparticipante”

#### **Recomendações:**

Apresentar, como notificação, via Plataforma Brasil, os relatórios parciais semestrais ou final do projeto, contados a partir da data de aprovação do protocolo de pesquisa, conforme a Resolução CNS 466/2012, itens X.1.- 3.b. e XI.2.d.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Protocolo de pesquisa atende aos preceitos éticos emanados das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Assim, sugere-se parecer de aprovação.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Colegiado homologa parecer de aprovação emitido pelo parecerista.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1813014.pdf	15/10/2021 19:10:42		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODEPESQUISA.pdf	15/10/2021 19:10:09	Felipe Aurélio Euzébio	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMODECONSENTIMENTOLIVREESCLARECIDO.pdf	15/10/2021 19:09:43	Felipe Aurélio Euzébio	Aceito
Outros	JUSTIFICATIVAAUSENSIADETERMOS.pdf	10/09/2021 14:18:19	Felipe Aurélio Euzébio	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMODECOMPROMISSODOPEQUISADOREDAEQUIPEEXECUTORA.pdf	10/09/2021 13:53:22	Felipe Aurélio Euzébio	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	10/09/2021 13:48:18	Felipe Aurélio Euzébio	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

---

SALVADOR, 17 de Novembro de 2021

**Assinado por:**

DANIELA GOMES DOS SANTOS BISCARDE

(Coordenador(a))

### Apêndice C

**Quadro 1 - Revisão Bibliográfica, Banco de Teses e Dissertações CAPES**

<b>Autor(a)</b>	<b>Título</b>	<b>PPG</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano</b>	<b>Objetivos/Resumo</b>	<b>Palavras-Chave</b>
MARINS, Luana Monteiro Spindola	Adesão à Profilaxia Pré-Exposição em Homens que Fazem Sexo com Homens (HSH) e Mulheres Transexuais em Risco de Contrair HIV	Doutorado em Pesquisa Clínica em Doenças Infecciosas (PPGPCD)	Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)	2019	Descrever padrões e correlações da adesão à PrEP entre HSH e TrMT de um projeto demonstrativo (PrEP Brasil); Avaliar efetividade de mensagens de texto (SMS) na adesão à PrEP; Avaliar a adesão autorrelatada da PrEP e suas barreiras e facilitadores; Examinar a concordância entre três medidas de adesão indireta (taxa de posse de medicamento ou MPR, contagem de comprimidos e autorrelato) e níveis de medicamento altamente protetores medidos a partir de sangue coletado em papel de filtro (Dried Blood Spots - DBS) entre participantes retidos por 48 semanas no Estudo PrEP Brasil; Avaliar a eficácia do SMS em melhorar a adesão ao uso diário de FTC/TDF durante o estudo PrEP Brasil.	PrEP; Adesão à PrEP; Facilitadores do uso da PrEP; Barreiras ao uso da PrEP; Prevenção do HIV; América Latina; Detecção de Drogas; SMS.
VILLELA, Larissa Melo	Percepções Sobre o Uso da Profilaxia Pré-Exposição ao HIV (PrEP) e Possível Compensação de Risco Entre Homens que Fazem Sexo com Homens (HSH) e Mulheres Transexuais (TRANS) Potencialmente Elegíveis para o Uso de PrEP no Protocolo PrEP Brasil	Mestrado em Pesquisa Clínica em Doenças Infecciosas (PPGPCD)	Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)	2018	Avançar no entendimento de possível compensação de risco, atitudes e crenças entre potenciais usuários de PrEP, visto que esta foi implementada sem custo no Sistema Único de Saúde (SUS). Trata-se de análise secundária dos dados do estudo PrEP Brasil e é apresentada em formato de artigo. O artigo apresenta uma análise transversal descrevendo prevalência de possível compensação de risco, percepções e crenças sobre o uso de PrEP entre 723 HSH e TRANS incluídos na fase de pré-triagem do estudo PrEP Brasil.	Profilaxia Pré-Exposição; Compensação de risco; Prevenção do HIV; MSM; Brasil.

BRANDAO, Roberto Rubem Da Silva	Profilaxia Pré-Exposição ao HIV (PrEP) no contexto do Processo de Individualização e Saúde	Mestrado em Saúde Pública (PPG-SP)	Universidade De São Paulo (USP)	2018	Compreender, a partir da experiência dos usuários de PrEP, a produção do processo de individualização e saúde. Analisou-se o conteúdo de discussões de um grupo de usuários de PrEP, e de pessoas interessadas no assunto, numa rede social virtual com predominância de gays, bissexuais e outros homens que fazem sexo com homens. Os resultados e discussão foram distribuídos em três artigos científicos: o primeiro, discute os conflitos da experiência dos usuários no contexto da sociedade do risco e da individualização. O segundo explora a produção das dimensões do desejo e do prazer sexual - mediados pela PrEP - na vida dos indivíduos. O terceiro, aproxima e discute a experiência dos usuários de PrEP com processos identitários autoproduzidos na individualização contemporânea.	HIV/AIDS; Individualização; Profilaxia Pré-Exposição; Saúde; Sociedade de Risco.
SILVA, Ana Paula Da	Avaliação da Aceitabilidade e Implicações para o Uso da Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) na Prevenção da Infecção pelo HIV em Coorte de Homens que Fazem Sexo com Homens (HSH) – Projeto Horizonte/UFMG	Doutorado em Infectologia e Medicina Tropical (PPGIMT)	Universidade Federal De Minas Gerais (UFMG)	2018	Avaliar aceitabilidade e conhecer benefícios/barreiras com HSH, HIV negativos (Proj.Horizonte/UFMG) e avaliar a experiência do uso da PrEP entre participantes do ensaio clínico fase I que acompanhou 40 participantes, 4 meses, uso diário de Tenofovir/Lamivudina.	PrEP; Prevenção do HIV; HSH; Estudo qualitativo; Estudo de coorte; Projeto Horizonte.
BARBOSA, Ana Karina Pinto	Profilaxia Pré-Exposição Ao Hiv (Prep): Adesão, Eventos Adversos, Comportamento Sexual e Infecções Sexualmente Transmissíveis	Mestrado em Ciências Da Saúde (PPGCS)	Universidade De Pernambuco (UPE)	2020	O presente estudo é uma coorte prospectiva que incluiu 219 usuários da PrEP acompanhados ao longo de 10 meses em uma capital do nordeste brasileiro. Os dados foram coletados a partir da plataforma de prontuários eletrônicos de usuários da PrEP disponibilizada pelo ministério da saúde do Brasil.	Profilaxia Pré-exposição; Prevenção do HIV; Comportamento Sexual; Infecções Sexualmente Transmissíveis.
GOMES, Fabiane Soares	Fatores Associados à Não-Aceitabilidade da PrEP entre Travestis e Mulheres Transexuais na Região Nordeste do Brasil	Mestrado em Saúde Coletiva (PPGSC)	Universidade Federal Da Bahia (UFBA)	2017	Investigar fatores associados à não-aceitabilidade de usar a PrEP entre travestis e mulheres transexuais residentes em Salvador/Bahia; Estudo transversal, no qual foram recrutadas 127 TrMT via a técnica amostral Respondent Driven Sampling (RDS). A	Infecções por HIV; HIV; Prevenção; Pessoa Transgênero; Aceitabilidade.

					análise de classes latentes (LCA) foi utilizada para identificar aquelas dispostas a usar PrEP a partir das seguintes variáveis: 1-vontade de usar PrEP; 2-disponibilidade para usar a PrEP, se disponível no SUS; 3-vontade de usar PrEP mesmo que tenha que pagar; 4-interesse em usar PrEP mesmo que não seja 100% eficaz; 5-ter menos medo de contrair HIV se usar PrEP; 6-vontade de tomar um comprimido por dia; 7-Conhecimento PrEP. A entropia foi 0,99 indicando boa distinção de classes latentes. AIC e BIC foram utilizados para a seleção do modelo LCA.	
PEREIRA, Carolina Hultmann Goncalves	Avaliação do Uso da Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) ao HIV no Estado do Paraná	Mestrado em Saúde Coletiva (PRPPG)	Universidade Federal Do Paraná (UFPR)	2020	Caracterizar a população que buscou a PrEP no estado do Paraná, o surgimento de infecções sexualmente transmissíveis durante o uso do medicamento, além de verificar comportamentos de risco e resultados de exames laboratoriais. Os dados foram coletados por meio de relatórios do Sistema de Controle Logístico de Medicamentos (SICLOM), em parceria com o Centro de Medicamentos do Paraná (CEMEPAR). Verificou-se que no período de 26 de fevereiro a 31 de agosto de 2018, 255 pessoas buscaram a PrEP no Paraná. Predominam os nascidos do sexo masculino (92,28%), identidade de gênero homem (91,37%), homossexuais (78,04%), entre 20 e 39 anos (83,53%), brancos (71,76%) e com escolaridade igual ou superior a 12 anos de estudo (74,90%). Foram elegíveis 188 pessoas para o uso da PrEP, cujos parâmetros comportamentais e laboratoriais foram comparados em momentos distintos.	Profilaxia Pré-Exposição; HIV; Saúde da População; Medicamentos Sintéticos.

HOAGLAND, Brenda Regina De Siqueira	Conhecimento, Interesse, Decisão Sobre o Uso e Adesão Precoce a Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) entre Homens que Fazem Sexo com Homens (HSH) e Mulheres Transexuais (TRANS) Participantes no Estudo PrEP Brasil	Doutorado em Pesquisa Clínica Em Doenças Infecciosas (PPGPCD)	Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)	2016	Descrever o conhecimento, o interesse e a decisão sobre o uso e a adesão precoce à PrEP entre HSH e Trans, através dos níveis de TDF/FTC medidas em amostras de sangue seco (DBS) coletadas na visita de semana 4 e seus fatores associados no estudo demonstrativo PrEP Brasil; Descrever o conhecimento e interesse da PrEP entre HSH e TRANS participantes do PrEP Brasil; Descrever a decisão de uso e a adesão precoce a PrEP entre HSH e mulheres transexuais através da medição dos níveis séricos de Tenofovir e Emtricitabina em amostras de sangue seco coletadas em papel de filtro (DBS) na semana 4 do estudo PrEP Brasil, assim como seus fatores associados.	PrEP; Prevenção ao HIV; HSH; Mulheres Transexuais e Travestis; Conhecimento; Aceitabilidade; Níveis de Droga; Adesão.
OSCAR, Raquel Cardoso	Pílulas Diárias Anti-Hiv: A Construção de uma Narrativa Antropológica sobre a Profilaxia de Pré-Exposição à Aids (Prep)	Doutorado em Saúde Coletiva (PPGSC)	Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro (UERJ)	2019	Esta tese efetua uma análise antropológica sobre o fenômeno das Profilaxias Medicamentosas da Aids, em especial a PrEP (Profilaxia de Pré-Exposição ao HIV). O recorte incide sobre as narrativas hegemônicas em torno desta modalidade de prevenção sexual e a noção de sujeito subjacente às mesmas, bem como os fundamentos ideológicos dessa tecnologia, definida como uma “nova saída” preventiva do HIV. Foi empreendida uma análise documental de guias e diretrizes internacionais produzidas pela OMS e UNAIDS para a adoção global da PrEP, conjuntamente ao exame do protocolo brasileiro. Foram também realizadas entrevistas com atores-chave que participam ou participaram do processo de implementação nacional da PrEP.	Neoliberalismo; Sexualidade; Risco; Indivíduo; PrEP; HIV/Aids.
MAIA, Elizabete Batista Rezende	Aceitabilidade à Profilaxia Pré-Exposição ao HIV pelas Travestis e pelas Mulheres Transexuais: uma Revisão Sistemática	Mestrado em Enfermagem (PPGEnf)	Universidade Federal Do Estado Do Rio De Janeiro (UNIRIO)	2019	Conhecer a aceitabilidade à PrEP pelas travestis e mulheres transexuais descrita na literatura.	Aceitabilidade; Mulher transexual; Profilaxia pré-exposição ao HIV; Revisão sistemática; Travesti.

BATISTA, Amanda Trajano	Prevenir ou Remediar? Atitudes dos Profissionais de Saúde Frente à Profilaxia Pré-Exposição ao HIV/AIDS	Mestrado em Psicologia Social (PPGPS)	Universidade Federal Da Paraíba (UFPB)	2017	Analisar as atitudes dos profissionais da área de saúde sobre a utilização da Profilaxia Pré-exposição (PrEP). Tratou-se de um estudo exploratório e descritivo, de caráter quantitativo e qualitativo. A amostra foi composta por 68 profissionais de saúde que atuam no contexto do HIV/Aids. Utilizou-se um questionário sociodemográfico e profissional, a fim de caracterizar os participantes e, em seguida, foram realizadas entrevistas individuais, segundo o procedimento de Evocação-Enunciação-Averiguação com a finalidade de pôr em destaque a perspectiva dos profissionais de saúde sob a PrEP. Os participantes foram abordados em serviços especializados em Aids, assim como em um evento científico sobre HIV/Aids. Os dados quantitativos oriundos do questionário foram analisados por meio de estatísticas descritivas utilizando-se o SPSS versão 20. Já os dados qualitativos foram analisados por meio de análise de conteúdo, com base no procedimento de categorização temática proposta por Figueiredo (1993).	HIV/Aids; Profilaxia Pré-Exposição; Profissionais de saúde.
SOARES, Flavia Moreira	Bioética e Profilaxia Pré Exposição (PrEP) na Prevenção da Infecção pelo HIV em Adolescentes: uma Revisão Integrativa da Literatura	Mestrado em Saúde Coletiva	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	2019	Analisar os problemas éticos identificados na literatura, referente à utilização da PrEP por adolescentes à luz da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos. Metodologia: revisão integrativa da literatura científica para identificar estudos sobre questões éticas relacionadas à PrEP em adolescentes, que resultou em dezesseis artigos selecionados.	Bioética; Controle de doenças transmissíveis; HIV; Prevenção primária; Saúde do adolescente; Saúde sexual.

COSTA, Stephanie Lyanie de Melo e	Risco, Biomedicalização e AIDS: Cobertura Jornalística sobre Métodos Biomédicos de Prevenção ao HIV	Doutorado em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS)	Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)	2019	<p>Empreendemos dois movimentos de análise. No primeiro, observamos: os jornalistas assinantes, as fontes mais ouvidas, os recursos gráficos mais utilizados, a quantidade de textos por método e sua distribuição no tempo, o tamanho médio dos espaços ocupados e a menção a outros métodos preventivos. Observamos somente para a PrEP: as editorias nas quais foi publicada, as chamadas de capa e a autoria dos textos opinativos. Em um segundo movimento de análise, sob o aporte da Análise de Discurso (Pêcheux e Orlandi), investigamos como a lógica do risco manifesta-se na cobertura d'O Globo acerca da PrEP, visando: a) identificar e problematizar o papel desempenhado pelo conceito de risco nas explicações sobre a epidemia, na definição das populações mais vulneráveis e na atribuição de responsabilidades individuais e coletivas na narrativa jornalística; b) mapear e contextualizar as principais questões priorizadas na cobertura e, por consequência, as silenciadas. Identificamos nos jornais um silenciamento sobre os métodos preventivos, marcado pelo baixo quantitativo de textos.</p>	HIV/AIDS; Jornalismo; Risco; Biomedicalização; Análise de discurso; Prevenção.
-----------------------------------	---	---	---------------------------------	------	---	--

KOLLING, Ana Francisca	Prevenção Combinada e Trabalho Sexual: Combinam? Fatores Associados ao Acesso e a Utilização de Métodos de Prevenção	Doutorado em Saúde Coletiva (PPGSC)	Universidade De Brasília (UnB)	2020	<p>Identificar e descrever características de acesso e utilização dos insumos de prevenção combinada do HIV entre MTS; avaliar o nível de conhecimento sobre PEP e PrEP, a frequência de utilização do preservativo feminino, a frequência de realização de teste rápido para HIV, Sífilis e Hepatites virais e analisar fatores associados. Métodos: Estudo epidemiológico transversal, utilizando o método Respondent Driven Sampling (RDS). Realizamos análise descritiva para conhecer as principais características relacionadas ao acesso e utilização de insumos de prevenção combinada do HIV e registrar características de utilização dos serviços de saúde. Para investigação dos fatores associados aos desfechos de interesse foram realizadas análises bivariadas e aplicados testes de hipóteses correspondentes (Qui-quadrado e quando necessário teste de Fisher), calculados os respectivos intervalos de confiança de 95%, as razões de prevalência e os respectivos valores p. Posteriormente foi utilizado o modelo de regressão de Poisson, usando como medida de associação o Odds Ratio.</p>	HIV; Prevenção; Trabalho Sexual.
------------------------	--	-------------------------------------	--------------------------------	------	--	----------------------------------

FERRARI, Felipe Cavalcanti.	Perseguindo uma Inovadora Promessa em Tempos de Retrocessos: o Debate Público sobre HIV/AIDS em Porto Alegre e a Emergência da Profilaxia Pré-Exposição (PREP).	Mestrado em Antropologia Social (PPGAS)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	2019	Explorar a emergência da Profilaxia Pré-Exposição (PrEP), enquanto uma importante “inovação” biomédica no campo da prevenção ao HIV/AIDS, considerando a proeminência de um debate público mais amplo sobre a epidemia na cidade de Porto Alegre. Parte-se de discussões acerca do processo de biomedicalização da resposta à epidemia e da presença de movimentos sociais na constituição do que chamo de um debate público, entendido como parte integrante das políticas de produção do conhecimento que cercam o HIV/AIDS. Nesse sentido, procura-se reconhecer e explorar diferentes temporalidades associadas a um momento em que se manifesta a consolidação de importantes promessas no campo, ao mesmo tempo em que são notados retrocessos marcantes na política nacional de resposta à epidemia.	HIV/AIDS; Profilaxia Pré-Exposição (PrEP); Biomedicalização; Movimentos Sociais; Antropologia da Ciência.
JUNIOR, Eladio Fernandes De Carvalho	(De)leites (PrEP)arados: uma Etnografia sobre a Profilaxia de Pré-Exposição ao HIV em Anápolis/GO	Mestrado em Antropologia Social (PPGAS)	Universidade Federal de Goiás (UFG)	2020	Interpretar como a PrEP se inseriu como método de prevenção entre homens que vivenciam o homoerotismo na cidade de Anápolis-GO. Nesse sentido, a etnografia aborda alguns eixos: como diversas temporalidades são acionadas quando se trata de uma medicação que previne do vírus HIV; como foi minha experiência de profissional da saúde conduzindo uma pesquisa antropológica; quais questões, além do “medo da doença”, meus interlocutores acionam ao falar de seus sentimentos como usuários da PrEP – tais como a fofoca, que ocorre ao estar em uma unidade de saúde que promove prevenção, diagnóstico e o tratamento do HIV. Por fim, etnógrafo narrativas sobre as fronteiras entre o prazer e o perigo nas quais habita a PrEP, não fazendo dela um elemento essencial na realização dos desejos e sim como sua coautora, quando se trata da análise da busca por mais prazer nas relações sexuais.	HIV; PrEP; Homoerotismo; Temporalidades; Fofoca; Prazer.